

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: HISTÓRIA,
POLÍTICA, SOCIEDADE

NATAN MORAES DE CARVALHO

O ESTAGIÁRIO FUTURO PROFESSOR E O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO
NA CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE

SÃO PAULO
2024

NATAN MORAES DE CARVALHO

**O ESTAGIÁRIO FUTURO PROFESSOR E O ESTÁGIO NÃO OBRIGATÓRIO
NA CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DOCENTE**

Dissertação apresentada à Banca de DEFESA da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como parte das exigências para obtenção do título de MESTRE em Educação: História, Política, Sociedade, sob a orientação da **Profa. Dra. Luciana Maria Giovanni**

**SÃO PAULO
2024**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Luciana Maria Giovanni
Orientadora (PUC-SP)

Prof^a. Dra. Ana Paula Ferreira da Silva
Examinadora Interna (PUC-SP)

Prof^a. Dra. Lúcia Matias da Silva Oliveira
Examinadora Externa (FIP e FCL)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 88887.675821/2022-00.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Finance Code 88887.675821/2022-00.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de comemorar, há dois anos foi dada a largada em rumo ao pódio, onde o prêmio seria a formação em uma Pós Graduação de Mestrado, no entanto, no decorrer desse tempo, conquistei muito mais que um título acadêmico, consegui chegar ao pódio do conhecimento científico, e social, além de obter diversas conquistas no que se refere ao desenvolvimento de amizades com amigos de turma e com os professores.

Foram dois anos emocionantes, como pedagogo que ama fábulas, contos e poesias, por meio destes gêneros literários quero ilustrar o quão foram emocionantes estes dois anos que foram como um conto de fadas, nesse enredo enfrentei monstros, bruxas, vilões, por muitas vezes envolto a florestas sóbrias e vales desertos, porém, neste enredo encontrei pessoas que foram como fadas madrinhas, príncipes, princesas, reis, rainhas, e muitos seres de luz que me ajudaram a chegar ao meu final feliz que é a minha titulação de Mestre em Educação, e é a todos estes personagens a quem eu quero imensamente agradecer.

Por isso quero agradecer acima de tudo ao meu DEUS DE MARAVILHAS, que sempre me deu forças para me manter de pé diante das dificuldades e obstáculos que encontrei durante toda a minha vida, assim, sempre me protegendo, me dando força, quero agradecer ao DEUS DO UNIVERSO acima de tudo por esta conquista, como já dizia o salmista: “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo à sombra do Onipotente descansará, direi do SENHOR: Ele é o meu Deus, o meu refúgio e a minha fortaleza”. Salmo 91. Dedico meu louvor e agradecimento ao Mestre Jesus, que foi e é um grande exemplo de professor, que ensinou os seus alunos (a humanidade) a mais linda lição de vida que é o amor, utilizando as mais nobres metodologias que são: o perdão, o respeito e o amor.

Quero agradecer a minha família, a minha amada mãe, Maria das Graças de Moraes Carvalho, a minha Rainha, que sempre esteve ao meu lado, muitas vezes abrindo mão de seus sonhos para que eu pudesse realizar os meus, além de seu amor que é o que me revigora a cada dia, gratidão por ser a minha melhor amiga, minha razão de viver, o sol que me ilumina e que me faz resplandecer, COMO É GRANDE O MEU AMOR POR VOCÊ, como também

ao meu pai, José Ites Carvalho, que sempre me motivou a estudar, me dando incentivo e gosto pela leitura desde a minha infância e a minha irmã Tarcila Moraes de Carvalho que me inspirou aos estudos por ver sua dedicação aos mesmos, ao meu lindo sobrinho Benício de Moraes Neiva, meu príncipezinho, e ao meu cunhado Ruben Neiva.

Dedico também meus agradecimentos ao meu avô José Cícero de Moraes (*in memorian*), a minha avó Anaíde Maria de Moraes (*in memorian*) a todos os primos e primas: Luís Germano, Josiana, Josié, Ordônio, Maria Felícia, Rafael, Carolina, Vinícius, Valentina, Cícero Neto, Ana Catarina, Filipe, Maísa, Caroline e Beatriz, em especial minha amada prima e amiga Michelle Moraes, que mesmo distante sempre esteve perto através da alma, gratidão por sempre me ajudar na minha evolução espiritual e humana, por ser minha confidente, por todo apoio, atenção, amor e carinho, amo muito você.

Aos amados tios e tias: Jacilene Moraes, Deusaíde Moraes, Dalva Moraes, Mazé Lopes, Socorro Moraes, Elizangela Moraes, Avelar Moraes, e em especial ao meu amado tio Jonas Rodrigues de Moraes que sempre me motivou a buscar o crescimento educacional, social e humano, sendo para mim um exemplo de superação, inteligência e humanidade, serei imensamente grato a você por ter sido o propulsor no início dessa iniciação ao mestrado em São Paulo, você é o meu Anjo de luz.

Quero expressar a minha profunda gratidão a minha tão amada tia Aparecida Rodrigues de Moraes, minha fada madrinha, que sempre me acolheu com muito afeto, luz e amor, serei imensuravelmente grato por tudo que fez por mim, por todas as vezes que trouxestes luz a minha vida através do seu amor, carinho e cuidado, fazendo com que tudo se tornasse mais leve, alegre e mágico.

Nesta direção, manifesto meus agradecimentos profundos ao meu querido tio José Raimundo de Moraes, por ter me acolhido em sua casa, me prestando todo apoio, o que permitiu com que eu pudesse estar em São Paulo na realização deste sonho, que é a minha titulação mestrado.

Dedico meus agradecimentos aos meus avós paternos Licinha Moraes Carvalho (*in memorian*), João Ferreira de Carvalho (*in memorian*), assim como às minhas tias paternas: Irene Moraes (*in memorian*), Irací Moraes (*in memorian*), em especial às minhas amadas tias: Fátima Moraes, Nazaréth

Moraes, Hilsa Moraes, Jeane Moraes, Iraí Moraes, Írisdalva e Rita de Cássia, que durante esta trajetória de mestrado me deram apoio em orações, conversas, carinho, atenção e achemo.

Neste contexto, manifesto a minha gratidão aos meus estimados tios e padrinhos Eudo Feitosa e Alaíde Moraes, que sempre me receberam com alegria, afeto e amabilidade, e que nesta reta final me acolheram em sua casa me prestando este apoio pelo qual serei eternamente grato.

Expresso os meus agradecimentos a todos os primos e primas: Claudiane, Carol, Juliana, Rafael, Vitória, Patrícia, Isabella, Amanda, Camila, Daniela, Isabela, Daniel, Manuela e em especial meu amado primo Gabriel Moraes, que deste quando estava no Piauí me apoiou e me motivou a vir à São Paulo para realizar o mestrado, além de primo, é um grande amigo, sempre amoroso, atencioso e afetuoso.

Agradeço também a todos os meus amados amigos de longa data: Francisco Mendes, Soraia Marques, Rafael Santiago, Mara Silvia, Rejane Dornel, Priscila Moraes, Ludimila Moraes, Denise Mauriz, Débora Cyra, Vinícius Cesar, Karina Kazé, Tamara Lohana, Alba e Crys Aline que sempre estiveram ao meu lado me apoiando.

Dedico afetosamente este trabalho aos amados amigos e girassóis que encontrei durante esta jornada em São Paulo: Eduardo Santiago, Marcus Vinicius, Juciel Tavares, Nico Azaiab, Vitor Bettoi, Josafá Rohde, Sarah Vieira, Ricardo Rodrigues, Luís Luchine, Jhow Marin, Yanni Farjado, Leonardo Kaippert, Amaurí Nasciento, Rafael Pasito, Allonso Bittencourt, Ronaldo Alves, Nelsinho Filho, Flávia dos Prazeres e Paolla Andrade.

Expresso carinhosamente minha dedicatória também aos amigos e vizinhos: Sheirley, Fernando, Jackley, Rony, Iolanda, Joaquim, Walquíria, Luzia e Jeane, que por muitas vezes sempre foram atenciosos e gentis para comigo e à minha família, como diz em Provérbios 27:10: “Melhor o vizinho próximo do que o irmão distante”.

Aos meus amigos do Programa EHPS-PUC/SP, Walentina, Fiana, Juliana, Zelly, Marcela e Priscila, como também quero agradecer a todas as colegas da turma, pois todas contribuíram de alguma forma para minha formação profissional e pessoal.

Agradeço imensamente a todos os meus professores, desde os da Educação Infantil até os do Ensino Superior e Pós Graduação, que contribuíram de forma significativa no processo de minha formação, em especial aos meus professores do EHPS-PUC/SP, que através de seus conhecimentos científicos e que também de forma afetiva conquistaram a minha profunda admiração: Luciana Maria Giovanni, Ana Paula Ferreira, Carlos Antônio Giovanazzo, Alda Junqueira Marin, Leda Maria de Oliveira, Daniel Ferraz, José Geraldo Silveira, Kazumi Munakata, entre outros.

Dentre estes professores a qual agradeço, quero me gratificar imensamente a minha tão querida orientadora, professora Dra. Luciana Maria Giovanni, que me fascinou com sua inteligência, competência, delicadeza, carinho, afeto, compreensão e doçura, obrigado pela confiança neste trabalho, pelas orientações no decorrer desta pesquisa, por todo seu conhecimento, saber e sapiência que me fizeram aprender grandiosamente, agradeço a mesma por me orientar na elaboração deste trabalho.

Expresso minha profunda gratidão à querida Betinha do programa EHPS-PUC/SP, que sempre se colocou à disposição e sempre se prestou altruísta, solidária e atenciosa em ajudar e orientar no que fosse preciso, sempre com muita alegria, generosidade e afeto.

Quero me gratificar imensamente a professora Dra. Antonia Dalva França de Carvalho, que sempre me despertou imensa admiração por seu capital cultural, sua grande sapiência e por sua elegância, minha imensa gratidão a esta magnífica pessoa pela oportunidade de agregar a cada dia mais conhecimentos em sua companhia quando participei de programas na UFPI que me agregaram grandes conhecimentos – e quero agradecer aos colegas que também participaram junto comigo dos programas OBEDUC (Observatório da Educação), PIBID (Programa de Iniciação à Docência) e ao NIPEPP (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa Epistemológica da Prática Profissional), onde conheci e aprendi coisas maravilhosas.

Dedico minha imensa gratidão a professora da Universidade Federal do Piauí – UFPI, Prof^a. Dr^a. Ágata Laisa pelo apoio que me prestou durante a coleta de dados desta pesquisa, ao facilitar o acesso aos sujeitos que contribuíram para a realização deste trabalho.

Atribuo também os meus agradecimentos à Escola Municipal Simões Filho, onde realizei meu estágio não obrigatório durante dois anos, foi neste espaço que pude aprender a aliar a teoria que aprendi na Universidade com a prática docente em sala de aula, quero agradecer a Gestão, aos incríveis colegas de profissão em especial as professoras: Shirley, Ana Lúcia, Luana, Eliete, Amanda, Fernanda, Isana, Fabiana, Baby, Mara, Lourdinha, Mazé, Lívia, Érica, Iêda, Gilzandra, Gislene e Ângela, aos colegas da secretária, vigias, zeladoras, à Coordenadora Pedagógica Francisca e impreterivelmente aos meus amados alunos, pois foi com eles que também que aprendi a ser professor, aprendi com eles que o afeto é uma das melhores metodologias na prática educativa.

Meu muito obrigado aos colegas que contribuíram para a construção desse trabalho através das narrativas da entrevista, ao conceder informações que contribuíram para efetivação desta pesquisa científica.

Às professoras: Dra. Maria Cristina Danham Simões, Dra. Ana Paula Ferreira e Dra. Lúcia Matias da Silva Oliveira, que gentilmente aceitaram o convite para participar de minhas bancas de qualificação e de defesa.

A todos que não foram citados, mas que contribuíram de alguma forma durante todo esse processo, que hoje me objetivou a vitória.

A todos vocês, muitíssimo obrigado! GRATIDÃO.

CARVALHO, Natan Moraes de. **O estagiário futuro professor e o estágio não obrigatório na construção da formação docente**. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade). São Paulo: PUC/SP-Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade, 2024.

RESUMO

Esta Dissertação pretende contribuir com a discussão acerca da formação de estagiários, alunos de licenciatura em Pedagogia, investigando as potencialidades formativas do estágio não obrigatório oferecido pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de Teresina-PI. Foram **perguntas norteadoras** da pesquisa: Quais motivações levam o licenciando de pedagogia ao estágio não obrigatório? Quais são, na visão dos estagiários, os conhecimentos construídos nas vivências do estágio não obrigatório nas escolas da SEMEC – (Secretaria Municipal de Educação e Cultura). No que o estágio não obrigatório contribui para sua formação profissional? Como os estagiários relatam conduzir as práticas educativas e as ações pedagógicas desenvolvidas no estágio? Que dizem os documentos orientadores sobre os estágios curriculares obrigatórios e os não obrigatórios? A pesquisa tem como **objetivo geral**: identificar quais conhecimentos docentes o aprendiz de professor afirma construir por meio do estágio não obrigatório nas escolas da SEMEC/Piauí. E como **objetivos específicos**: conhecer de que forma os estagiários compreendem e expressam a alternância estabelecida entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório); identificar os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários; e analisar as orientações legais sobre estágios nas licenciaturas (os curriculares obrigatórios e os não obrigatórios). As **hipóteses** investigadas ligam-se às ideias de que: a) os estagiários compreendem e expressam a importância do estágio para sua formação e para o conhecimento do dia a dia da profissão, mas pouco se referem ao processo de alternância entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório); e b) os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários, estão ligados diretamente às situações práticas vividas e não a reflexões conceituais. Trata-se de pesquisa de natureza qualitativa, cuja **coleta de dados** se deu por meio de **questionários** aplicados a uma turma de 17 alunos/as estagiários/as, concluintes de curso de Pedagogia, além de **entrevista individual** e **narrativas escritas** sobre as experiências de formação no estágio não obrigatório com quatro desses alunos/as. A pesquisa utilizou ainda a **análise de documentos**, focalizando a legislação e normativas específicas sobre o estágio não obrigatório no Estado do Piauí. Fornecem **apoio teórico** para a pesquisa os seguintes autores: Tardif, Shulman, Pimenta, Anastasiou, Lucena Lima, Malglaive, Marcelo, Fazenda, Giesta e Freire. Os resultados obtidos confirmaram, em parte, a hipótese norteadora da pesquisa, constatando-se que, embora os estagiários revelem compreender a importância do estágio para sua formação e para o conhecimento do dia a dia da profissão, a forma como se referem ao processo de alternância entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório) revela uma visão mecanicista dessa relação, como se a teoria fosse algo a ser mecanicamente aplicado à prática. Parece escapar aos estagiários que a docência se refere a um campo teórico-prático, no qual as questões teóricas emergem da prática e nela se materializam. Ainda assim fica clara, para todos os alunos estagiários, a contribuição do estágio não remunerado para a construção da formação docente e para a aprendizagem da profissão de professor.

Palavras-chave: Estágio não obrigatório – Estado do Piauí; aprendizagem da docência; formação de professores; conhecimentos docentes.

CARVALHO, Natan Moraes de. **The future teacher intern and the non-mandatory internship in the development of the teacher formation.** Thesis (Master's degree in Education: History, Politics, Society). São Paulo: PUC/SP- Graduate Program in Education: History, Politics, Society, 2024.

ABSTRACT

This research intends to contribute to the discussion about the formation of interns, students of the undergraduate teacher education course of Pedagogy, investigating the formative potential of the non-mandatory internship offered by the *Federal University of Piauí (UFPI)* in a joint project with the *Municipal Department of Education (SEMEC) of the city of Teresina-PI*. The **guiding questions** of the research were: Which motivations lead the undergraduate students of Pedagogy to the non-mandatory internship? According to the interns, what are the knowledges built within the non-mandatory internship in the schools of SEMEC (Municipal Department of Education and Culture)? How does the non-mandatory internship contribute for the professional formation? How do the interns describe the conduction of the educational practices and the pedagogical actions developed in the internship? What information do the guiding documents about the compulsory curricular internships and the non-mandatory internships bring? The **main objective** of the research is to identify which teaching knowledges the future teacher student affirms to build through the non-mandatory internship in the schools of SEMEC/Piauí. As for the **specific objectives**, we intend to know how the interns understand and express the alternance established between the theory (the university classes) and the practice (activities developed in the non-mandatory internship); to identify the knowledge built during the non-mandatory internship, according to the interns themselves; and analyze the legal orientations about the internships in the undergraduate teacher education courses (the compulsory curricular and the non-mandatory internships). The **hypotheses** investigated are linked to the ideas that: a) the interns understand and express the importance of the internship for their formation and for the day by day knowledge of the profession, however they refer too little to the process of alternance between the theory (the university classes) and the practice (activities developed in the non-mandatory internship); and b) the knowledge built during the non-mandatory internship, according to the interns themselves, is directly linked to the practical situations lived and not to the conceptual reflections. This research has a qualitative nature, whose **data** was collected by means of **questionnaires** applied to a class of 17 senior students-interns, from the last period of the Pedagogy course, besides an **individual interview** and **written narratives** about the experiences of formation in the non-mandatory internship with four of these students. The research also used the **documental analysis**, focusing on the legislation and specific normative about the non-mandatory internship in the state of Piauí. The following authors provide **theoretical support** for the research: Tardif, Shulman, Pimenta, Anastasiou, Lucena Lima, Malglaive, Marcelo, Fazenda, Giesta, and Freire. The results partially confirmed the research hypothesis, determining that, although the interns reveal to understand the importance of the internship for their formation and for the day by day knowledge of the profession, how they refer to the process of alternance between the theory (the university classes) and the practice (activities developed in the non-mandatory internship) reveal a mechanist view of this relation, as if the theory were something to be mechanically applied to the practice. It seems that the interns do not realize that the teaching profession concerns a theoretical-practical field, in which the theoretical issues emerge from the practice and materialize. Yet, it is evident to the students-interns the contribution of the non-mandatory internship for the development of the teacher formation and for the learning of the teaching profession.

Keywords: Non-mandatory internship – Piauí state; learning of teaching; teacher formation; teacher knowledge.

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 1: Roteiro para análise de documentos.....	p. 78
APÊNDICE 2: Questionário a ser aplicado aos concluintes do curso de Pedagogia/2023.....	p.79
APÊNDICE 3: Orientações para elaboração das narrativas sobre a formação no estágio não obrigatório.....	p.86
APÊNDICE 4: Roteiro para condução da entrevista.....	p.87
APÊNDICE 5: Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE.....	p.88
APÊNDICE 6: Transcrição das entrevistas.....	p.90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento bibliográfico preliminar.....	p.22
Quadro 2: Legislação federal e municipal sobre estágios obrigatórios e não obrigatórios.....	p.38
Quadro3: Perfil dos alunos concluintes da Pedagogia respondentes.....	p.42
Quadro 4: Que dizem os alunos sobre a Universidade e o Curso de Pedagogia.....	p.45
Quadro 5: Que dizem sobre o Estágio não obrigatório os alunos que não participam	p.49
Quadro 6: Que dizem sobre o Estágio não obrigatório os alunos que dele participam	p.49
Quadro 7: As vivências no estágio não obrigatório.....	p.60
Quadro 8: As práticas na docência em sala de aula.....	p.62
Quadro 9: As relações com os alunos no estágio não obrigatório.....	p.65
Quadro 10: Contribuição do estágio não obrigatório para formação e desenvolvimento profissional.....	p.67

LISTA DE SIGLAS

CEUFPI – Centro de Educação da Universidade Federal do Piauí

CIEE – Centro de Integração de Empresa-Escola

NIPPEP – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa Epistemológica do Piauí

PUC – Pontifícia Universidade Católica

SEMEC – Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Piauí

UFPI- Universidade Federal do Piauí

IRA – Índice de Rendimento Acadêmico

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	116
A pesquisa realizada	17
Procedimentos metodológicos	18
Universo da Pesquisa e definição dos sujeitos	19
Procedimentos para coleta dos dados	20
Procedimentos para análise dos dados e apresentação dos resultados	21
2. O CENÁRIO ACADÊMICO: O QUE DIZEM OS ESTUDIOSOS SOBRE A TEMÁTICA	23
2.1 Revisão bibliográfica: que dizem alguns estudos já realizados sobre a temática.....	23
2.2 Apoios teóricos: primeiras aproximações	27
2.2.1 Sobre estágio curricular e estágio não obrigatório	27
2.2.2 Sobre formação profissional e conhecimentos básicos para a docência.....	31
3. QUE DIZEM OS DOCUMENTOS ORIENTADORES SOBRE OS ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS E OS NÃO OBRIGATÓRIOS.....	39
4. QUEM SÃO E O QUE DIZEM OS ESTAGIÁRIOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL	43
4.1 Que dizem os alunos sobre o Estágio não obrigatório	50
4.2 As narrativas sobre o Estágio não obrigatório.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIA.....	76 Erro! Indicador não definido.

A educação não transforma o mundo,
educação muda as pessoas. Pessoas
transformam o mundo.

(FREIRE, 1979, p. 84)

1 INTRODUÇÃO

O desejo de estudar esta temática surgiu com as práticas vivenciadas no estágio realizado na Escola Municipal Simões Filho, em Teresina, capital piauiense, onde exerci a docência por meio do estágio não obrigatório, como também por meio da participação no grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa Epistemológica da Prática (NIPPEP) na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde desenvolvi o gosto pela pesquisa. É esta a origem de meu interesse em pesquisar com mais afinco o perfil e as atividades do professor estagiário da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), oriundo da UFPI, os desafios que enfrenta e como conduz a execução da atividade docente, a construção de sua formação docente e as motivações que o levaram ao estágio não obrigatório.

Vale salientar aqui, que em diferentes momentos desta dissertação aparecerão diferentes denominações para fazer referência a esse *estagiário do Curso de Pedagogia, futuro professor* que procura o estágio não obrigatório: *professor estagiário, aprendiz de professor, estagiário futuro professor, professor estagiário* – que são expressões comumente utilizadas entre eles próprios estagiários, entre eles e seus professores formadores da Universidade e entre eles e os professores da escola básica. Não há diferenças entre essas denominações, todas se referem a alunos concluintes do curso de Pedagogia, em exercício docente no estágio remunerado não obrigatório.

Em muitas escolas, esse aprendiz de professor, desenvolve ações tão importantes quanto os professores efetivos. Isso ocorre pelo fato de eles estarem em busca de compreender e descobrir, na prática, sua futura profissão. Em muitos casos, conseguem realizar determinadas atividades que desenvolveriam apenas quando estivessem formados. Assim, estes sujeitos se veem na situação de realizar tais atividades mesmo antes de concluírem a licenciatura, na tentativa de unir a teoria aprendida na academia à realidade educacional vivida nas escolas e de construir sua formação docente por meio das experiências vivenciadas nesse estágio não obrigatório.

Segundo Ostetto (2008), o estágio, seja em que modalidade for, proporciona ao aluno universitário a oportunidade de desenvolver um conjunto de habilidades, por meio de situações vivenciadas no cotidiano escolar, além

da progressiva construção de valores significativos na interação social, como a autonomia, a reflexividade e a cooperação social entre os sujeitos que estão inseridos no âmbito da escola. Neste caso, o estágio propõe um espaço para o desenvolvimento da atividade docente e para conviver com os outros professores.

Neste sentido, vale ressaltar a diferenciação entre o estágio não obrigatório e o estágio supervisionado. De acordo com DECRETO Nº 13.162, DE 8 DE ABRIL DE 2013 o estágio não obrigatório é aquele em que o graduando poderá exercer a docência sem a necessidade de ser avaliado pelo professor para obtenção da nota e aprovação em uma disciplina. O estagiário que desenvolve o estágio não obrigatório recebe uma remuneração pela atividade docente realizada, seja em escolas públicas e/ou privadas.

Já no estágio supervisionado, o graduando obtém notas para aprovação na disciplina, é supervisionado, orientado e avaliado pelo professor universitário e não obtém remuneração para execução do estágio. Vale frisar, ainda, que ambas as modalidades de estágio visam o desenvolvimento profissional do futuro professor.

No que diz respeito à construção da formação docente, Nascimento e Mourão (2011) afirmam que o trabalho docente requer do professor um conhecimento especializado acerca do ensinar/aprender e que este conhecimento pode ser produzido em diferentes instancias, no entanto, considera-se que cabe à formação profissional propiciar ao futuro professor o acesso aos saberes pertinentes à profissão docente. No caso específico da pesquisa aqui proposta, a atenção se volta, especificamente, para os estágios não obrigatórios e seu impacto na formação dos estagiários, futuros professores.

Com relação à pesquisa aqui relatada sobre a temática do professor estagiário da SEMEC e a construção da formação docente, buscou-se responder as seguintes **perguntas de pesquisa:** **(a)** Quais motivações levam o licenciando de pedagogia ao estágio não obrigatório? **(b)** Quais são, na visão dos estagiários, os conhecimentos construídos nas vivências do estágio não obrigatório nas escolas da SEMEC? No que o estágio não obrigatório contribui para sua formação profissional? **(c)** Como os estagiários relatam conduzir as práticas educativas e as ações pedagógicas desenvolvidas no estágio? e **(d)**

Que dizem os documentos orientadores sobre os estágios curriculares obrigatórios e os não obrigatórios?

Com relação aos **objetivos**, a pesquisa se propõe como **objetivo geral**: identificar quais conhecimentos docentes o aprendiz de professor afirma construir por meio do estágio não obrigatório nas escolas da SEMEC/Piauí. Como objetivos específicos procura-se: **(a)** conhecer de que forma os estagiários compreendem e expressam a alternância estabelecida entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório); **(b)** identificar os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários; e **(c)** analisar as orientações legais sobre estágios nas licenciaturas (os curriculares obrigatórios e os não obrigatórios).

Quanto às **hipóteses** formuladas, entendeu-se que: **(a)** os estagiários compreendem e expressam a importância do estágio para sua formação e para o conhecimento do dia a dia da profissão, mas pouco se referem ao processo de alternância entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório); e **(b)** os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários, estão ligados diretamente às situações práticas vividas e não a reflexões conceituais.

No que tange aos **procedimentos metodológicos**¹, vale destacar aqui que, para a construção e desenvolvimento desta pesquisa optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa e etnometodológica de pesquisa.

Qualitativa porque fornece uma visão holística do fenômeno investigado, levando em conta a relação da reciprocidade entre seus componentes diante da totalidade da situação. A preferência por este tipo de estudo está no fato de investigar a atuação do docente estagiário relacionada aos desafios enfrentados na execução do estágio, às condições e recursos institucionais, bem como às concepções que geram o trabalho educativo no âmbito da escola pública (OSTETTO, 2008).

¹ Esta Pesquisa foi avaliada nos aspectos éticos, de acordo com o estabelecido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, segundo o qual, a pesquisa é de responsabilidade de todos os agentes envolvidos na mesma (pesquisador, orientador e Colegiado da Instituição de origem da pesquisa, no caso EHPS/PUC-SP). Assim procurou-se atender aos procedimentos previstos pelo referido Comitê de Ética, conforme Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disponível no Apêndice E.

Vale ressaltar que a abordagem qualitativa, conforme Lüdke e André (1986) e Patton (1980), permite o acesso à percepção subjetiva dos acontecimentos observados por parte do pesquisador, sem que se descaracterize a cientificidade do trabalho de investigação e de formação, o que consideramos uma das principais fortalezas dessa estratégia. Ou seja, seus instrumentos podem nos fornecer uma visão do cotidiano do professor estagiário na execução da atividade docente.

Etnometodologia porque, segundo Coulon (1987), o objeto de estudo impõe a realização de uma pesquisa de campo, em que os dados são coletados na sua fonte natural, permitindo compreender como os sujeitos estudados dão significado às suas práticas em um contexto específico. Além disso, a etnometodologia permite construir a interpretação de um fenômeno pelos sujeitos estudados – a percepção do trabalho docente no estágio não obrigatório pelo próprio estagiário futuro professor e seu impacto na formação profissional.

Tais abordagens permitem perceber os significados expressos pela verbalização dos sujeitos. Optou-se pelo **questionário** e **entrevista semiestruturada** individual, bem como pela produção de **narrativas** escritas sobre as experiências de formação no estágio. Tais opções permitiram acessar as representações dos estagiários sobre os conhecimentos construídos em ação, no âmbito dos estágios não obrigatórios nas escolas da SEMEC.

Em relação ao **universo da pesquisa e definição dos sujeitos**, destaca-se que a pesquisa foi realizada na Universidade Federal do Piauí, em Teresina, com **uma turma de 17 alunos do curso de Licenciatura em Pedagogia, concluintes da graduação no ano de 2023**. Por meio de **questionários**, respondidos presencialmente, em sala de aula, foi possível traçar o perfil dos alunos concluintes do curso. Foram então selecionados **05 graduandos da referida turma**, que concordaram em participar da **elaboração escrita de narrativas** para relatar suas vivências no estágio não obrigatório, suas práticas na docência em sala de aula, suas trajetórias e percursos de desenvolvimento pessoal e profissional – desses 5 alunos, **apenas 4 elaboraram as narrativas** (uma aluna não conseguiu participar). Em seguida realizou-se **entrevista individual presencial com esses 4 alunos/as**, para discutir as narrativas produzidas.

Em relação aos **procedimentos para coleta dos dados**, destaca-se que a coleta dos dados foi realizada, inicialmente, por meio da **análise de documentos**, tal como a concebe Giovanni (1999). Foram utilizados como fontes de informações sobre os estágios obrigatório e não obrigatório em cursos de Pedagogia, a legislação específica e normativas vigentes na esfera federal e do Estado do Piauí. Para tanto, foram observados os seguintes passos: **a)** localizar e selecionar tais documentos; **b)** construir **roteiro para análise dos documentos** (ver Roteiro no **Apêndice 1**); **c)** realizar sua caracterização e **d)** organizar síntese das informações obtidas.

Também foram utilizados **questionários**, que são, assim como as **entrevistas semiestruturadas**, segundo Giovanni (2009), estratégias de interação verbal entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa, que incluem relatos verbais escritos (no caso dos questionários) e orais (nas entrevistas), sobre percepções, sentimentos, motivações, razões, memórias. O **questionário e o roteiro de entrevista foram construídos e testados por meio dos seguintes passos**, conforme propõe a autora: **a)** listagem de tópicos e primeiro esboço, com base nas leituras realizadas e nas questões, objetivos e hipóteses da pesquisa; **b)** primeira versão do questionário e da entrevista e leitura por juiz, neste caso a orientadora, pesquisadora experiente da área; **c)** reexame e revisão das questões; **d)** teste prévio com respondente com características semelhantes, mas não pertencente ao grupo amostral, **e)** novo ajuste das questões e versão final do Questionário (ver **Apêndice 2**) e Roteiro de entrevista (**Apêndice 4**).

A coleta de dados incluiu também a produção de **narrativas escritas** sobre as experiências de formação por quatro estagiários sujeitos da pesquisa, seguidas de entrevista individual, conforme concepções apresentadas por Cunha (1997), Molina e Molina Neto (2012) e Meinerz (2011). O Roteiro orientador da produção das narrativas encontra-se disponível no **Apêndice 3**.

As entrevistas permitiram refletir, com os estagiários, sobre suas narrativas escritas. A entrevista individual, com a discussão das narrativas escritas, constitui um tipo de prática investigativa importante, que traz, segundo Meinerz (2011), a possibilidade da escuta. Para essa autora, saber ouvir é uma postura teórica e metodológica do pesquisador e uma postura política, afetiva e

ética, o que requer “(...) rigor e astúcia no momento de sua implementação prática, observando possíveis tensionamentos e reformulações na execução” (p. 486).

Ou seja, a articulação de narrativas docentes com entrevista individual ou coletiva, pode se tornar “(...) uma estratégia metodológica adequada para investigar os contornos dinâmicos da realidade social da escola e os processos pelos quais os docentes conferem sentido a esse cotidiano” (Molina; Molina Neto, 2012, p. 403-404).

Vale salientar ainda, que cada sujeito respondente recebeu e assinou um Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE – disponível no **Apêndice 5**. Além disso, as entrevistas foram transcritas imediatamente após sua realização (transcrições disponíveis no **Apêndice 6**).

Sobre os **procedimentos para análise dos dados e apresentação dos resultados**, destaque-se que, para Giovanni (1998), o trabalho de organização e análise dos dados e de apresentação dos resultados representa “(...) a percepção do que é relevante, pertinente ou não em todo o material coletado” (p.1). Para a autora, esse trabalho inclui as seguintes etapas: **a)** organizar todo o material, dividi-lo em partes, mapeando e identificando as informações principais em cada fonte de dados; **b)** perceber as relações entre as diferentes fontes de dados, entre elas e os resultados de outros estudos e entre elas e os apoios teóricos utilizados; **c)** realizar o esforço de, progressivamente, responder as questões de pesquisa, objetivos e hipótese; e **d)** apresentar os resultados em quadros-síntese de informações ou outro tipo de representação gráfica (tabelas, esquemas) para melhor compreensão das ideias envolvidas.

Finalmente, resta acrescentar a esta Introdução que a Dissertação apresentada a seguir foi organizada em mais **três seções: a segunda** apresentando o cenário acadêmico sobre a temática em estudo, incluindo o levantamento bibliográfico e os apoios teóricos para a pesquisa; **a terceira** analisando as orientações legais sobre estágios nas licenciaturas (os

curriculares obrigatórios e os não obrigatórios); e **a quarta** destinada à apresentação dos dados coletados por meio do questionário, das narrativas e das entrevistas. Encerram a Dissertação: as Considerações Finais, as Referências e os Apêndices.

2 O CENÁRIO ACADÊMICO: O QUE DIZEM OS ESTUDIOSOS SOBRE A TEMÁTICA

Esta seção está dividida em duas partes: a revisão bibliográfica e os apoios teóricos, que serão apresentados a seguir.

2.1 Revisão bibliográfica: que dizem alguns estudos já realizados sobre a temática

O primeiro movimento para realização desta pesquisa consistiu na busca de autores que já tivessem trabalhado com o tema estágio. Essa busca foi levada a efeito na biblioteca da PUC-SP e resultou na seleção de uma amostra de 16 títulos discriminados, em ordem cronológica, a partir do mais recente, no Quadro 1, apresentado a seguir.

Quadro 1: Levantamento bibliográfico preliminar

Referência	Abordagem
SILVA, DANIEL DE CARVALHO, estágio na formação de professores: um estudo de caso sobre o estágio em gestão do curso de ciências – licenciatura da universidade federal de São Paulo, 2019.	Não é somente discutir e afirmar a importância da formação de professores. É preciso que provoquemos mudanças e que essas ações se reflitam futuramente na carreira de cada licenciando, garantindo, assim, que os saberes sejam complementados e que a formação de professores através do estágio caminhe para um espaço de notoriedade e relevância nas instituições de ensino do país. (SILVA,2019, p. 20)
QUEIRÓS, P. Da formação à profissão: o lugar do estágio profissional. In: BATISTA P.; GRAÇA, A.; QUEIRÓS, P. (Orgs.). O estágio profissional na (re) construção da identidade profissional em Educação Física . Porto: Fadeup; 2014. p. 67-83	A docência é a única profissão na qual o contexto profissional do formando lhe é totalmente familiar, uma vez que dele nunca saiu, ao existir uma mudança de papéis, há necessariamente uma mudança de perspectivas e de olhares sobre a profissão Também, aborda-se a importância dos professores orientadores das universidades no estágio obrigatório. Desta maneira, entende-se que os estudantes podem construir sua identidade profissional desde sua formação inicial e assim, fortalecer a legitimidade da profissão docente em Educação Física. (Queirós, 2014, p. 67-83).
GALINDO, M. A. O professor da escola básica e o estágio supervisionado: sentidos atribuídos e a formação inicial docente. 295 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2012.	Embora o estágio supervisionado seja uma atividade diretamente ligada à formação do licenciando, ele é também um espaço de convívio que não se restringe unicamente a essa formação. O estágio é momento de encontro entre diferentes instituições e diferentes agentes. Nesse sentido, é espaço de atuação e vivência de diferentes visões e significados de cada agente sobre seu papel, sua importância, possibilidades de contribuições, preocupações etc. (Galindo, 2012, p. 18).
SAVIANI, D. Formação de professores no Brasil: dilemas e perspectivas. Poiesis Pedagógica , v. 9, n. 1, p. 7-19, jan./jun. 2011.	Os grandes desafios da formação de professores na atualidade se concentram na defesa da centralidade da educação como locus da formação docente, na oposição à descontinuidade das políticas educacionais, na inserção do jovem candidato ao magistério em um ambiente intenso e de estímulo intelectual, na promoção da articulação entre a teoria e a prática pela

	<p>universidade, e na valorização do trabalho do professor com jornadas de trabalho integral em uma escola e com remuneração adequada e suficiente para o suprimento de suas necessidades.</p> <p>[...] as condições de trabalho docente (através do estágio) têm um impacto decisivo na formação, uma vez que elas se ligam diretamente ao valor social da profissão. Assim sendo, se as condições de trabalho são precárias, isto é, se o ensino se realiza em situação difícil e com remuneração pouco compensadora, os jovens não terão estímulo para investir tempo e recursos numa formação mais exigente e de longa duração. Em consequência, os cursos de formação de professores terão de trabalhar com alunos desestimulados e pouco empenhados, o que se refletirá negativamente em seu desempenho (Saviani, 2011, p. 17)</p>
<p>LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 9. Ed.- São Paulo: Cortez, 2010. – (Coleção Docência em Formação).</p>	<p>Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos escolares e não escolares. [...] Formação continuada pessoal e profissional dos ingressantes da comunidade escolar (incluindo estágios, cursos, reuniões). A escola é um espaço educativo. É lugar de aprendizagem em que todos aprendem a participar de processos decisórios, mas constitui também o local em que seus profissionais desenvolvem seu profissionalismo. (Libâneo, 2010, p. 460)</p>
<p>RIOS, T.A. Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez Editora, 2010.</p>	<p>Essa valorização indica a centralidade que os professores hoje ocupam na definição e implementação de políticas de ensino. Sem sua participação, seu consentimento, seus saberes, seus valores, suas análises na definição de políticas de ensinar, de definir currículos, projetos educacionais e formas de trabalho pedagógico, quaisquer diretrizes, por melhores que sejam suas intenções, não se efetivam. Sem o consentimento dos professores, mudanças não se realizam. (Rios, 2010, p. 12)</p>
<p>GATTI, B. Formação de professores no Brasil: características e problemas. Educação & Sociedade, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, 2010.</p>	<p>Não obstante, as observações largamente difundidas sobre o funcionamento dos cursos de Pedagogia nos autorizam a sugerir que a maior parte dos estágios envolve atividades de observação, não se constituindo em práticas efetivas dos estudantes de pedagogia nas escolas (GATTI, 2010, p. 1.371). No que concerne à formação de professores, é necessária uma verdadeira revolução nas estruturas institucionais formativas e nos currículos da formação. [...] A formação de professores não pode ser pensada a partir das ciências e seus diversos campos disciplinares, como adendo destas áreas, mas a partir da função social própria à escolarização – ensinar às novas gerações o conhecimento acumulado e consolidar valores e práticas coerentes com nossa vida civil.[...] (GATTI, 2010, p. 1375)</p>
<p>PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. Estágio e Docência. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.</p>	<p>O estágio curricular supervisionado é o momento de efetivar, sob a supervisão de um profissional experiente, um processo de ensino-aprendizagem que tornar-se-á concreto e autônomo quando da profissionalização deste estagiário. Entre outros objetivos, pode-se dizer que o estágio curricular supervisionado pretende oferecer ao futuro licenciado um conhecimento do real em situação de trabalho, isto é diretamente em unidades escolares dos sistemas de ensino. Nessa perspectiva, a atividade de estágio fica reduzida à hora da prática, ao “como fazer”, às técnicas a ser empregadas em sala de aula, ao desenvolvimento de habilidades específicas do manejo de classe, ao preenchimento de fichas de observação, diagramas,</p>

	<p>fluxogramas. (p.37)</p> <p>O estágio curricular é atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade, esta sim, objeto da práxis. Ou seja, é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá (PIMENTA; LIMA, 2010, p. 45)</p> <p>O estagiário vai se deparar com muitos professores insatisfeitos, desgastados pela vida que levam, pelo trabalho que desenvolvem e pela perda dos direitos historicamente conquistados, além dos problemas do contexto econômico-social que os afeta. Assim, é comum os estagiários serem recebidos na escola com apelações do tipo: “Desista enquanto é tempo!” e “O que você, tão jovem, está fazendo aqui?” (p. 104)</p> <p>A relação dos saberes teóricos e saberes práticos deve acontecer durante todo o percurso da formação, para oportunizar aos alunos o aprimoramento da sua escolha de ser professor a partir do contato com as realidades de sua profissão</p>
<p>PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2009</p>	<p>À primeira vista, a relação teoria e prática é bastante simples. A prática seria a educação em todos os seus relacionamentos práticos e a teoria seria a ciência da Educação. A teoria investigaria a prática sobre a qual retroage mediante conhecimentos adquiridos. A prática, por sua vez, seria o ponto de partida do conhecimento, a base da teoria e, por efeito desta, torna-se prática orientada conscientemente. O estágio é um componente do currículo que não se configura como uma disciplina, mas como uma atividade, um programa de didática que precisa lançar mão dessa atividade na medida em que ela é propiciadora na inserção dos alunos nas instituições escolares para o conhecimento de como o processo de ensino ai se dá. (PIMENTA, 2009, p. 99)</p>
<p>FELÍCIO, H. M. S.; OLIVEIRA, R. A. A formação prática de professores no estágio curricular. Educar, Curitiba, n. 32, p. 215-232, 2008. Editora UFPR.</p>	<p>Com base em Felício e Oliveira (2008), compreendemos que o estágio se torna um momento oportuno para estreitar a relação universidade x escola, Por ser um componente que, aliado às disciplinas, compõe o currículo do curso, o estágio se apresenta como um elemento que dispõe, simultaneamente, de um espaço/tempo na Universidade e nas Escolas de Ensino Fundamental, futuros campos de atuação profissional dos professores em formação (p. 217).</p> <p>O estágio corresponder às reais necessidades apresentadas pelo cotidiano escolar contemporâneo é um desafio que se coloca a qualquer atividade profissional docente que, atualmente, ultrapassa a prática de aplicar uma teoria aprendida ou repetir procedimentos e/ou metodologias utilizadas em outros contextos anteriores (FELÍCIO; OLIVEIRA, 2008, p. 216).</p>
<p>CAMPOS, Casemiro de Medeiros. Saberes docentes e autonomia dos professores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.</p>	<p>[...] O reconhecimento dos saberes é produzido na experiência, na ação, na prática – e pelas instituições parceiras, onde professores-alunos-profissionais se encontram num espaço fora da universidade, seja no campo de estágio, seja na atividade profissional, para à luz das ciências refletirem sobre o exercício profissional, pondo em prática o que é tematizado teoricamente na universidade”. (CAMPOS, 2007, p.35)</p>
<p>PASSINI, Elza Yasuko. Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado. São Paulo: Contexto, 2007</p>	<p>Passini (2007) também assinala: No estágio colocamos as teorias em prática. Ao voltarmos à sala, analisamos as experiências adquiridas à luz das teorias. O que ocorre é a articulação prática ↔ teoria ↔ prática ↔ teoria. Essa construção relacional é infinita, e quanto mais nos debruçamos sobre a teoria, mais nossa prática pode ser melhorada; quanto</p>

	mais analisarmos as práticas, mais fundamentos podem ser identificados, e a necessidade de busca pelo conhecimento fica instalada. (p.27)
<p>ROLDÃO, M. C. Formar para a excelência profissional – pressupostos e rupturas nos níveis iniciais da docência. Educação & Linguagem, São Bernardo do Campo, ano 10, n. 15, p. 18-42, jan./jun. 2007. Disponível em: https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/EL/article/viewFile/155/165 Acesso em: 23 ago. 2018</p>	A formação inicial só será eficaz se transformar-se em formação em imersão, também transformadora dos contextos de trabalho, feita com as escolas, que, por um lado, coloque os futuros professores em situação que alimente o seu percurso de formação inicial e, por outro, converta as escolas, os jardins de infâncias, os contextos de trabalho em que os nossos profissionais vão atuar, em outras tantas unidades de formação que conosco, ensino superior e investigadores, construam parcerias de formação/investigação, desenvolvidas dentro da ação cotidiana da escola, transformando-a em espaço real de formação profissional permanente. (ROLDÃO, 2007, p. 40)
<p>BARREIRO, Iraíde M. F.; GEBRAN, Raimunda A. Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores. São Paulo: Avercamp, 2006.</p>	Barreiro e Gebran (2006), em relação ao estágio, dizem: deve-se atribuir valor e significado ao estágio supervisionado, considerado não como um simples cumprimento de horas formais exigidas pela legislação, e sim um lugar por excelência para que o futuro professor faça a reflexão sobre sua formação e sua ação, e dessa forma possa aprofundar conhecimentos e compreender o seu verdadeiro papel e o papel da escola na sociedade. (BARREIRO e GEBRAN, 2006, p. 90)
<p>SILVA, M. L. S. F. O Estágio Supervisionado e a Práxis Docente. In: SILVA, M. L. S. F. (Org.). Estágio Curricular: Contribuições para o Redimensionamento de sua Prática. Natal: EdUFRN, 2005. 94 p. Disponível em: www.educ.ufrn.br/arnon/estagio.pdf. Acesso em: 8 jan. 2019.</p>	Redimensionar o estágio, buscando resgatar a sua identidade como componente curricular é um imperativo da universidade comprometida com a formação de profissionais que, no exercício da reflexão, da produção intelectual e da construção do conhecimento, capacitam-se para responder aos anseios da sociedade (SILVA, 2005, p. 18).
<p>CARVALHO, A. M. P. A influência das mudanças da legislação na formação dos professores: as 300 horas de estágio supervisionado. Ciência e Educação (UNESP), Bauru – SP, v. 7, n. 1, p. 113-122, 2001.</p>	Se a relação teoria/prática é importante na construção do conteúdo específico, essa mesma relação torna-se imprescindível no que se refere ao domínio dos saberes integradores. Agora a prática se dá na escola, nos estágios dos cursos de graduação, onde os professores vão procurar estabelecer um vínculo bastante forte entre o saber e o saber fazer (CARVALHO, 2001, p. 119).

Fonte: Organizado pelo pesquisador.

O exame dos dados do **Quadro 1** permite perceber que os autores apontam a importância dos estágios na formação profissional dos professores, seja no que concerne ao domínio dos saberes práticos, seja no que concerne à reflexão teórica sobre tais saberes, reiterando a importância da imersão no contexto de trabalho e a necessária articulação entre a teoria (trabalhada na universidade) e a prática (vivenciada nos estágios).

Nesse conjunto de estudos, a pesquisa aqui relatada traz a contribuição específica de se voltar para uma modalidade distinta de estágio: o

estágio não obrigatório e que ocorre concomitantemente à formação profissional dos futuros professores.

2.2 Apoios teóricos

Esta parte da Dissertação destina-se a apresentar as leituras teóricas realizadas para fundamentar a pesquisa nos dois eixos que a compõem: a concepção de estágio na formação dos professores (o curricular e o não obrigatório), a formação profissional e os conhecimentos básicos para a docência.

2.2.1 Sobre estágio curricular e estágio não obrigatório

Diante do espaço escolar, o estagiário futuro professor se depara com diversos desafios, como por exemplo, a falta de estrutura de muitas escolas, que não disponibilizam a este profissional recursos didáticos e tecnológicos que facilitem os processos de ensino e de aprendizagem dos alunos. Além disso, muitas vezes o estagiário sofre desvalorização profissional pelos colegas de trabalho, vendo seu trabalho diminuído por não terem sua formação acadêmica concluída.

No entanto, a proposta de estágio surge com a intenção de fazer com que haja o desenvolvimento profissional do estagiário, sem se tornar um fardo obrigatório para o professor estagiário, mas sim um espaço para eles desenvolverem habilidades cognitivas, motoras, socioafetivas, entre outras, contribuindo para que o processo de ensino e de aprendizagem dos alunos ocorra de forma prazerosa e significativa.

Como nos diz Ostetto (2008, p. 128):

O estágio deve ser encarado como rumo a si mesmo. Por quê? Porque, quando a estagiária entra em contato com a instituição educativa, descortina-se à sua frente um contexto de relações tão complexas e específicas que a empurram para si mesma. Isto não se dá no sentido de isolá-la, de deixá-la só; ao contrário: ao entrar em contato como o outro, o diferente – instituição, crianças, educadores, profissionais em geral cada pessoa pode “se ver” e, dessa forma aprender mais sobre si mesmo. (OSTETTO, 2008, p. 128).

Assim percebe-se que o objetivo do estágio é contribuir para que haja uma formação holística do sujeito, dando-lhe a oportunidade de desenvolver habilidades cognitivas, motoras e socioafetivas de forma significativa e propiciando-lhe a oportunidade de agregar valores e conhecimentos por meio das ações realizadas na docência-estágio. Ou seja, o estágio torna a formação profissional global, envolvendo todos os aspectos dessa formação: teóricos, práticos, habilidades, competências, valores pessoais, estratégias e valores da área de atuação docente.

Ao ingressar na universidade o discente defronta-se com o conhecimento teórico, no entanto, em muitas situações, é difícil relacionar teoria e prática se o graduando não experimentar situações reais em que será necessário enfrentar o cotidiano da profissão (BRITO, 2011).

Nesta direção, vale ressaltar que a formação se amplia com o desenvolvimento da prática. A chamada “inteligência prevenida” de que fala Malglaive (1997), se desenvolve e se adquire, simultaneamente, com os conhecimentos teóricos e com os saberes provenientes da ação, pois, os saberes teóricos se aprendem na universidade e os saberes da ação são adquiridos em ação, ou seja, no exercício da prática profissional – num primeiro momento, nos estágios. Malglaive (1997) caracteriza esse processo de formação como “formação em alternância”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Pimenta e Lima (2008) relatam que todas as profissões requerem o exercício da prática para a execução das operações e ações próprias e que, assim também ocorre com a profissão docente. Porém, enfatizam que a prática por si só, ou a mera redução da formação ao exercício de técnicas não dão conta de resolver determinadas complexidades do exercício da profissão. Diante disso, segundo as autoras, a execução da atividade docente não deve se restringir apenas às habilidades técnicas, ressaltando-se a relevância do conhecimento científico para a resolução de problemas cotidianos referentes ao contexto escolar. Conforme Pimenta e Lima (2008):

Ser professor requer saberes e conhecimentos científicos, pedagógicos, educacionais, sensibilidade, indagação teórica e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas,

conflitosas e, por vezes, violentas presentes nos contextos escolares (p. 38).

Nesta perspectiva, o estágio não remunerado passa a ser uma atividade de experiência profissional, em que, durante o processo de trabalho no âmbito escolar, o estagiário realiza o estágio como alguém que está na condição de aprendiz. Ou seja, o mundo profissional e o mundo acadêmico se aliam, paralelamente. O exercício do processo educativo desafia o desenvolvimento da inteligência profissional do estudante com desafios que são princípios fundamentais para o entendimento e aprendizagem de habilidades técnicas específicas e interpessoais das novas experiências postas pelo dia a dia da profissão. Neste contexto Bianchi *et al* (1998, p. 16) dizem que:

O estágio quando visto como uma atividade que pode trazer imensos benefícios para a aprendizagem, para a melhoria do ensino e para o estagiário, no que diz respeito à sua formação, certamente trará resultados positivos. Estes se tornam ainda mais importantes quando se tem consciência de que as maiores beneficiadas serão a sociedade e, em especial, a comunidade a que se destinam os profissionais egressos da Universidade.

É nesse sentido que os próprios alunos reconhecem a importância do estágio e sua necessidade como forma de intercâmbio de conhecimentos, de vivenciar novas experiências, de desenvolver, na prática docente executada por meio do estágio, a teoria aprendida na universidade.

Neste contexto, Pimenta e Lima (2008), ressaltam que a prática do estágio nos cursos de graduação, é um lugar oportuno para que possam se desenvolver as habilidades profissionais, no entanto, os currículos das Universidades enfatizam com maior afinco apenas as disciplinas teóricas da grade curricular, fragilizando no currículo das mesmas, o desenvolvimento do estágio na prática, sendo que, se faz necessário para uma melhor formação profissional que a teoria e a prática estejam interligadas, articuladas, propiciando a *práxis* desse profissional em formação.

Dessa forma as autoras salientam que: "(...) o estágio tem de ser teórico-prático, ou seja, em que a teoria é indissociável da prática" (PIMENTA e LIMA, 2008, p.34).

E para melhor compreender esta concepção no que concerne ao conceito de teoria e prática, as autoras recorrem à concepção de *práxis*, “(...) que aponta para o desenvolvimento do estágio como uma atividade investigativa, que envolve a reflexão e a intervenção na vida da escola, dos professores, dos alunos e da sociedade” (PIMENTA e LIMA, 2008, p.34).

Barreiro e Gebran (2006) também afirmam o papel decisivo do estágio na formação profissional, reconhecendo no dia a dia da profissão as teorias aprendidas, aliando reflexivamente teoria e prática, ou seja, efetivando a *práxis*. Segundo este raciocínio, alerta para:

A aquisição e a construção de uma postura reflexiva pressupõem um exercício constante entre a utilização dos conhecimentos de natureza teórica e prática na ação e a elaboração de novos saberes, a partir da ação docente. A articulação da relação entre teoria e prática é um processo definido da qualidade da formação inicial e continuada do professor, como sujeito autônomo na construção de sua profissionalização docente, por que lhe permite uma permanente investigação e a busca de respostas aos fenômenos e às condições vivenciadas.

É essa articulação entre a teoria e a prática que possibilita a formação da chamada “inteligência profissional prevenida”, de que fala Malglaive (1997).

Realmente, a condição de estágio propicia a aproximação da teoria com a prática, por iniciativa e atuação eficiente da própria escola. Mediante acompanhamento e reflexão posterior, o estágio caracteriza-se como uma preparação planejada e programada e, neste caso, o estagiário é o estudante que complementa sua formação acadêmica, em termos de integração à escola, de relacionamento humano e de aperfeiçoamento técnico.

Através da realização de atividades práticas nas escolas, o universitário poderá vivenciar a sua realidade, conhecer o processo de ensino e aprendizagem, os problemas sociais, econômicos e humanos. Neste entendimento, o espaço do estágio é o eixo que poderá articular a integração teórico-prática entre conteúdos da disciplina ministrada no curso. Sendo assim, o estagiário produz seu conhecimento através de um processo criador e recriador, não limitando à pura transferência de teorias e conteúdos.

Com a reflexão da teoria sobre a prática vivida são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, que permitem perceber os problemas que permeiam as atividades e as fragilidades da prática. Neste contexto, vale frisar a relevância do estágio não obrigatório no processo de aprendizagem da prática docente, pois neste tipo de estágio o discente terá a oportunidade de iniciar a prática do estágio a partir do quarto período da licenciatura, ao contrário do Estágio supervisionado que, por sua vez, permite aos alunos estagiarem somente ao fim do curso, distanciando-se, neste espaço de tempo, da teoria adquirida no início da graduação. A esse respeito, Piconez (1999) deixa claro que:

O caráter complementar, ou mesmo suplementar, conferido à Prática de ensino/Estágio extracurricular, ou ainda, no dizer de Azevedo, uma teoria colocada no começo dos cursos e uma prática colocada no final deles sob a forma de Estágio Supervisionado constituem a maior da dicotomia existente entre teoria e prática (p. 38).

2.2.2 Sobre formação profissional e conhecimentos básicos para a docência

Todo ser humano traz em si características únicas que definem sua personalidade, tais características são construídas e fomentadas por meio de sua convivência com alguns grupos sociais como: a família, a igreja, a escola, a mídia etc.; trata-se de um processo de formação, em que o sujeito se encontra cercado de influências que, cotidianamente, contribuem para a construção de sua identidade.

Ou seja, cada indivíduo traz em si as características desse processo de formação que lhe propicia seu reconhecimento como membro de um dado contexto social, caracterizando a sua posição em um espaço social, que pode ser estabelecida de forma pessoal e coletiva, por meio de diversos fatores que influenciam e afetam as suas interações em um sistema social, como por exemplo: o gênero, a classe social, a raça, a idade, a nacionalidade, a profissão.

Neste contexto, ressalta-se o processo de construção da formação docente dos estagiários, futuros professores, quando iniciam suas atividades pedagógicas no âmbito escolar, e passam a vivenciar o processo de socialização profissional. Cabe lembrar que esse processo de socialização profissional docente, assim como a construção sua formação pessoal, perduram durante o decorrer da vida e dos anos de atividade docente.

Apoiados nesse pressuposto, Farias *et al* (2014, p. 56) ressaltam a história de vida, a formação e a prática docente como elementos constituintes do processo de formação profissional do professor e como um processo vivido de forma intencional, consciente e reflexiva.

Na perspectiva das autoras há que considerar que no percurso da docência, se faz necessário ao professor desenvolver habilidades de trabalho que requeiram saberes específicos, pautados na dialogicidade, na reflexividade e na ética para com os sujeitos com os quais o professor interage no âmbito do escolar, pois é por meio deste *feedback* mútuo que ambos contribuirão para o desenvolvimento da construção da formação profissional um do outro.

Também Giesta (2001) se refere à necessidade de socialização profissional do professor. Para essa autora, esse processo é caracterizado pelo sentido da igualdade e da diferença que os indivíduos estabelecem um em relação ao outro e que se mostra com maior visibilidade na relação com o grupo profissional. Trata-se do momento de aquisição das marcas e regras específicas da profissão, que geram o sentimento e comportamento de pertencer a essa profissão.

Por outro lado, o ser humano é, ao mesmo tempo, plural e singular, ou seja, participa de diversos grupos sociais e vai se adequando aos mesmos. tornando-se plural.

Nesta direção, Marcelo (2009) corrobora que se faz necessário entender o processo de formação docente como uma realidade que evolui e desenvolve-se, tanto pessoal quanto coletivamente. Ou seja, a formação profissional do professor não é algo imutável, inerente ou fixo, mas resulta de uma complexa e dinâmica harmonia em que a sua própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma diversidade de papéis que os professores devem executar e que muda com o tempo, com o nível de ensino

em que se atua, com o tipo de escola e de alunos, e com o contexto que envolve a todos.

Como norte teórico para a pesquisa, cumpre trazer aqui, em linhas gerais, o *conceito de formação profissional docente* expresso por Marcelo (1999) em seu livro “*Formação de Professores*”.

Segundo esse autor o “conceito de formação” se refere à “educação, preparação, ensino, etc., dos professores” (MARCELO, 1999, p. 18). Lançando mão de diferentes autores estudiosos do tema², Marcelo chama a atenção para o fato do *processo de formação* ser entendido como uma *função social* (transmissão de saberes), como um *processo de desenvolvimento e de estruturação da pessoa* (maturação interna e possibilidade de aprendizagens e experiências para os aprendizes em formação) e como *instituição* (ou organização que realiza a formação). Ou seja, a formação pode ser pensada do ponto de vista do *sujeito que aprende* (internamente ao sujeito) e do ponto de vista da *organização que oferece a formação* (externamente ao sujeito).

Na tradição alemã, segundo Marcelo (1999, p. 20), utiliza-se a expressão “*bildung*” para designar formação e se referir a um processo que se dá de forma autoconsciente – o que significa que, quando se der com sujeitos adultos, estes “devem contribuir para o processo de sua própria formação a partir das representações e competências que já possuem” (p. 20) – e esse é o caso dos professores em formação – ou, no caso desta pesquisa – dos estagiários, futuros professores em formação.

Assim, Marcelo (1999) se refere à formação de professores como “o ensino profissionalizante para o ensino” (p. 22) e que se realiza para “profissionalização dos sujeitos encarregados de educar as novas gerações” (p.22). E prossegue exemplificando: “um encontro entre pessoas adultas, uma interação entre formador e formando, com a intenção de mudança, num contexto organizado e institucional” (p. 20).

Marcelo (1999, p. 22-23) se refere, ainda, a três dimensões do processo de formação de professores: a) necessidade de combinar formação acadêmica e pedagógica, b) constitui uma formação profissional e c) é uma

² Marcelo (1999, p. 19 a 30) se refere a estudos realizados por autores como: Honoré, Ferry, Zabalza, Habermas, Gadamer, Villar Ângulo, Ranjard, Diéguez, Berbáum, Floden e Buchmann, Sharon Feiman, Joyce e Showers, além dele próprio – Marcelo.

formação de formadores, que implica necessário isomorfismo entre a formação dos professores e sua prática profissional futura.

Suas reflexões sobre os diferentes estudiosos da formação de professores (ver nota 1) leva, ainda, Marcelo (1999, p. 23-24) a afirmar que: “*ensinar*, que é algo que qualquer um faz em qualquer momento, não é o mesmo que *ser um professor*” – isto porque, diferentemente das pessoas comuns, em situações comuns, “ser professor implica lidar com outras pessoas (*professores*) que trabalham em organizações (*escolas*), com outras pessoas (*alunos*), para conseguir que estas pessoas aprendam algo (*se eduquem*)”.

Além disso as reflexões de Marcelo (1999, p. 25-26) o levam a diferenciar **quatro diferentes etapas ou níveis da formação de professores**:

- a) A **fase de pré-treino** – que se refere às experiências que os “candidatos a professor” viveram anteriormente, como alunos, em seu percurso escolar;
- b) A **fase de formação inicial** – que é a etapa de “preparação formal numa instituição específica de formação de professores, na qual o futuro professor adquire conhecimentos pedagógicos, oriundos de disciplinas acadêmicas, assim como realiza os estágios e práticas de ensino”;
- c) A **fase de iniciação** – que são os primeiros anos de exercício da profissão, “durante os quais os docentes aprendem na prática, em geral através de estratégias de sobrevivência”;
- d) A **fase de formação permanente** – se referindo a todas as ações e programas de formação planejadas pelas instituições em que atuam os professores, ou buscadas pelos próprios professores, para seu desenvolvimento profissional e melhoria de seu ensino.

Para Tardif (2002) essa discussão traz à baila o processo de construção dos saberes docentes, quando afirma que o professor, ao longo da sua formação profissional e no decorrer do exercício da sua profissão, adquire e desenvolve uma série de saberes para atuar em sala de aula.

Segundo o autor, esses saberes abarcam conhecimentos, competências e habilidades dos professores, que têm origem em várias fontes e em momentos diferentes de sua vida pessoal e profissional. Ou seja, o docente procura utilizar-se de conhecimentos provenientes do seu meio cultural, de sua família e de sua própria história de vida, além de, é claro, valer-se daqueles obtidos na universidade, dentro da escola em que atua com outros

sujeitos e de sua prática pedagógica em sala de aula. Deste modo, estes saberes vão sendo modelados e reorganizados por meio do seu trabalho, por meio de troca de saberes com outros professores, com os próprios discentes, consigo mesmo e com o funcionamento, materiais e regras da escola.

Para Tardif (2002), a experiência do trabalho docente é uma fonte extraordinária do saber ensinar dos professores, caracterizados como saberes práticos. Neste contexto, os saberes da história de vida do professor, de sua formação escolar antecedente, somados aos saberes pedagógicos, curriculares e científicos obtidos na universidade, são transportados para a sala de aula e acrescidos aos saberes da prática. Isso expressa mais uma vez que o saber dos professores não resulta, portanto, de uma única fonte, mais de diversas fontes e dos diferentes momentos de vida e da formação e carreira profissional do professor.

Nesse sentido, a escola, mais especialmente a sala de aula, é o espaço excepcional, no qual o professor tem a oportunidade de desenvolver seus saberes, progredir e desenvolver-se profissionalmente. Compreendemos, portanto, que esse saber é algo particular, produzido de acordo com a subjetividade e com o diálogo com o meio escolar em que está inserido. Nas palavras do autor:

[...] o saber do professor traz em si mesmo marcas de seu trabalho, ele não é somente utilizado como meio de trabalho, mas é produzido e modelado no e pelo trabalho. Trata-se, portanto, de um trabalho multidimensional que incorpora elementos relativos à identidade pessoal e profissional do professor, à sua situação socioprofissional, ao seu trabalho diário na escola e na sala de aula. (TARDIF, 2002, p. 17).

Assim sendo, Tardif (2002) traz a definição de **quatro tipos de saberes** que se interagem entre si para estruturar o **repertório dos saberes docentes**. São eles:

- os **saberes da formação profissional**, que são saberes adquiridos nas Universidades e demais instituições de formação e ensino;
- os **saberes disciplinares**, que se referem ao conteúdo a ser ensinado nas escolas, transmitidos pelas universidades nos diversos campos do conhecimento como, português, geografia, ciências, história;

- os **saberes curriculares**, referentes aos programas, conteúdos e métodos a serem utilizados pelo professor; e
- os **saberes experienciais**, que são aqueles que se estabelecem a partir da própria experiência, como um saber-fazer.

Desse modo, a construção dos saberes para lecionar é essencial para o trabalho pedagógico a ser desenvolvido pelos alunos estagiários, pois estes saberes os preparam para enfrentar as diversas situações que se apresentam em sala de aula.

Segundo Ana Maria Freire (2001), o estágio permite o desenvolvimento e articulação desses saberes, na medida em que promove a proximidade ao futuro campo de atuação profissional e proporciona a aprendizagem de um novo saber – um saber fazer e um saber julgar as consequências das ações didáticas e pedagógicas executadas no cotidiano profissional como professor estagiário. Além disto, a autora relata que as experiências vivenciadas na escola, com os discentes, com situações reais de ensino e aprendizagem criam situações para efetivar aprendizagens que podem propiciar a obtenção de saberes profissionais e mudanças, quer na sustentação conceitual e teórica, quer nas perspectivas práticas de ensino.

A esse respeito, também Shulman (2014) argumenta que, para serem eficazes em suas práticas educacionais, os professores devem possuir um conhecimento profundo, tanto do conteúdo que ensinam, quanto das estratégias de ensino mais adequadas para transmitir esse conhecimento aos alunos. Ele destaca que o conhecimento de base para o ensino, não é apenas sobre dominar o assunto, mas também sobre entender como torná-lo acessível e relevante para os estudantes.

Nesta direção, Shulman (2014) apresenta estudos de caso de professores iniciantes e experientes, que ilustram como o conhecimento de base se manifesta no contexto da sala de aula. Ele também enfatiza a importância da reflexão constante por parte dos professores para melhorar suas habilidades e desenvolver uma compreensão mais profunda de sua própria prática.

Para esse autor, são sete os conhecimentos de base necessários para o exercício da profissão docente:

1. **conhecimento do conteúdo;**
2. **conhecimento pedagógico geral**, com especial referência aos princípios e estratégias mais abrangentes de gerenciamento e organização de sala de aula, que parecem transcender a matéria;
3. **conhecimento do currículo**, particularmente dos materiais e programas que servem como “ferramentas do ofício” para os professores;
4. **conhecimento pedagógico do conteúdo**, esse amálgama especial de conteúdo e pedagogia que é o terreno exclusivo dos professores, seu meio especial de compreensão profissional;
5. **conhecimento dos alunos e de suas características;**
6. **conhecimento de contextos educacionais**, desde o funcionamento do grupo ou da sala de aula, passando pela gestão e financiamento dos sistemas educacionais, até as características das comunidades e suas culturas; e
7. **conhecimento dos fins, propósitos e valores da educação e de sua base histórica e filosófica** (SHULMAN, 2014, p. 206 – grifos meus).

Nesse conjunto, Shulman (2014) considera especialmente importante o *conhecimento pedagógico do conteúdo*, porque ele “(...) identifica os distintos corpos de conhecimento necessários para ensinar” (p. 206). Ou seja, ele combina conhecimento do conteúdo e conhecimentos pedagógicos, aplicados ou adaptados aos diversos interesses e características dos alunos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

Assim, Shulman explora como essa base de conhecimento é adquirida, desenvolvida e aplicada na prática de ensino. E como esta prática pode oferecer *insights* sobre como os professores podem aprimorar suas habilidades de ensino, adaptar-se às necessidades dos alunos e enfrentar os desafios educacionais.

Estabelecido esse cenário acadêmico de estudos sobre a temática aqui investigada – o estágio não remunerado e a construção da formação docente –

a Seção 3, apresentada a seguir, focaliza especificamente as orientações legais oficiais sobre essa modalidade de estágio docente.

3 QUE DIZEM OS DOCUMENTOS ORIENTADORES SOBRE OS ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS E OS NÃO OBRIGATÓRIOS

O Quadro 2, apresentado a seguir, reúne a legislação federal sobre os estágios (obrigatórios e não obrigatórios) e a legislação do município de Teresina, capital do Estado do Piauí, onde se realizam os estágios não obrigatórios, que permitem descortinar o contexto da pesquisa aqui relatada.

Quadro 2: Legislação federal e municipal sobre estágios obrigatórios e não obrigatórios

ESTÁGIOS CURRICULARES OBRIGATÓRIOS E NÃO OBRIGATÓRIOS	
Legislação federal	Legislação Municipal – Teresina /Piauí
<p>LEI Nº 11.788 DE 25 DE SETEMBRO DE 2008 Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT.</p>	<p>DECRETO MUNICIPAL Nº 13.162, DE 8 DE ABRIL DE 2013 Dispõe sobre as atividades de estágio no âmbito da Prefeitura Municipal de Teresina e dá outras providências.</p>

Fonte: Organizado pelo pesquisador

A leitura da legislação reunida no Quadro 2 permitiu algumas considerações sobre as normativas que regulam os estágios curriculares obrigatórios e não obrigatórios, em âmbito nacional e no município de Teresina-Piauí.

Sobre os estágios curriculares obrigatórios cumpre observar que o estágio é uma forma educativa escolar de estágio supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho, neste caso, no âmbito escolar que intenciona à preparação para o trabalho proveitoso dos educandos que estejam estudando o ensino regular em instituições de Ensino Superior, de educação profissional, de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos.

Dessa maneira, vale ressaltar que os estágios – obrigatório e não obrigatório – participam do projeto pedagógico do curso, além de integralizar o percurso formativo do educando, visando o aprendizado de capacidades,

habilidades e conhecimentos próprios da atividade profissional docente e à contextualização curricular acadêmica, bem como o desenvolvimento do educando estagiário para a vida cidadã e para o desenvolvimento profissional.

Nesta direção, frisamos que o estágio poderá acontecer sendo ele obrigatório ou não obrigatório, conforme determinação das diretrizes curriculares da etapa, modalidade e área de ensino e do projeto pedagógico do curso em que o mesmo está frequentando.

Dessa forma, é importante diferenciar os dois tipos de estágios, que são: o Estágio obrigatório e o Estágio não obrigatório, o Estágio obrigatório é aquele definido da mesma maneira que no projeto do curso, em que a carga horária é requisito para aprovação e obtenção de diploma. Já o Estágio não obrigatório é aquele realizado como atividade optativa, incorporado à carga horária regular e obrigatória.

No que se refere ao estágio obrigatório, este, como ato educativo escolar supervisionado, deverá ter acompanhamento adequado e bem sucedido, sendo orientado pelo professor da instituição de ensino e por supervisor da parte outorgante. O estágio não obrigatório por sua vez caberá também à orientação de um profissional habilitado da área em que se está executando o estágio, no entanto, nesse tipo de estágio, o educando poderá exercer tal atividade de acordo com a solicitação da instituição no que concerne ao desenvolvimento do estágio.

Assim, as instituições de ensino têm por obrigação, em relação aos estágios de seus alunos estagiários: celebrar termo de compromisso com os mesmos ou com seu responsável, quando ele for absoluta ou parcialmente incapaz, e com a parte concedente, indicando as condições de adaptação do estágio à recomendação pedagógica do curso, à etapa e modalidade da formação escolar do educando; avaliar as instalações da parte concedente do estágio e sua adaptação à formação cultural e profissional do aluno estagiário.

Em relação aos estágios não obrigatórios destaca-se, inicialmente, que são aqueles que se desenvolvem em empresas privadas ou públicas, de forma optativa ou supervisionada, voluntária ou remunerada, em atividade correlata a do curso do estagiário. São estágios não exigidos pela grade curricular acadêmica e visam o desenvolvimento profissional do aluno, proporcionando a visão prática da teoria discutida em sala de aula e oferecendo a experiência

para introdução do futuro professor no mercado de trabalho. É importante observar que as horas de estágio não obrigatório não são contabilizadas para o estágio supervisionado curricular.

Neste caso, o estágio propicia ao aluno uma oportunidade inicial de buscar uma base para o exercício da prática docente. Assim, o estágio deve possibilitar ao aluno concepções e práticas que o levem a uma reflexão, no sentido de promover os saberes da experiência, aliados à teoria, permitindo ao professor estagiário intervir sobre a sua prática educativa.

A formação no estágio oportuniza situações informativas em que o professor estagiário pode adquirir diversos saberes, reavaliando-os, expandindo-os diante das vivências realizadas no âmbito da atividade docente. Na experiência do estágio, o futuro professor depara-se com a realidade concreta do espaço escolar, enfrenta em determinados momentos algumas dificuldades no exercício da docência, soluciona problemas relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, reflete acerca deste processo e desenvolve, por meio prática, habilidade para melhor desenvolvimento educacional, no que se refere às situações reais e características da sala de aula (FAZENDA, 1991).

O estágio não obrigatório é regido pela Lei federal nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Esta lei determina que o estágio deva vincular-se às diretrizes curriculares do período escolar, quando realizados por alunos do ensino regular (fundamental, médio e EJA) e com a proposta didática do curso de licenciatura, quando realizado pelos alunos do ensino superior. Esta modalidade é desenvolvida como atividade optativa, acrescentada à carga horária regular e obrigatória da graduação, com acompanhamento ativo pelo professor orientador da instituição de ensino e por supervisor da escola concedente desse estágio. A referida Lei no seu artigo 1º entende o estágio como:

Art. 1º Estágio é o ato educativo escolar supervisionado no ambiente de trabalho, que visa à preparação para o trabalho produtivo de educandos que esteja frequentando o ensino regular em instituições de educação superior, de educação profissional e de ensino médio, da educação especial e dos anos finais do ensino fundamental, na modalidade profissional da educação de jovens e adultos (BRASIL, 2008).

No estado do Piauí, o estágio não obrigatório na docência é ofertado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC), em parceria com a Cooperativa Educacional de Funcionários da UFPI – Universidade Federal do Piauí (CEUFPI – Centro de Educação da Universidade Federal do Piauí) e com o CIEE – Centro de Integração de Empresa-Escola. Ambos, CEUFPI e CIEE, se encarregam de oferecer vagas nas escolas municipais que estão necessitando de professores estagiários. Vale ressaltar que o CIEE é uma instituição filantrópica, mantida pelo empresariado nacional, e que, tanto o CIEE quanto o CEUFPI, têm como objetivo encontrar, para os estudantes, uma oportunidade de estágio que os auxiliem a colocar em prática tudo o que aprenderam na teoria (PIAUI, 2013).

Segundo a lei 11.788/08 (BRASIL, 2008), podem participar do estágio não obrigatório na docência, os alunos graduandos que estiverem matriculados e com frequência regular em um curso de educação superior. Os alunos interessados devem cadastrar-se nas Centrais de Estágios (CEUFPI e/ou CIEE). Os alunos já cadastrados, para permanecerem participando do programa de estágio, deverão atualizar seus dados, periodicamente, a cada seis meses.

A jornada em estágio, acertada por meio de convênio entre a instituição de ensino, a parte concedente do estágio (CIEE e/ou CEUFPI) e o aluno estagiário, deverá constar do Termo de Compromisso, ser conciliável com as atividades curriculares da universidade e não ultrapassar 06 (seis) horas diárias e 30 (trinta) horas semanais. O estágio não obrigatório é remunerado e possui a duração de até dois anos. (BRASIL, 2008).

Dessa forma, vale salientar que os critérios para admissão no estágio não obrigatório são: possuir IRA (Índice de Rendimento Acadêmico) acima de 7 pontos (média acadêmica na UFPI), não haver reprovação nas disciplinas durante o curso de graduação.

Estabelecidos os apoios legais, a Seção 4, a seguir, se volta especificamente à apresentação e análise dos dados coletados, com o olhar sobre quem são e o que dizem os estagiários – sujeitos desta pesquisa – sobre a contribuição dos estágios não obrigatórios para sua formação profissional.

4 QUEM SÃO E O QUE DIZEM OS ESTAGIÁRIOS SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTÁGIOS NÃO OBRIGATÓRIOS PARA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Nesta Seção são apresentados os dados coletados por intermédio do **questionário** aplicado a **17 alunos concluintes do Curso de Licenciatura em Pedagogia de 2023, na Universidade Federal do Piauí**. Os questionários foram respondidos presencialmente, em sala de aula e, com base nas respostas obtidas, foi possível traçar o perfil desses alunos concluintes do curso.

Os **Quadros 3 e 4**, apresentados a seguir, sintetizam as respostas dos alunos concluintes do Curso de Pedagogia ao Questionário em relação ao seu próprio perfil pessoal e às suas visões sobre a Universidade e o Curso de Pedagogia.

Quadro3: Perfil dos alunos concluintes da Pedagogia respondentes

Aluno	Idade Sexo	Estado Civil No. filhos	Moradia No. pessoas/casa Renda familiar	Horas trabalho/ dia	Horas estudo/ dia	Tempo livre Atividades
01	22 anos Masculino	Solteiro Sem filhos	Casa Própria Casa 1 pessoa 1 a 3 salários- mínimos	4 h	2 h	Ver filmes/ restaurantes/ Sair com amigos /
02	22 anos masculino	Solteiro Sem filhos	Casa Alugada 1 pessoa 1 a 3 salários- mínimos	4 h	5 h	Se dedica à monografia de graduação
03	41 anos feminino	Casada Sem filhos	Casa Própria 1 pessoa 1 a 3 salários- mínimos	5 h	5 h	Atividade física/ afazeres domésticos/ ver filmes/ cursos
04	24anos masculino	Solteiro Sem filhos	Casa Alugada 1 pessoas 1 a 3 salários- mínimos	Sem resposta	4 h	Leituras/ trabalhos/ visitar amigos
05	48 anos Feminino	Casada 2 filhos	Casa Própria 2 pessoas 1 a 3 salários- mínimos	12 h	4 h	Afazeres domésticos/ atividades esportivas
06	21 anos feminino	Solteira Sem filhos	Casa Própria 6 pessoas 1 a 3. salários- mínimos	6 h	3 h	Ver TV / sair com amigos
07	30 anos feminino	Solteira Sem	Casa Própria 3 pessoas	8 h	4 h	Afazeres domésticos/

		filhos	1 a 3 salários-mínimos			ler/ ver filmes
08	21 anos Feminino	Solteiro Sem filhos	Casa Própria 1 pessoa 1 a 3 salários-mínimos	Sem resposta	3 h	Atividade física/ estudar para concurso público
09	22 anos feminino	Casada Sem filhos	Casa alugada 2 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	5 h	5 h	Afazeres domésticos/ atividades profissionais/atividades acadêmicas/ passar o tempo com a família e amigos. / internet
10	24 anos Feminino	Solteira Sem filhos	Casa própria 3 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	Sem resposta	5 h	Ver series/ passeios culturais (Teatro/ museu/ centro culturais) / internet
11	Sem resposta feminino	União Estável Sem filhos	Casa própria 1 pessoa 1 a 3 salários-mínimos	8 h	2 h	Estudar/ dormir / atividade física/ passeios/ afazeres domésticos / internet
12	37 anos feminino	Casada 1 filho	Casa própria 2 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	8 h	4 h	Ler/ descansar/ ver documentários/ ir a igreja/ atividades domésticas/ curso on-line
13	23 anos feminino	Casada Sem filhos	Casa própria 2 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	3 h	3 h	Ler livros/ ver redes sociais/ sair de casa / internet
14	23 anos feminino	Solteira Sem filhos	Casa própria 1 pessoa 1 a 3 salários-mínimos	6 h	3 h	Ver séries/ passear com os cachorros/ atividades domésticas / fazer cursos
15	34 anos Masculino	Casado Sem filhos	Casa própria 2 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	8 h	2 h	Assistir filmes e series/ cuidar da casa / internet
16	58 anos feminino	Casada 3 filhos	Casa própria 3 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	8 h	1 h	Atividade física/ afazeres domésticos/ shows artísticos/ internet Artesanatos/ brincar com os netos.
17	24 anos feminino	Solteira Sem filhos	Casa própria 2 pessoas 1 a 3 salários-mínimos	Sem resposta	6 h	Ver filmes/ ler livros acadêmicos

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos do Questionário.

O exame dos dados do Quadro 3 permite traçar o seguinte perfil dessa turma de 17 alunos concluintes do curso de Pedagogia, respondendo à pergunta: **quem são os estagiários sujeitos desta pesquisa?**

Com base no que foi observado no Quadro 3 é possível salientar que o grupo de sujeitos entrevistados é formado por 4 pessoas do sexo masculino e

13 pessoas do sexo feminino, podendo aqui frisar a predominância do sexo feminino no magistério. No que concerne à idade destes sujeitos, observamos que os mesmos possuem uma faixa etária entre 21 a 58 anos, 8 desses alunos em formação se declararam solteiros, os demais afirmam serem casados, destes apenas 3 possuem filhos.

Nesta direção, segundo as análises, dos 17 sujeitos entrevistados, 14 vivem em casa própria, três vivem em casas alugadas. Unanimemente, todos possuem renda entre 1 a 3 salários mínimos. No que se refere ao tempo de trabalho, 10 sujeitos afirmam trabalharem cinco horas ou mais, por dia, 12 dos entrevistados afirmam ter até 4 horas de estudo por dia. Com relação as atividades em tempo livre, os sujeitos entrevistados se concentram em realizar afazeres domésticos, ver TV (filmes, séries etc.), estudos e acessar a Internet.

Em resumo, o exame dos dados do Quadro 3 permite traçar o seguinte perfil dessa turma de 17 alunos concluintes do curso de Pedagogia, respondendo à pergunta: **quem são os estagiários sujeitos desta pesquisa?**

- São 4 homens e 13 mulheres
- Têm entre 21 e 58 anos
- 8 são solteiros (os demais casados) e apenas 3 c/ filhos
- 14 dos 17 alunos vivem em casa própria
- 11 deles dividem a casa com 2 pessoas ou mais
- Todos com renda entre 1 a 3 salários-mínimos
- 10 trabalham 5 horas ou mais por dia
- 12 dispõem de apenas até 4 horas de estudo por dia
- As atividades em tempo livre mencionadas se concentram em afazeres domésticos / TV (filmes) / estudo / e Internet (celular).

Em relação ao que pensam sobre a Universidade e o Curso de Pedagogia, o **Quadro 4**, a seguir é elucidador.

Quadro 4: Que dizem os alunos sobre a Universidade e o Curso de Pedagogia

Aluno	Professores e aulas		Principais dificuldades	Atividades extras
	Mais gosta	Menos gosta		
01	Quanto aos professores e as aulas não tenho queixas, gosto das temáticas que são	O que menos gosto são os trabalhos, principalmente os artigos	A maior dificuldade acho que seria o meio acadêmico em si, com relação a falta de organização da	Não participo

	debatidas		Universidade.	
02	Gosto de aprender novas concepções acerca da educação e discutir as práticas educativas	Não gosto da metodologia de alguns professores, pois não abordam alguns conteúdos de forma clara	Conciliar as disciplinas com o estágio.	Sim, eventos, palestras e congressos.
03	Tive excelentes professores com uma didática muito boa, o que mais gostei foram as metodologias diferenciadas utilizadas por alguns desses professores.	A insatisfação nas palavras e comportamentos vindos de profissionais e alunos quando se encontravam em momentos difíceis.	Criar uma rotina e ser consistente para executar.	Sim, eventos, congressos, palestras, atividade de iniciação científica.
04	Flexibilidade dos professores, a dinâmica das aulas.	Falta de compreensão de alguns professores.	Sem respostas	Sim, congressos, eventos e similares.
05	Os professores são super disponíveis a ajudar quando mais preciso.	Não gosto do barulho causado pela turma	Falta de material didático	Sim, eventos, congressos e similares. Atividades culturais (teatro, museu).
06	O que mais gosto são os professores e a forma didática, lúdica e criativa deles.	Que alguns professores leiam slides na maior parte do tempo das aulas.	Concentração em uma só atividade.	Sim, congressos, eventos e similares
07	Os professores do Curso são profissionais dedicados e empáticos. as aulas são sempre enriquecedoras e o que mais gosto são as discussões geradas em cada aula.	O que menos gosto é a falta de oportunidades para os alunos que estudam à noite. Geralmente os cursos da UFPI não levam em consideração os alunos do período noturno que trabalham durante o dia.	A minha principal dificuldade é conciliar trabalho e estudo. durante os períodos sempre encontramos professores mais resistentes em relação a trabalho/ pesquisas em campo, pois precisava flexibilizar para o aluno que trabalha durante o dia.	Sim, congressos, eventos, palestras e similares
08	Os professores são extremamente inteligentes e sempre prestam suporte aos alunos.	Não gosto da falta de organização que existe no campus da Universidade.	Tenho muita dificuldade de locomoção até a Universidade.	Sim, congressos, eventos, palestras e similares
09	São muito boas e proveitosas	Não gosto de ter que estudar, trabalhar e dar conta de tudo ao mesmo tempo, é muito difícil ter que fazer tudo isso e ser boa em tudo.	Trabalhar, estudar, e cuidar da vida pessoal ao mesmo tempo. Além de outros problemas pessoais como: questões financeiras etc.	Sim, congressos, eventos, palestras e similares.
10	Os professores do curso de pedagogia	O que menos gosto é a falta de	Em relação ao transporte para chegar até a	Sim, congressos,

	são bastante diversos e apresentam metodologias diferentes, gosto da interatividade das aulas.	sistematização e organização dos docentes.	Universidade e a dedicação integral ao curso.	eventos, palestras e similares. Projeto de Extensão de Serviços, Atividade de Iniciação Científica (PIBIC), Grupos de Estudo (NIPPEP). Movimento Político (DCE)
11	Os professores são ótimos, aprendo muito com eles. Gosto das reuniões que fazemos com lanche onde todos se reúnem, conversam, se divertem.	Seminários e textos longos e de difícil entendimento.	Falar em público	Sim, congressos, eventos, palestras e similares. Projeto de Extensão de Serviços – Residência Pedagógica
12	Professores empenhados no que fazem e com boa didática.	4 aulas seguidas no turno da noite.	Transporte coletivo (deslocamento de casa pra Universidade ou vice-versa).	Sim, congressos, eventos, palestras e similares.
13	Em geral são bem empáticos e compreensíveis, são sempre inteligentes e bons mediadores. Minha disciplina favorita foi: “Financiamentos da Educação Básica”, gostei da didática da professora.	Exigências sem fundamentos e pressões.	Minha maior dificuldade foi ter sido conciliar a vida acadêmica com o trabalho e afazeres domésticos.	Sim, congressos, eventos, palestras e similares. Projeto de Extensão de Serviços, Atividade de Iniciação Científica (PIBIC e PIBID), Grupos de Estudo (Formar). Movimento estudantil (Centro Acadêmico) Órgão Colegiado do DMTE.
14	Os professores os professores do curso de Pedagogia são diferentes dos demais, são mais humanos, mais didáticos, sempre exemplificam com	Não tenho muito o que falar, alguns professores talvez são mais exigentes, mas para o nosso melhor aprendizado.	Participar de atividades na UFPI, somos alunos da noite e nunca tem eventos a noite, e durante o dia trabalhamos, difícil veros palestras cursos e tudo mais.	Não participa.

	experiências da sua vida, e assim criam um ambiente mais fraterno, mais cuidador.			
15	Os professores em sua maioria são incentivadores dos estudos e da continuidade da formação. Gosto muito das aulas práticas que evoluem o contato com o ambiente escolar.	Das aulas muito longas, com conteúdos cansativos e sem motivação do professor.	Tempo de estudos.	Sim, congressos, eventos, palestras e similares. Projeto de Extensão de Serviços, Grupos de Estudo (Formar).
16	Gosto quando os professores aproveitam bem o horário em sala de aula, e trazem além das aulas expositivas atividades práticas ou teóricas para serem realizadas no horário da aula.	De algumas aulas que não acrescentam em nada, e tenho a sensação de estar perdendo tempo.	Falta de tempo para realização de muitas atividades, relatórios, artigos seminários e projetos que precisam ser feitos. Gosto de fazê-los, mas tenho muita dificuldade em conseguir o horário, geralmente passo o sábado e o domingo todo para conseguir cumprir a entrega e as vezes atraso a entrega.	Não participa.
17	As aulas em si são muito boas, professores comprometidos e alguns muito exigentes, na grande maioria com uma formação acadêmica excelente e com muito conhecimento a repassar.	Das atividades de extensão, palestras e congressos ocorrerem na parte da manhã ou da tarde ocasionando a dificuldade dos alunos do turno da noite de participarem de tais atividades.	De participar das atividades de extensão que ocorrem fora do turno a qual estou matriculada.	Não participa.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos do Questionário.

Examinando os dados do **Quadro 4** verifica-se que os sujeitos apontam que o que mais gostam no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí – UFPI, são: as aulas, os professores, as temáticas trabalhadas em sala de aula e as dinâmicas das aulas

Quando perguntado a estes sujeitos sobre o que não gostam no Curso de Pedagogia, estes acabam indicando os mesmos elementos: os temas das aulas, a dinâmica ou metodologia de alguns professores, a postura de determinados professores.

Neste contexto, vale ressaltar que apesar de as respostas dos sujeitos serem semelhantes quanto ao que gostam e ao que não gostam no curso de Pedagogia, os entrevistados estão se referindo em tais respostas, a grupos diferentes de professores, ou seja, há um grupo de professores sobre o qual eles tecem os pontos positivos, assim como os pontos negativos ressaltados pelos entrevistados são direcionados a outro grupo de professores.

No que concerne às dificuldades encontradas durante a graduação, os alunos entrevistados apontam que uma delas é a de conciliar o trabalho com as aulas do curso que duram o tempo de 4 horas seguidas. Apontam também a desorganização da Universidade que não prevê atividades para os alunos do período noturno, dificultando a esses o acesso a atividades que fomentariam melhorias em seu processo de formação pessoal e profissional.

Dessa forma, os alunos entrevistados relatam as exigências e pressões dos professores com relação às leituras, afirmam que tais leituras são bastante longas, além de possuírem conteúdos de difícil compreensão.

Nesta direção, os sujeitos entrevistados revelam dificuldades decorrentes de prováveis fragilidades em sua formação escolar básica (fluência em leitura e escrita), além de dificuldades relacionadas à sobrecarga de trabalho. Muitos salientam a dificuldade de conciliar as disciplinas e o estágio, como também conciliar o trabalho e o estudo dos conteúdos do Curso, a dificuldade de criar rotinas devido a sobrecarga do trabalho e do Curso, acrescentando ainda, os problemas que enfrentam com locomoção, além das dificuldades financeiras, falta de material e a dificuldade para falar em público.

Outro fator relatado pelos entrevistados é a falta de tempo para realizar os trabalhos e tarefas acadêmicas, estes explicitam que se sentem prejudicados por não terem a possibilidade de participarem das atividades de extensão e pesquisa de campo, fora do horário em que estão matriculados. Assim, observamos que, dos 17 sujeitos entrevistados, 13 afirmam participar de atividades extras e somente 4 declaram não participar destas atividades.

4.1 Que dizem os alunos sobre o Estágio não obrigatório

Os **Quadros 5 e 6**, a seguir, reúnem as respostas dos alunos (participantes e não participantes do Estágio não obrigatório) ao Questionário, relativas às suas visões sobre esse Estágio.

Quadro 5: Que dizem sobre o Estágio não obrigatório os alunos que não participam dele

Aluno	Alunos que não participam – o que sabem a respeito:
15	São estágios extracurriculares onde os alunos buscam oportunidade de aliar teoria à prática.
16	Não respondeu
17	Demanda muito tempo do aluno, com uma carga horária puxada e remuneração baixa.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos do Questionário.

Analisando os dados do **Quadro 5** observa-se que apenas 3 dos sujeitos respondentes afirmam não participarem do estágio não obrigatório. Destes 3 sujeitos, os 2 que responderam a essa pergunta indicaram conhecer o estágio e sua finalidade, bem como assinalaram a falta de tempo para participar desse tipo de estágio.

E o que dizem os 14 alunos que participam do estágio não remunerado? O **Quadro 6**, a seguir, reúne suas respostas.

Quadro 6: Que dizem sobre o Estágio não obrigatório os alunos que dele participam

Aluno	Alunos que participam do estágio não obrigatório			
	Significado do estágio / Motivos da participação	Dificuldades / esclarecimentos e orientações durante o estágio	O que aprendeu <u>com</u> ou <u>no</u> estágio não obrigatório	Relação entre: aulas/leituras/discussões na Universidade X realidade sala de aula no estágio
1	O estágio não obrigatório representa para mim uma oportunidade de me aprimorar como profissional na minha área. Uma das principais razões foi ter a chance de adentrar em sala de aula e ter a chance de me aprimorar. Além que poderia ter uma autonomia	Acredito que as mudanças bruscas, no sentido de não ter uma turma certa para desenvolver um trabalho a longo prazo. Sim, muitas vezes sinto que falta um direcionamento, pois parece que a escola espera que saibamos o que fazer.	O contato com o aluno é inevitável não ir percebendo e se adequando a postura de quem está ali para mediar um conhecimento. Aprendi a ser mais paciente, uma vez que lido com pessoas mais novas. Além de terem me apropriado mais dos conteúdos que não temos acesso na academia e que foram trabalhados na	Não, é evidente que a ideia do ambiente da sala de aula que temos na Universidade é bastante distinto da realidade, acho que isso está atrelado ao fato que é muito utópico a visão teórica e acaba que na realidade acabamos esbarrando na realidade é com a escola tradicional.

	financeira.		minha época de estudante. o conhecimento é maior no contexto das relações humanas. Me identifico como: Aprendiz de Professor.	
2	Adquirir experiências nas práticas pedagógicas que a escola possa oferecer. Decidi participar do Estágio não obrigatório para adquirir experiência na área que irei atuar.	Conciliar com a Universidade, o trabalho do estágio é complexo e exige muita responsabilidade. Até o momento não tenho encontrado dificuldades de orientação, pois o acompanhamento da pedagogia é fundamental nessa jornada.	Com toda certeza sim, acredito que essa experiência me ajudou a identificar quais os aspectos que tenho mais afinidade, como: materiais e conteúdos. Aprendi tudo que sei na prática do estágio não obrigatório, o campo teórico é totalmente diferente de estar em sala de aula, aprendi a ministrar aulas fazer plano de aula, as concepções das práticas pedagógicas surgem por esse estágio. Hoje me identifico como: Professor.	Por partes sim, o campo teórico é totalmente diferente da sala de aula, os discursos presentes dentro do estágio evidenciam a realidade escolar.
3	É uma atividade desenvolvida pelo estudante, onde passa por um processo seletivo, recebe bolsa e auxílio transporte e vê na prática o exercício da função futura. Me inscrevi no teste seletivo e o motivo, porque desejo contato nas salas de aulas e alunos, professores experientes na área para poder ter esse contato diário da função que escolhi.	A maior dificuldade é pôr em prática o que é ensinado nas salas da Universidade. O ato de executar sozinho demanda muito estudo e cuidado. Não, muitas vezes me sinto perdida, e se existe muitas dificuldades, são muitas tarefas a exercer.	Sim, me vejo como uma professora que deseja fazer um diferencial nas aulas para ser lembrada com carinho no futuro. O que mais aprendi é que cada aluno aprende de forma diferenciada e que é necessário a utilização de métodos que chamem a atenção desses alunos, para poder ter a atenção dele em 100% na sala de aula para entendimento do conteúdo. Me identifico hoje como: professor aprendiz.	De forma alguma, completamente diferente, no começo parece até muito assustador a confiança vem aos poucos.
4	Uma das formas de ingresso na profissão.	Eram as de relacionar o Estágio com as	Sim, na forma de interação com os estudantes e nas	As vezes sim, mas nem tanto há muita desconexão em alguns aspectos.

	Contribuição nas finanças e experiências.	atividades da graduação. Sim, muitas, porém, não de todos. Alguns parecem achar que já somos formados e exigem coisas fora do contexto.	relações interpessoais com os demais colegas de profissão. Aprendi a me relacionar melhor com as pessoas, lidar melhor com situações do cotidiano escolar. Hoje me identifico como: Professor Aprendiz.	
5	Experiência, relacionar conteúdos que foram aplicados em diversas disciplinas da minha grade curricular e conseguir observar e elaborar recursos metodológicos e didáticos para aplicação das atividades pedagógicas. Conhecer o lado que era desconhecido, buscar aperfeiçoamento.	A minha maior dificuldade é a interação com os alunos especiais. Não encontrei nenhuma dificuldade quanto a orientações durante o estágio, pois na escola que trabalho temos uma excelente equipe.	As duas coisas, a me entender, me descobrir, e principalmente a me ver como professora. Aprendi a desenvolver conteúdos para aplicação de atividades pedagógicas, como também fazer toda relação com o que aprendi em sala de aula. Me identifico totalmente como: Professora.	Muito pouco. A realidade em sala de aula é totalmente diferenciada por encontrarmos situações que fogem do seu conhecimento.
6	Um estágio por fora da Universidade, com remuneração e que faz com que conheçamos a sala de aula. Por causa do dinheiro e pessoas que são próximas trabalhando nesse local.	A carreira, muitas demandas para fazer. Sim, tive esclarecimentos e orientações.	Sim, dando aula, vendo a dinâmica de sala de aula, conhecendo os alunos. Em analisar os alunos, comportamentos e como agir, dar aula e com isso perder a timidez. Hoje me identifico como: Aprendiz de Professor.	Um pouco.
7	O estágio não obrigatório permite que a graduação coloque em prática as teorias que aprendemos no decorrer da graduação. Decidi participar do estágio não	A minha maior dificuldade foi no início do estágio, pois não temos uma preparação prévia para lidar com a diversidade que encontramos em sala de aula, mesmo com	o estágio me ajuda por meios das experiências em sala de aula a refletir geral o tipo e professor que pretendo me tornar, uma professora empática, que busca inovar em suas aulas.	Não, as teorias que aprendemos e sala de aula nos ajuda a embasar o nosso trabalho, mas ainda está longe da realidade que encontramos na escola.

	obrigatório com o objetivo de adquirir experiências que pudessem me ajudar a futuramente exercer a minha profissão.	disciplinas específicas durante o curso ainda não é o suficiente. No estágio encontrei profissionais (professores titulares) extremamente dedicados que sempre se mostraram dispostos a compartilhar seus conhecimentos, o que tem me ajudado nessa jornada.	Eu aprendi com o estágio não obrigatório que todo dia vamos nos deparar com diversos desafios: crianças que são negligenciadas pelos pais, professores cansados psicologicamente e fisicamente, gestores que veem os alunos como "números". Hoje me identifico como: Aprendiz de Professor.	
8	O estágio não obrigatório permite uma formação mais abrangente no curso, pois é a hora de colocar em prática o que aprendemos. Eu estava precisando de dinheiro e outro fator que contribuiu para a realização foi a formação que iria ficar mais enriquecedora.	O estágio que fiz não um estágio, pois ao chegar lá havia uma carência de professores. Dessa forma me colocaram para ministrar aula e fazer o trabalho de uma professora titular. Não tive esclarecimentos, apenas fui jogada na sala de aula, e sem experiência nenhuma tive que me virar.	Sim, pois me permitiu aprender na prática como ser uma professora, mas houve uma lacuna muito grande, pois meu desejo era aprender com os professores e quando cheguei não tive essa oportunidade, já que me colocaram para ministrar as aulas, fazer avaliações e até participar de formações. Vale ressaltar que mesmo fazendo o trabalho de um professor titular eu recebia salário como estagiário. Eu aprendi bastante, não tinha ideia como era a realidade da sala de aula. Hoje me identifico como: Professor.	Sim, tudo que aprendi na Universidade eu consegui visualizar no estágio. Os autores e o que diziam sobre tal comportamento, estratégias e metodologias.
9	Um meio de aprender mais, pôr em prática aquilo que aprendemos na teoria na Universidade. Além, de poder ganhar uma renda. O principal	Algumas escolas, a maioria exige muito de nós. Isso acaba impactando em nossos rendimentos acadêmicos. Sim, sempre que preciso tenho auxílio.	Sim, na sala de aula não sou apenas uma estagiária, a professora da turma me dá liberdade para que eu possa ter postura de professora assim como ela. Aprendi principalmente como	Sim.

	motivo era ganhar uma renda.		lidar com as crianças, como funciona o processo de desenvolvimento delas. Hoje me identifico como: Professor Aprendiz.	
10	É uma etapa importante de aprendizado e reconhecimento prático da nossa futura profissão. Os motivos englobaram várias perspectivas como imersão no chão da escola até a questão financeira.	As principais dificuldades que encontrei estão relacionadas ao pouco apoio da instituição que oferece o estágio e da pressão tanto dos professores titulares como dos pais. Em muitos aspectos vivenciados no estágio não são esclarecidos de maneira clara e há sim dificuldades principalmente na comunicação das informações	Tem me ajudado a entender que profissional pretendo ser e qual não quero. Além de impulsionar a minha vontade em uma busca formativa continuada. Acredito que tenha aprendido muitas coisas que não foram explicitadas de maneira clara na Universidade. Hoje me identifico como: Aluno.	Na maioria dos casos sim, mas em algumas é perceptível que a teoria está defasada da realidade atual.
11	Conhecimento, pois durante o estágio podemos vivenciar um pouco das práticas pedagógicas que estudamos durante o curso de licenciatura. Adquirir conhecimentos para quando estiver atuando em sala de aula	Adequar a teoria à prática. tive poucos esclarecimentos.	Sim, pois nos proporciona vivenciar muitas coisas que servirá como base para quando for exercer a função. Aprendi muito a me desenvolver em ações que antes do estágio não me via naquela posição. Hoje me identifico como: Aprendiz de professor.	As vezes sim.
12	Estágio realizado de forma iniciativa própria. para obter experiência e conseguir renda financeira.	Ser titular de turma do maternal com 23 alunos de 02 anos e meio. Sim, as dificuldades foram esclarecidas nas aulas da UFPI.	Sim, pois facilitou na escolha de uma especialização fora da sala de aula. Sim, um aprofundamento de didática de acordo com cada nível escolar. Hoje me identifico como: Professor.	Sim, uma forma aprofundada e além.
13	Significa a possibilidade de aprender na	Lidar com outros profissionais que subestimam	Sim, penso muito se devo permanecer na área.	Sim, fazem todo sentido.

	prática sobre a função e papel como profissional da educação. Decidi participar primeiramente por motivos financeiros e porque eu gostaria de saber como eu me saio na sala de aula.	nosso trabalho. Não, nunca nos ofereceram uma “formação”.	Com certeza, a melhor escolha que eu fiz, pois se tivesse as experiências que estou tendo só no término do curso, certamente estaria frustrada. Hoje me identifico como: Professor.	
14	Um meio de adquirir experiência enquanto o estágio da Universidade não chega, um meio de ganhar uma renda extra também. No começo do curso eu trabalhei até o 6º período, já estava finalizando o e não tinha experiência, então pedi conta do emprego CLT para estagiar, entrar na prática, ter domínio do que eu terei pela frente.	O começo é voltado para insegurança, medos não saber se vai dar conta, não saber controlar, tentar ganhar confiança e ser amável, afetuosos, mas segura, ser respeitada, dificuldade mais é em tentar ser isso tudo e ser só uma estudante assustada. Em algumas escolas, conseguimos mais orientações, em outras somos jogados para aprender “na lata”, sem ensaios, sem nada, pegamos pressões por não sabermos tanto a prática.	Uma das características é mostrar a realidade como temos que unir a teoria com nossa prática vivida. Aprendi a entender a criança com afeto, a redirecionar a situação, aprendi mais como é o ambiente escolar, como é conviver com pais e responsáveis. Hoje me identifico como: Aprendiz de professor.	Sabemos como é a realidade da educação no Brasil, mas as discussões na Universidade são essenciais para não nos perdermos, para buscar auxiliar na teoria, nos autores e professores.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos do Questionário.

A análise dos dados do **Quadro 6** permite perceber qual o significado do estágio remunerado não obrigatório para os 14 alunos que participam desse estágio. Assim, por 19 vezes foi explicitado pelos sujeitos que o estágio remunerado não obrigatório é uma das formas de ingresso na profissão, “*uma oportunidade de se aprimorar como profissional, uma chance de adentrar na sala de aula*”.

Para estes sujeitos entrevistados, o estágio não obrigatório oportuniza a aquisição de experiências pedagógicas, para eles é uma “*oportunidade de ver na prática o exercício da função futura*”, através do contato com as salas de

aulas, os alunos e com os professores experientes que já atuam nestas escolas.

Nesta direção, os estagiários apontam que veem no estágio não obrigatório a “*oportunidade de relacionar a prática e o conteúdo das diversas disciplinas da grade curricular da Universidade*”, o que também oportuniza observar e elaborar recursos metodológicos e didáticos, conhecendo a sala de aula e “*colocando em prática as teorias que aprendem no decorrer da graduação*”.

Para os sujeitos, o estágio não obrigatório possibilita ainda *adquirir experiências na profissão*, como também uma formação mais abrangente, onde possam *colocar em prática o que aprendem na teoria*, corroborando para um conhecimento prático da profissão, salientam também que, vivenciar as práticas pedagógicas, possibilita “*obter experiências didáticas e compreender a função e papel do profissional da educação*”. Em sua visão, a prática permite “*saber como se sai na execução da atividade docente na sala de aula*”, ou seja, o estágio não obrigatório para estes é “*um meio de adquirir experiência*”.

Além disso, constata-se que o estágio não obrigatório é citado por 6 vezes, como uma forma de contribuição e autonomia financeira, os estagiários citam que o recebimento de bolsa e auxílio transporte são também razões que os motivaram a realizar o estágio não obrigatório, de forma a possuir uma renda extra, que os ajudam a permanecer no Curso de Graduação.

No que concerne às dificuldades, esclarecimentos e orientações durante o estágio não obrigatório, 8 sujeitos apontam, por 27 vezes, que encontraram dificuldades no decorrer do estágio não obrigatório, dificuldades como: não ter uma turma certa para desenvolver um trabalho a longo prazo; falta de direcionamento por parte da gestão pedagógica e dos professores da escola; o fato de a escola, por muitas vezes, esperar que o professor estagiário já saiba o que fazer, sem dar a eles uma orientação mais precisa sobre didática e docência.

Apontam também a dificuldade de conciliar a atividade do estágio com as atividades acadêmicas da Universidade; com relação à relação teoria e prática, os sujeitos salientam que, por muitas vezes, têm de executarem, sem apoio da escola, as atividades docentes; salientam também que alguns professores parecem achar que eles (estagiários) já são professores formados,

não os auxiliando nas atividades docentes, o que faz com que se sintam sozinhos e perdidos devido à demanda de atividades e tarefas que exercem.

Outro fator apontado pelos estagiários é a dificuldade de interagir com alunos especiais, pois estes afirmam que iniciam o estágio sem nenhuma preparação prévia para lidar com a diversidade que encontram em sala de aula. Em uma das falas dos sujeitos ele afirma o seguinte: “*Não tive esclarecimentos, apenas fui jogada na sala de aula, e sem experiência nenhuma tive que me virar*”. Dessa forma, pode-se perceber que alguns desses sujeitos se sentem despreparados e sem apoio para o início da atividade docente no estágio.

Nesta direção, os sujeitos corroboram que a maioria das escolas exigem muito dos estagiários, em contrapartida, as instituições oferecem pouco apoio e esclarecimentos a estes sujeitos, afirmam que muitos aspectos vivenciados no estágio não são esclarecidos de maneira clara, que existem dificuldades principalmente na comunicação das informações.

Assim, os sujeitos afirmam também que o estágio não obrigatório também acontece por haver uma carência no quadro de professores efetivos na escola, ocasionando assim, a contratação de professores estagiários, com a expectativa de que estes façam o trabalho de um professor titular, recebendo um salário de estagiário.

Por conseguinte, os entrevistados salientam sobre a falta da oferta de uma “*formação*”, afirmando, por exemplo, que em algumas escolas, conseguem mais orientações, porém, em outras são “*jogados para aprender ‘na lata’, sem ensaios, sem nada, recebendo pressões tanto dos professores titulares quanto dos pais por não saberem tanto a prática*”.

Em uma das falas citadas pelos sujeitos, este afirma a dificuldade em ser titular de uma turma do maternal com 23 alunos de 02 anos e meio, sentindo-se, no começo do estágio, “*com insegurança, medos, não sabendo se daria conta da turma, não sabendo ter controle de turma, tentando ganhar confiança e ser amável, afetuosa, mas também ser segura e ser respeitada*” – e conclui que sua maior dificuldade maior é: “*tentar ser isso tudo e ser só uma estudante assustada*”.

Destaca-se ainda no Quadro 6, a presença de 6 sujeitos que revelam que não encontraram dificuldades no estágio não obrigatório, segundo eles, a

escola em que desenvolvem o estágio possui uma ótima equipe pedagógica, prestando sempre esclarecimento, orientações e que também sempre obtiveram auxílio dos professores titulares das escolas, que estes professores estavam sempre dispostos a compartilharem seus conhecimentos, assim como algumas das dificuldades que os estagiários possuíam foram esclarecidas durante as aulas na UFPI.

Dessa maneira, no que diz respeito ao que os alunos estagiários aprenderam **com** ou **no** estágio não obrigatório, **todos** os entrevistados relatam que: aprenderam a ter contato com o aluno, que a medida em que iam desenvolvendo o estágio eles iam percebendo e se adequando à forma como mediavam o conhecimento, tendo também no decorrer desta atividade uma maior apropriação dos conteúdos a serem ministrados em sala de aula.

Neste contexto, os estagiários também ressaltam que aprenderam a: identificar com quais os aspectos possuem maior afinidade, como por exemplo: matérias e conteúdos, assim como também o estágio não obrigatório os oportunizou a se verem como professores, desenvolvendo planos de aula, percebendo que cada aluno aprende de uma forma diferenciada, *“que é necessária a utilização de métodos que chamem a atenção desses alunos, para poder ter a atenção dele em 100% na sala de aula para entendimento do conteúdo”*.

Outros fatores apontados pelos estagiários que segundo eles contribuíram de forma positiva na sua formação durante o estágio não obrigatório são: as relações interpessoais com os demais colegas de profissão, e o conhecimento das situações do cotidiano escolar – o que lhes permite *“se entenderem, se descobrirem e se verem como professores”*, desenvolvendo conteúdos para aplicação de atividades pedagógicas, ministrando aulas, vendo a dinâmica de sala de aula, conhecendo e analisando os alunos e seus comportamentos, para saber como agir durante as atividades pedagógicas. Há ainda estagiário que afirma que *“as experiências no estágio me ajudaram até a perder a timidez”*.

Assim, para os sujeitos, o estágio não obrigatório propicia também a reflexão sobre qual tipo de professores estes indivíduos pretendem ou não ser. Em suas palavras: *“aprender na prática como ser professor, conhecer a*

realidade da sala de aula, o ambiente escolar, o convívio com os pais e responsáveis dos alunos e entender os alunos com afeto”.

Vale salientar também, que para estes sujeitos, durante o estágio não obrigatório, os professores das turmas dão liberdade a eles para que possam “*ter postura de professores assim como eles (professores formados)*”. Isso lhes permite aprender a “*como lidar com as crianças, como funciona o processo de desenvolvimento delas, mostrando a realidade da sala de aula permitindo ao estagiários unir a teoria à prática vivida, o aprofundamento da didática de acordo com cada nível escolar dos alunos*” – pois, segundo eles, todo dia irão se deparar com o pior dos desafios: “*crianças que são negligenciadas pelos pais, professores cansados psicologicamente e fisicamente, gestores que veem os alunos como ‘números’*”.

Por esta razão, para os estagiários entrevistados, o que os impulsiona é a vontade de buscar uma formação continuada, assim como também a escolher uma especialização. Quando perguntados sobre como se identificam ao que concerne à atividade docente, todos afirmam se identificar como *Professor/a* ou *Aprendiz de professor*.

Neste cenário, o que se constata é que todos os **elementos do trabalho do professor** aparecem nas falas dos estagiários: os objetivos, os conteúdos, o ensino, a didática, os alunos, a aprendizagem, como lidar com alunos, como identificar e trabalhar com as diferenças entre os alunos, como se relacionar com os pais de alunos, com os colegas de profissão, como ministrar e preparar aulas, a busca de formação continuada.

Todos esses fatores compõem os elementos do trabalho do professor aos quais se referem autores como Pimenta e Lima (2008), Marcelo (2009), Tardif (2002) e Shulman (2014). Embora não mencionados explicitamente, todos esses elementos aparecem nas falas dos estagiários.

No que diz respeito às relações entre as aulas/leituras/discussões na Universidade e a realidade das salas de aula no estágio constata-se no Quadro 6 que, por **8 vezes** os estagiários manifestam **visão negativa** dessa relação, incluindo manifestações como:

- *Visão de sala de aula que temos na Universidade é bastante distinta da realidade*
- *É muito utópica a visão teórica porque a realidade é a da escola tradicional.*
- *O campo teórico é totalmente diferente da sala de aula e da realidade escolar.*

- *Universidade e estágio são completamente diferentes*
- *Há muita desconexão em alguns aspectos*
- *A realidade em sala de aula é totalmente diferente*
- *As teorias que aprendemos em sala de aula nos ajudam a embasar o nosso trabalho, mas ainda estão longe da realidade que encontramos na escola.*
- *A teoria está defasada da realidade atual.*

Apenas **3 vezes** os estagiários se manifestaram com **visão positiva** relacionando os estudos na Universidade e as vivências no estágio não remunerado, incluindo as seguintes referências:

- *Tudo que aprendi na Universidade eu consegui visualizar no estágio.*
- *As discussões na Universidade são essenciais para não nos perdermos, para buscar auxílio na teoria, nos autores e professores.*
- *Fazem todo sentido os autores e o que diziam sobre comportamentos, estratégias e metodologias.*

4.2 As narrativas e entrevistas sobre o Estágio não obrigatório

Se, por meio de **questionários** respondidos presencialmente em sala de aula foi possível traçar o perfil dos 17 alunos concluintes do curso em 2023, as **narrativas e entrevistas** permitiram aprofundar a visão dos alunos participantes do estágio não obrigatório sobre essa participação e seus impactos na formação profissional.

Para tanto, foram selecionados **4 graduandos** da referida turma, que concordaram em participar da **elaboração escrita de narrativas** para relatar suas vivências no estágio não obrigatório, suas práticas na docência em sala de aula, suas trajetórias e percursos de desenvolvimento pessoal e profissional, seguida de **entrevista individual presencial** para discutir as narrativas produzidas.

Os **Quadros 7, 8, 9 e 10**, apresentados a seguir, sintetizam as narrativas e entrevistas dos estagiários sobre as experiências vividas no estágio não obrigatório.

A seguir o quadro 7 apresenta as respostas dos estagiários entrevistados sobre as vivências que tiveram no estágio não obrigatório. Vale ressaltar que os alunos 1, 2, 3 e 4 são os mesmos sujeitos do quadro 3.

Quadro 7: As vivências no estágio não obrigatório*

Estagiário	Como vê as vivências no estágio não obrigatório	O que considera mais importante em relação às vivências/experiências no estágio não obrigatório
1 Masculino 22 anos Solteiro Sem filhos	As vivências são bastante dinâmicas e enriquecedoras, pois o ambiente de sala de aula se mostra bem abrangente, é obvio que em alguns momentos levam ao questionamento sobre se é realmente o que eu quero, devido aos problemas que surgem.	Aquisição de conhecimentos na escola com profissionais que estão a mais tempo mercado.
2 Masculino 22 anos Solteiro Sem filhos	As minhas vivências no estágio são intensas, mas extremamente proveitosas para meus conhecimentos, me organizo de forma cuidadosa e centrada na necessidade que meus alunos apresentam, meus planos de aula são adaptados à realidade em que a escola está inserida.	Eu acredito que o aprendizado na prática, porque a teoria é muito diferente da prática e que tudo que eu sei, eu aprendi dentro de sala de aula. Porque às vezes a gente aprende uma coisa no campo teórico e a gente chega na sala de aula é totalmente diferente do que a gente vê, principalmente quando se trata de escolas públicas. Então acredito que seja isso, essas práticas pedagógicas que venho aprendendo dentro do estágio.
3 Feminino 41 anos Casada Sem filhos	Em constante aprendizado, mas encantada com o meu fazer hoje e com medo ao mesmo tempo, no entanto, com a certeza de que fiz uma ótima escolha.	O mais importante é parte do conhecimento na prática, porque eu relatei que na Universidade é totalmente diferente do que a gente vem pra escola. Na parte do diferencial que eu me coloco, quando eu cheguei e fui as crianças que tem algum tipo de deficiência, seja ela autismo, seja ela intelectual, seja ela com Down, então, eu me voltei mais pra essas crianças, então, a parte que eu coloco do aprendizado, é de como eu posso ajudar essa criança se desenvolver melhor e tentar chegar numa equidade das outras crianças.
4 Masculino 24 anos Solteiro Sem filhos	Vejo como riquíssima oportunidade de adquirir conhecimentos em um dos principais campos de atuação do pedagogo, a escola. Além do mais, por estar em contato direto com profissionais que estão a mais tempo atuando na área, vivendo assim grandes experiências formativas.	A questão de ser um ambiente bem dinâmico e bem enriquecedor, o ambiente de sala de aula, ele vai se mostrar bastante abrangente, do tipo de aluno que a gente vai encontrar, da questão de ser bem denso o trabalho ali que a gente vai desenvolver com os alunos, até mesmo pra mediar esse conhecimento pra eles, eu coloquei que essa vivência talvez ela se coloca como uma faca de dois gumes, porque as vezes ela é uma experiência muito boa, porque a gente entra em algumas turma e consegue desenvolver um trabalho muito bom, e em outras turmas a gente sente que a turma em si dificulta, então a experiência em si, a vivência em si se torna uma pouco ruim, então, o que me acaba a questionar um pouco se é isso mesmo que eu quero, porque sou novo, ai as vezes a gente fica naquela: “Será que o ambiente de sala de aula é pra mim?”, então acho que essas vivências elas estão mais atreladas a essa linha que pode as vezes ser muito boa, da gente ter esse contato com o aluno, só que as vezes muito ruim, e eu acho que além disso, essa vivência propicia eu poder sentir que eu estou fazendo algo que tem uma funcionalidade, que como a gente passa mais tempo na Universidade, a gente não tem essa noção de como é estar inserido dentro sala de uma aula e o que é justamente o que esse estágio não obrigatório oferta pra gente, essa ideia de saber realmente como

		funcionam as coisas.
--	--	----------------------

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos da Entrevista e Narrativa.

* **Obs:** Vale ressaltar que esses 4 alunos entrevistados são os sujeitos 1 a 4 que compõem o Quadro 3.

A análise das informações reunidas no **Quadro 7** suscita considerações sobre como os estagiários se manifestam sobre suas vivências no estágio não obrigatório.

Por meio das respostas concedidas pelos estagiários entrevistados, as seguintes ideias aparecem para qualificar essas vivências: as dinâmicas em sala de aula são apontadas como *“algo enriquecedor, proveitosas no processo de formação, propiciando constante aprendizado, oportunidade de adquirir conhecimentos em um dos principais campos de atuação do pedagogo – a escola”*. Tais conhecimentos, segundo os estagiários, possibilitam centrar a atenção *“nos alunos, nas necessidades que estes alunos apresentam, conforme a realidade em que a escola está inserida”*.

Neste contexto, os entrevistados frisam que o contato direto com profissionais que estão a mais tempo atuando na área *propicia uma grande experiência*. Alguns dos sujeitos entrevistados afirmam também que *“através do estágio puderam ter certeza que fizeram uma ótima escolha”*, no entanto, outros sujeitos apontaram que o através do estágio não obrigatório levaram-se ao questionamento sobre se a carreira docente era realmente o que queriam, tais questionamentos surgiram, segundo esses sujeitos, devido aos *problemas que surgem no cotidiano nas escolas*.

No que concerne ao que se considera mais importante em relação às vivências/experiências no estágio não obrigatório, os estagiários entrevistados salientam que esta prática oportuniza *“a aquisição de conhecimentos na escola com profissionais que estão a mais tempo mercado, o aprendizado na prática, o conhecimento na prática, saber realmente como funcionam as coisas na escola”*.

E como os estagiários se referem às experiências vividas com as práticas em sala de aula? – o **Quadro 8**, apresentado a seguir sintetiza essas informações.

Quadro 8: As práticas na docência em sala de aula

Estagiário	Como organiza e realiza a docência em sala de aula	Quais práticas considera:		
		Mais marcantes e bem sucedidas	Mais difíceis	Que não deram certo
1	Para organizar as minhas aulas costumo utilizar os finais de semana, mas em relação ao conteúdo abordado, sigo a matriz da rede Municipal de Educação, direcionado pela SEMEC (Secretaria de Educação e Cultura).	As práticas que mais tiveram sucesso, foram as que mais foram bem orientados, mais bem orientada pela gestão da escola, pela professora titular, a professora titular era minha aliada, então as práticas que ela orientou muito bem, então foram as mais bem sucedidas.	A falta de orientação de alguns profissionais da gestão da escola, a gestão que não orientava como você fazer essa pra essa prática.	Acho que não tem nenhuma que não deu certo, só essa dificuldade de dar certo que deu no fim das contas.
2	A avaliação e o desenvolvimento profissional são bastante proveitosas, as práticas adquiridas no estágio contribuem para uma formação mais ampla e completa	Eu acho que desses... Nesse tempo que eu estou no estágio, a minha relação com as crianças, com toda certeza para mim foi o que mais me marcou, porque independente das situações, fui muito bem recebida, muito acolhida e acredito também que agora com essa gestão com a pedagoga daqui da escola. A minha prática docente, assim, melhorou 100% tanto na minha preparação de aula, a preparação bimestral, a minha prática pedagógica dentro desse campo de organização, organizar esses documentos está muito bem agora. Então, acredito que essa prática pedagógica voltada para os documentos e a relação com as crianças.	Aprender a lidar com as diferenças das crianças. Acredito que para mim tem sido bem... porque cada criança tem uma peculiaridade diferente. Então aprender a lidar com todos de forma equitativa e igualitária é muito difícil. Às vezes uma criança precisa de um suporte e outra precisa de outra. Eu acho que também demorei a entender que cada criança tem um tempo de aprender as coisas. Nem todas vão aprender da mesma forma, então acho que a maior dificuldade foi a de saber lidar com o tempo de cada criança em relação a aprender os conteúdos sistemáticos, no caso, porque os conteúdos, quando a gente fala os conteúdos sociais, é muito mais simples do que esse conteúdo sistemático.	Eu acredito que essas práticas que não deram certo são as que foram as más relações, ou então as más que as más relações com outras escolas. Eu acredito que talvez. Eu sempre fui muito atencioso com as crianças e de certa forma me incomodo, porque querendo ou não, criança sempre tem preferência e aí quando é escutado, a tal criança fala que prefere o professor, a criança prefere... Aí acho que isso gera incômodo. Então, acredito que foi difícil lidar com algumas coordenações de escolas que eu passei. Talvez por não entenderem, como eu lido com as crianças diferentes, ou com o favoritismo que existe dentro da escola pública.
3	Ainda não consigo me sentir confiante no meu todo em sala, porém, procuro fazer o meu melhor e buscar referências.	As minhas tarefas diferenciadas. Essa que está aqui do nosso lado, ela não me larga por causa desse detalhe, então assim, quando a gente vem pra sala de aula porque a gente aprende que cada	A mais difícil ainda é conseguir, trazer eles pra esse pensamento da importância do estudo, eu acho que eles como são alunos de uma classe, de média pra baixa e a falta de	É, que eu ainda tentei fazer e não consegui, eu acho que aplicar algumas atividades que a gente chama de metodologias ativas, no caso a parte de ramificação, que eu tentei fazer e não consegui com eles, as

		<p>criança ela tem a sua forma de aprendizado, alguns conseguem aprendem mais lendo, outros ouvido, outros escrevendo, e eles já tem essa limitação no aprendizado, então eu quis trazer algo de diferente pra eles, então eu fui buscar, eu fui estudar como é que eu poderia colocar o meu conteúdo em atividades adaptadas pra ele, e isso foi o que trouxe eles a mais pra mim, essa parte afetiva da relação professor-aluno, eu percebi no meu fazer diferente pra eles</p>	<p>incentivo muitas vezes da própria casa por país ou algum parente mais próximo que cuide, de ter essa preocupação esta observação, eles vem pra escola como se a escola só fosse pra vir passar a tarde, eles não tem mais essa questão do: “ o que que eu vou fazer pro meu futuro”, então eu tento colocar novamente, mas não sei se foi a pandemia, aí não sei se foi passar praticamente quase dois anos só em casa, mas, eu tento resgatar neles essa questão de que o estudo pode fazer uma transformação na vida deles.</p>	<p>quatro estações, apesar que as quatro estações não é nem algo muito... como é que eu posso colocar? Que necessitasse de tecnologia, mas a parte da ramificação foi a mais difícil, porque eles querem utilizar o celular, mas não querem utilizar o celular para aprender, querem utilizar para outras funções, massa parque que eu tentei e não consegui foi trazer metodologias ativas pra sala de aula como exceção da parte das apresentações que não chamar de apresentação, chamamos de seminários/ fóruns, eu consegui aplicar todos que eu desejei fazer, eles participaram muito bem, alguns até de forma bem é... Com muita dedicação, bem dedicados, porque eu explicava como é que seria o seminário, eles simplesmente não viriam pra ler, eles estudavam, eles explicavam o conteúdo daquilo, da forma que eles aprenderam, que é o intuito, não é que ele venha com algo decorado na cabeça, mas que ele consiga repassar para os colegas, falar né, e fazer uma discussão do conteúdo que ele aprendeu, isso aconteceu com muito sucesso</p>
4	<p>Com a ajuda do professor titular, ele me guiava para que a minha prática fosse a mais adequada possível dentro da especificidade do estudante.</p>	<p>Eu acho que as práticas mas de nível de gramática mesmo, o conteúdo, eu falo isso porque eu sei muito captar os assuntos como estudante, mas não sei se sabia se eu ia ter essa possibilidade de repassar esse conteúdo pra outras pessoas, que é o conjunto de alunos, então as práticas que eu senti que forma mais interessantes foram os trabalhos que a gente desenvolve com eles, tipo: as reportagens, tudo</p>	<p>São as que envolve o material didático, eu sinto que os materiais didáticos que são repassados pela prefeitura, as vezes não são tão bons pra o professor, são materiais que acabam dificultando o nosso exercício da profissão, a desenvolver práticas, pois esse material é muito conteudista, muito preso. Eu como professor estagiário de língua portuguesa,</p>	<p>Eu acho que principalmente as práticas que envolvem leitura, porque as vezes é muito difícil eles terem esse olhar de parar e saber analisar, práticas de leituras foram as mais complicadas de se trabalhar em sala de aula.</p>

		<p>isso vai fazendo a gente ter uma visão bem mais ampla, vendo eles desenvolverem trabalhos mais diferenciados, porque uma coisa é quando a gente elabora isso na teoria, em casa isso é muito perfeito, mas quando a gente traz isso pra sala de aula a gente tem que saber a forma como a gente vai trazer, porque cada turma as vezes tem umas que gostam de fazer a atividade, já outras não gostam, então a gente tem que fazer com que eles sigam ali o nosso roteiro, embora a gente faça as modificações dentro de sala de aula.</p>	<p>a gente recebe uma matéria, e todo mês é direcionado pra gente, o conteúdo que deve ser trabalhado, de qual página a qual página a gente tem de ler ... que a gente perde um pouco do senso de ser uma pessoa que está construindo algo, é como a gente tivesse replicando um trabalho que já vem pronto, já vem tudo amarrado, às vezes não dá pra fazer algo novo, a gente tenta trazer, mas a gente tem que seguir aquela linha.</p>	
--	--	---	--	--

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos da Entrevista e Narrativa.

Quando indagados a respeito de como organizam e realizam a docência em sala de aula, 3 dos 4 estagiários que elaboraram as narrativas e participaram da entrevista afirmam buscar ajuda e referências na matriz da rede Municipal de Educação, direcionado pela SEMEC (Secretaria de Educação e Cultura) e com outros professores da escola.

Em relação às práticas que consideram mais marcantes e bem sucedidas, ou mais difíceis e que não deram certo, as respostas obtidas revelaram os seguintes aspectos mencionados pelos estagiários:

- *As práticas que mais tiveram sucesso, foram as que foram mais orientadas pela gestão da escola e pelas professoras titulares*
- *A preparação de aula*
- *A preparação bimestral*
- *A organização dos documentos*
- *A relação com as crianças.*
- *Perceber que cada criança tem a sua forma de aprendizado: lendo, ouvido, escrevendo*
- *Estudar para adaptar os conteúdos às crianças*
- *Perceber o lado afetivo do ensino*
- *Aprender a repassar o conteúdo para outros*
- *Aprender a selecionar atividades mais interessantes para os alunos*
- *Aprender a fazer modificações durante a aula*

Além disso, para os 4 estagiários entrevistados, as atividades mais difíceis e que não deram certo se ligam em geral à falta de orientação dos professores e gestores da escola e isso incluiu, na percepção dos estagiários:

- *Aprender a lidar com as diferenças das crianças*
- *Saber qual suporte oferecer a uma criança e qual oferecer à outra*
- *Entender que cada criança tem um tempo de aprender as coisas*
- *Perceber que nem todas vão aprender da mesma forma os conteúdos*
- *O mais difícil é fazer os alunos entenderem a importância do estudo*
- *Lidar com o material didático repassado pela prefeitura – que amarra o trabalho do professor*

E como os estagiários se manifestam no que tange às relações com os alunos?

O **Quadro 9**, a seguir, reúne as informações fornecidas pelos estagiários a esse respeito.

Quadro 9: As relações com os alunos no estágio não obrigatório

Estagiário	Como percebe as relações com os alunos	O que se mostrou mais importante nas relações com os alunos
1	A relação é bem diversa, pois em alguns percebemos um certo carinho e outros se mostram mais difíceis de ter um contato, então é um meio termo.	A convivência com eles, e entender que aqueles seres são aprendizes e que eles precisam de alguém com mais conhecimento que eles para eles poderem seguir em frente. porque a gente entende o perfil de cada um, entende que ninguém é igual e que cada um tem um ritmo, e que a gente é que tem que adaptar a prática para lidar com eles.
2	A relação com os alunos é incrível e essencial para uma boa convivência em sala de aula, o afeto, cuidado e carinho que recebo é sem explicação, percebo que essa boa relação se dá pela construção de um lugar seguro e acolhedor que forneço aos meus alunos.	O aprendizado. Com toda certeza eu aprendo muitas coisas que eu não fazia ideia que precisava aprender com as crianças. Eu acho que depois que eu comecei a estagiar, eu sou muito mais humano do que eu era antes, porque eu venho de escolas que, comparadas à renda familiar das crianças, enfim, o lugar que a escola está inserida, a periferia. Então, as realidades que eu vivi e que eu vi das crianças eram coisas que eu não tinha ideia do que eram. Porque eu acho que eu estou tão preso em uma bolha que eu vejo que uma criança já não tem onde morar, que já morou em casa, que não tem o que comer, o que come por dia é o que tem na escola. Então acho que esse aprendizado com as crianças é o que mais me marca até hoje. Inclusive, apesar de eu estar numa escola socioeconômica melhor agora, com poder social econômico melhor. Mas outras experiências, esse aprendizado com as crianças, esse dever humanizador foi essencial para mim.
3	É o que mais me alegra todos os dias, esse contato afetivo com cada um, espero poder fazer um diferencial na vida deles.	Essa questão de conquista, de afeto, de respeito, então assim, porque como eu disse, não sei se devido às mudanças que a gente teve, se foi pandemia, eu acho que eles são às vezes mais ríspidos, alguns ainda são mais que com o tempo você vai conversando, vai informando e aí você vai criando uma afetividade. Com isso consegui com que eles me dessem uma forma sentir respeito na

		<p>sala, porque uma das coisas que eu vejo mais e ouço dos outros professores é a insatisfação do comportamento dos alunos em sala de aula, que pra mim não é um problema, eu consigo dar minhas aulas tranquilamente, claro, não 100% porque são alunos, nem sempre aquele que vai tá ali conversando, tendo uma conversa, puxando assunto, outro tirar um pouco da atenção, mas que na maioria das vezes pra mim não é algo que me atrapalha na minha didática, na minha aula.</p> <p>Não adianta eu chegar com uma autoridade dentro da sala e não demonstra que eu posso ser também uma amiga, claro que papel professor papel de orientador de certa forma mesmo que seja de algo particular, porque nesse meio a gente envolvida com muita criança com a crise de ansiedade, de depressão, problemas familiares e eles estão numa fase que às vezes eles não querem conversar com alguém de casa, mas com alguém de fora, então eu sempre quis mostrar que eu não estava aqui apenas como Professora, como educadora, como alguém somente para transmitir conhecimento, mas que eles podem sim relatar algo a mais, e isso foi construindo uma amizade, com respeito, papel professor/aluno, sem fugir o limite.</p>
4	<p>Sempre foram super agradáveis, eles entendiam que eu era também um professor, assim como a titular da turma. Tiravam suas dúvidas, sempre prevalecendo o respeito.</p>	<p>Eu acho que a questão da afetividade, que a gente desenvolve por eles e eles desenvolvem pela gente, também a questão de estarmos lidando com múltiplos perfis em sala de aula, então, a gente encontra diversos alunos de diferentes tipos, então a gente tem que ir fazendo aquele joguinho de tentar se encaixar, de tentar entender, compreender de onde vem cada um, acho que mais nesse sentido, obviamente a afetividade contribui para o aprendizado do aluno, quando o aluno, uma turma te aceita bem, eles sentem o prazer em está tendo a sua aula, e ai você consegue trazer bem mais coisas e você sente um profissional mais valorizado, e uma vez que a gente sente valorizado naquilo que a gente está se promovendo a fazer, a gente tende a sempre querer fazer mais, diversificar, agora, em uma turma em que a gente não é tão bem recebido, acaba que a gente fica mais limitado, não que a gente não queira, mas a gente percebe que a turma não vai querer, então as vezes trazer um conteúdo por trazer, sem dar em nada, a gente fica meio ali com o pé atrás.</p>

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos da Entrevista e Narrativa.

O exame dos dados do Quadro 9 permite perceber que todos os 4 estagiários afirmaram ser esse o *“melhor aspecto de suas vivências no estágio”*, que passa pela *“afetividade nas relações entre professor e alunos”* e pela construção de um *“clima seguro e acolhedor para todos em sala de aula”*.

Ao se referirem ao que se mostrou mais importante nas relações que estabeleceram com os alunos, os estagiários apontaram os seguintes aspectos:

- *Saber conviver com crianças e entender que eles são aprendizes, ou seja, precisam de alguém com mais conhecimento*
- *Compreender que cada um tem um ritmo e que a gente é que tem que adaptar a prática a eles*
- *Descobrir que se pode aprender com as crianças*
- *Perceber o trabalho docente como um trabalho humanizador*
- *Entender que ensinar é uma questão de conquista de afeto, de respeito entre professor e alunos*

- *Compreender que a afetividade também contribui para o aprendizado do aluno*

Finalmente, no que se refere à contribuição do estágio não obrigatório para a formação e para o desenvolvimento profissional dos estagiários futuros professores, as manifestações dos 04 estagiários entrevistados foram reunidas no **Quadro 10**, a seguir apresentado.

Quadro 10: Contribuição do estágio não obrigatório para formação e desenvolvimento profissional

Estagiário	O que mais contribuiu para formação e desenvolvimento profissional	Quais os principais conhecimentos sobre ensino que construiu no estágio
1	Eu acho que as relações com as pessoas, as relações com os demais profissionais, as relações com os professores e com os alunos contribuíram muito para que se tornasse um profissional mais qualificado, porque a gente não vai trabalhar sozinho, em nenhuma instituição a gente vai trabalhar sozinho, então as relações são importantes, e também a gente entender que a escola não é um mar de rosas.	O principal, eu acho que é de entender os alunos, de entender que cada um tem um ritmo, tem um jeito, aprende de uma forma, e essa forma de aprender conforme eles, conforme a música deles, eu acho que é uma das coisas principais, porque por mais que a gente na universidade aprenda as técnicas e tudo mais, mas para lidar com criança, se referindo à escola, para lidar com criança não é de qualquer jeito. Então, a vivência com as crianças faz a gente aprender isso.
2	Eu acredito que principalmente essa parte mais sistemática quando se trata dessas, desses planejamentos pedagógicos, dessas reuniões escolares, a Francisca que a pedagoga da escola, ela me orienta de uma forma que eu me sinto tão... Eu não sei explicar, porque eu aprendi a fazer plano de aula dentro do estágio (não obrigatório), apesar de já ter visto na teoria, na universidade, eu aprendi mesmo a fazer dentro do Estágio (não obrigatório). Com todo esse planejamento eu vim aperfeiçoar aqui na escola, apesar de eu já ter o conhecimento e saber como fazer. Mas esse aperfeiçoamento dessas questões sistemáticas acontece dentro da escola, dentro do estágio. E eu acredito que quando se trata de planejamento pedagógico, foi fundamental para eu poder me organizar melhor, para eu fazer um plano de aula que não é aquele mirabolante, que é possível e existente e que eu posso contemplar em sala de aula.	Acredito que para além desse perfil humanizador, esse conhecimento mediador que veio para mim, eu aprendi a estudar de fato esses conteúdos sistemáticos, matemática, português, que era uma coisa que eu não tinha experiência. Então foi algo que assim, que abriu os meus olhos, iluminou as minhas ideias para que eu estudasse, para eu poder preparar as minhas aulas. Porque antigamente, talvez no primeiro mês, o segundo mês de estágio, a minha ideia era dar aula, depois só depois fazer o planejamento. E eu acredito que um monte de estagiários faz isso, para eles saberem como lidar com a sala, e hoje não, olhar para a minha aula fundamentada em livro e atividades na BNCC, apesar de eu sentir muito esse engessamento da BNCC e desses currículos, porque às vezes os currículos eles na maioria das vezes eles não contemplam a realidade da escola. Então é muito difícil você ser cobrado por algo que você sabe que essas crianças não vão conseguir realizar. Então, acredito que tenha sido isso que tenha contribuído. Essa questão de eu aprender a estudar esses ensinamentos sistemáticos, esses conteúdos, para que eu consiga dar uma aula de qualidade.
3	O que mais contribuiu foi realmente vivenciar o que eu sei que não vai ser diferente nenhuma outra escola que eu for passar, aqui está sendo algo passageiro, vou fazer concurso, eu já não vou ter o medo que eu tinha inicialmente, porque eu cheguei não aqui, mas antes do Simões, eu estagiei em outra escola e foi literalmente jogada, assim: “a sala é tua trabalhar com ela”, e não era diferente os alunos, há os alunos que são mais atenciosos, há os alunos que tem mais interesse, então é aprender como lidar com essa diversidade	A minha parte de lidar realmente com o que tem dentro da escola, acho que o que realmente contribuiu, é essa de saber o que sempre vai poder vir apesar de sempre serem formas diferentes, é um lidar com pessoas diversificadas de todas as formas, tanto por parte do aluno, por professores e os profissionais, pais, então, foi a questão do conviver com pessoas, e tentar poder e ajudar da melhor forma. A parte que me coloca como profissional, porque o que eu imagino que a função do professor é justamente criar essa

	de formas de aluno, isso acho que foi o que mais me contribuiu na minha na minha parte profissional.	vontade nos alunos de que ele tenham esse interesse pela educação, que a educação ela é transformadora, então, eu acho que eu faço, pelo menos tento fazer da melhor forma de demonstrar que eles podem através da educação ter um futuro diferente, eles podem transformar a vida deles, a vida da família deles, essa parte que realmente eu acho que pra mim não sai do meu propósito como educadora, formada depois, e permanecer dessa forma, Independente das dificuldades da vida de professor, salário, tempo, tirar isso de mim, eu não quero que a insatisfação por possuir dentro da sala de aula alunos desinteressado, que a gente sabe que sempre vai ter aquele aluno, por questão de dificuldade no aprendizado do aluno não eu não vir a dar importância, pra mim de tudo, de tudo, é essa parte que fica , que mais contribuiu.
4	Eu acho que mais contribuiu foi, me dar um parâmetro de como funciona uma sala de aula, porque o conteúdo pelo conteúdo é algo que eles podem explorar até fora de sala de aula, é algo que eles podem acessar na internet, só que eu acho que esse contato com o aluno esse contato com o ambiente escolar, com a coordenação, tudo isso é bem amplo, porque eu não estou aqui apenas pra passar um conhecimento, jogar pra eles, isso tudo vai estar atrelado, a forma como eu me posiciona em sala de aula, a forma como eu me posiciono fora da sala de aula com a coordenação, tudo isso vai estar arraigado, e acho que constrói esse profissional em mim, como a gente pode se dar bem dentro e fora de sala de aula, a gente vê que tem casos e casos, não tanto de conteúdo, como eu coloquei no questionário, querendo ou não eu tive um aprofundamento em nível de conteúdo, os conteúdos que eu trabalho de gramática, os conteúdos que eu vejo na Universidade , existe essa disparidade, na gramática a gente estuda quatro gramática menos a tradicional, já no ambiente escolar, é exigido a tradicional, então acaba que a gente perde um pouco esse senso de gramática, ai a gente a gente volta a estudar, só que não mais com o olhar de aluno que precisa aprender aquele conteúdo pra fazer uma prova, mas que precisa aprender, reforçar o conteúdo pra poder passar o conteúdo pro aluno, para trazer o máximo que eu posso pra eles.	Contribuiu mais pro meu conhecimento, como elenquei aqui de pessoa, conhecimento pessoal, nesse parâmetro de entender as relações, entender ser mais paciente, porque eu sou meio impaciente, então, entender que ali não sou só eu, entender que tem uma pessoa não que está dependendo de mim, mas que está ali, que eu tenho que auxiliar a chegar ao máximo dele, eu acho que o conhecimento que se estabelece pra nós em relação ao estágio não-obrigatório é esse conhecimento humano, esse conhecimento humano olhando pessoas bem mais novas que a gente, porque eu não estou falando de uma pessoa de igual pra igual, eu estou falando com um aluno, então a gente tem que ter saber trabalhar a nossa comunicação, o que a gente fala em sala de aula tem que ser muitas vezes controlado, minimizado, porque é uma pessoa que não tem a carga emocional que eu já tenho, não tem a bagagem que eu já tenho, e que eu tenho que fomentar um conhecimento critico pela parte dele.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nos dados extraídos da Entrevista e Narrativa.

A análise dos dados do Quadro 10 suscita algumas considerações sobre o que os estagiários consideram que mais contribuiu para sua formação e desenvolvimento profissional nas experiências vividas no estágio não remunerado.

“Vivenciar as relações com as pessoas dentro da escola” (os demais profissionais – professores, gestores e funcionários – e os alunos) parece ser uma das principais contribuições do estágio para os futuros professores);

“porque a gente não vai trabalhar sozinho, (...) em nenhuma instituição a gente vai trabalhar sozinho...” – por isso as relações são importantes. Para os estagiários isso também serve para ajudar a entender “(...) que a escola não é um mar de rosas”.

Nas narrativas e entrevistas os estagiários mencionam ainda:

- *A elaboração dos registros escolares: planos de aula, cadernetas, planejamentos pedagógicos, reuniões escolares – algo já visto na teoria, na universidade e que se a gente vê no estágio não obrigatório*
- *Aprender a reconhecer e a lidar com a diversidade de alunos em sala de aula*
- *Obter um parâmetro de como funciona uma sala de aula*
- *Voltar a estudar os conteúdos (...) não mais com o olhar de aluno que precisa aprender aquele conteúdo para fazer uma prova”, (...) “mas estudar com o olhar de professor, para ensinar”.*

E quais foram os principais conhecimentos sobre ensino que os estagiários afirmam ter construído no estágio não obrigatório?

Também aqui, os dados revelam que os alunos constroem sim, nos estágios, conhecimentos valiosos sobre ensino, citando, por exemplo:

- Entender os alunos
- Entender que cada um tem um ritmo e aprende de uma forma – e que é preciso “(...) dançar conforme a música deles”
- Adquirir um “conhecimento mediador” – “(...) que é aprender a estudar os conteúdos sistemáticos, para poder preparar as aulas”
- “Lidar realmente com o que tem dentro da escola: as relações pessoais”
- Aprender que a função do professor “é justamente criar a vontade e o interesse de estudar nos alunos”
- Aprender a ser “mais paciente” e esperar o tempo do outro – o aluno – “(...) eu acho que o conhecimento que se estabelece para nós em relação ao estágio não-obrigatório é esse conhecimento humano... olhando pessoas bem mais novas que a gente...”
- Saber “trabalhar a comunicação em sala de aula”.

Assim, o que se constata é que o estágio não obrigatório representa contribuição valiosa para a formação dos futuros professores, seja no que tange à construção dos conhecimentos profissionais que a imersão na realidade da escola traz, seja no que se refere ao processo de socialização

profissional por meio das relações com o coletivo de profissionais, alunos, pais e funcionários do contexto escolar.

A principal constatação dessa pesquisa se refere, portanto, à situação de estágio como porta de entrada para a realidade profissional e para o processo de socialização profissional.

Trata-se da apreensão dessa realidade pelos estagiários e de entender a escola também como local de formação profissional, na medida em que o estágio – nos moldes do estágio remunerado, que envolve imersão total do estagiário, assumindo a responsabilidade pela sala de aula – proporciona as aprendizagens básicas inerentes à profissão docente, trazendo junto os valores e exigências desse mundo do trabalho de ensinar.

Dessa forma, a pesquisa aponta que o estágio regular (Estágio Supervisionado da Universidade) não propiciou a imersão total na profissão docente, porém, o estágio não obrigatório avança nesse aspecto. Apesar dos problemas levantados pelos alunos de que esta parceria entre Universidade e Prefeitura passam a ser também uma forma de tornar o trabalho docente mais “barato” para os cofres públicos, com os alunos estagiários desenvolvendo a atividade docente nas escolas da prefeitura e recebendo uma remuneração bem abaixo do valor dos salários pagos aos professores efetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os dados e análises até aqui apresentados procuraram responder às perguntas de pesquisa.

Quais motivações levam o licenciando de pedagogia ao estágio não obrigatório? Quais são, na visão desses estagiários, os conhecimentos construídos nas vivências do estágio não obrigatório nas escolas da SEMEC? No que o estágio não obrigatório contribui para sua formação profissional? Como os estagiários relatam conduzir as práticas educativas e as ações pedagógicas desenvolvidas no estágio? E o que dizem os documentos orientadores sobre os estágios curriculares obrigatórios e os não obrigatórios? – foram estas as **perguntas** que nortearam a pesquisa aqui relatada.

A pesquisa procurou identificar quais conhecimentos docentes o aprendiz de professor afirma construir por meio do estágio não obrigatório nas escolas da SEMEC/Piauí.

Além disso, procurou-se, de um lado, conhecer de que forma os estagiários compreendem e expressam a alternância estabelecida entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório) e, de outro lado, identificar os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários; além de analisar as orientações legais sobre estágios nas licenciaturas (os curriculares obrigatórios e os não obrigatórios).

Os resultados obtidos confirmaram, em parte, a **hipótese** norteadora da pesquisa de que: (a) os estagiários compreendem e expressam a importância do estágio para sua formação e para o conhecimento do dia a dia da profissão, mas pouco se referem ao processo de alternância entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio não obrigatório); e (b) os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários, estão ligados diretamente às situações práticas vividas e não a reflexões conceituais.

O que se constatou é que, embora os estagiários revelem compreender a importância do estágio para sua formação e para o conhecimento do dia a dia da profissão, a forma como se referem ao processo de alternância entre a teoria (aulas na universidade) e a prática (atividades desenvolvidas no estágio

não obrigatório), revela uma visão mecanicista dessa relação, ou seja como se a teoria fosse algo a ser mecanicamente aplicado à prática.

Parece escapar aos estagiários que a docência se refere a um campo teórico-prático, no qual as questões teóricas emergem da prática e nela se materializam. Não há uma teoria a ser pensada fora da prática e a ser nela aplicada posteriormente.

Os resultados confirmam que os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, na visão dos próprios estagiários, estão ligados diretamente às situações práticas vividas e não a reflexões conceituais.

Ainda assim fica clara para todos os alunos estagiários, sujeitos desta pesquisa, a contribuição do estágio não remunerado para a construção da formação docente. Todos afirmam que o estágio é essencial para a aprendizagem da profissão de professor, a ponto de afirmarem que, por meio do estágio, chegam inclusive a compreender melhor se esta é mesmo a profissão em que desejam permanecer, ou não.

Isso permite pensar que os estágios (remunerados ou não) têm um importante papel a cumprir na formação inicial dos professores, que é o de ajudar os futuros professores a se conscientizarem das disposições, capacidades e conhecimentos necessários para ensinar.

É disso que fala Tardif (2002) ao afirmar a escola e a sala de aula, como espaços que permitem ao professor desenvolver seus saberes profissionais, definindo a necessidade de 4 tipos de saberes, interagindo entre si, para estruturar o repertório dos saberes docentes: os da formação acadêmica, os disciplinares, os curriculares e os experienciais.

É sobre essa mesma interação de saberes que também se refere Shulman (2014), quando sustenta que os professores devem possuir conhecimentos, tanto do conteúdo que ensinam, quanto das estratégias de ensino mais adequadas para transmitir esse conhecimento aos alunos – o *conhecimento pedagógico do conteúdo* – além dos conhecimentos sobre os alunos, sobre os contextos educacionais e sobre os fins e propósitos da educação. Trata-se de uma base de conhecimento a ser adquirida, desenvolvida e aplicada na prática de ensino.

É isso também que afirma Marcelo (2009) quando entende o processo de formação docente como uma realidade que não ocorre de uma vez por

todas, mas que permanece em constante evolução individual e coletiva. Ou seja, a imagem que o futuro professor constrói de si mesmo como futuro profissional evolui, especialmente em contato com a prática no estágio, que o confronta com os diferentes papéis que os professores têm que cumprir – papéis e exigências que mudam com o tempo, o nível de ensino, o tipo de escola, as características dos alunos e o tipo de realidade e contexto que envolve a todos.

É dessa “formação em alternância” – que possibilita a construção de uma “inteligência profissional prevenida” – que fala Malglaive (1997), articulando os conhecimentos teóricos com os saberes provenientes da ação.

Da mesma forma que na profissão docente, todas as profissões requerem esse exercício da prática para a execução das operações e ações que lhes são próprias – como afirmam Pimenta e Lima (2008), alertando, porém, que a prática ou a teoria por si só, não dão conta de “ensinar” todas as complexidades do exercício da profissão. Diante disso, segundo as autoras, a execução da atividade docente nos estágios não deve se restringir apenas às habilidades técnicas, ressaltando a relevância do conhecimento científico para a resolução de problemas cotidianos referentes ao contexto escolar.

Por isso os conhecimentos construídos na vivência do estágio não obrigatório, não deveriam (como aparece na visão dos estagiários), estar ligados somente às situações práticas vividas no estágio e não às reflexões conceituais.

Sem essa condição é possível pensar que o potencial formativo da situação de estágio tenda a se fragilizar. A esse respeito, vale lembrar aqui que as narrativas e mesmo as entrevistas, como instrumentos de pesquisa, acabaram por se constituir em registros reflexivos sobre a experiência no estágio não remunerado – e foram bem recebidos e proveitosos para os 4 sujeitos entrevistados e que elaboraram as narrativas.

Esses momentos reflexivos sobre a prática vivenciada devem fazer parte integrante da construção da formação profissional docente. Mesmo considerando que não foram feitas perguntas a esse respeito, nenhum estagiário fez qualquer referência a momentos de reflexão sobre a prática nos estágios, como parte do curso ou de disciplinas do curso de Pedagogia.

É claro que esse momento de reflexão, na formação em alternância (Universidade X Escolas/estágio), mereceria uma investigação específica, porque é desses momentos e registros reflexivos que resultam a percepção e expressão das relações entre as ações/realidade vividas e observadas e o pensamento/conhecimento gerado por elas.

Esse é um aspecto importante a ser, finalmente, ressaltado, porque ao escreverem suas narrativas e responderem à entrevista, os alunos estagiários não produziram apenas um texto escrito (no caso das narrativas) e falado (no caso das entrevistas), mas produziram um retrato de si mesmos como futuros profissionais do ensino e de suas visões da profissão.

REFERÊNCIAS

BARREIRO, Iraíde Marques de Freitas; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis-RJ: Vozes, 1985.

BIANCHI, Anna Cecilia de Moraes et al. **Manual de Orientação**: Estágio Supervisionado. 2. Ed Revista, São Paulo: Pioneira Thomson, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Escola/Empresa: a qualificação pelo estágio**. Brasília, 1997.

BRASIL. **Lei nº11.778, de 25 de Setembro de 2008**. Dispõe sobre o estágio de estudantes e dá outras providências. Brasília-DF: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2017-2010. Acesso em: 31/maio/2016.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A história de Severino e a história da Severina**: um ensaio da Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1987.

CUNHA, Maria Isabel da. **CONTA-ME AGORA! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. *Revista da Faculdade de Educação*. São Paulo: FE/USP, v. 23, n. 1-2, Jan./Dez. 1997, s/p.

FARIAS, de Isabel Maria Sabino; SALES, Jonete de Oliveira Castelo Branco; BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FRANÇA, Maria do Socorro Lima Marques. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Liber Livro, 2014.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **A prática de ensino e o estágio supervisionado**. Campinas: Papyrus, 1991.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, Ana Maria. Concepções Orientadoras do Processo de Aprendizagens do Ensino nos Estágios Pedagógicos. **Anais Colóquio**: Modelos e Práticas de Formação Inicial de Professores. Lisboa-Pt: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Universidade de Lisboa. 2001. Disponível em: www.educ.fc.ul.pt/recentes/mpfip/pdfs/afreire.pdf.

GIESTA, Nágila Caporlândia. **Cotidiano escolar e formação reflexiva do professor**: moda ou valorização do saber docente? Araraquara: JM Editora, 2001.

GIOVANNI, Luciana Maria. **Análise documental nas pesquisas em educação**. (Texto elaborado para fins didáticos). Araraquara-SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar – FCL/UNESP, 1999 (Divulgação em meio digital).

GIOVANNI, Luciana Maria. Sobre procedimentos para organização e análise de dados. In: MARIN, A. J. *et all*. **Relatório Parcial de Pesquisa (Fapesp e CNPq): Desenvolvimento profissional docente e transformações na escola**. Araraquara: UNESP-FCLAr, 1998.

GIOVANNI, Luciana Maria. **Usos da Entrevista e do Questionário na Pesquisa Científica**. Roteiro-síntese organizado para uso didático. Araraquara-SP: 2009 (Divulgação em meio digital).

GLUCK, Í. **O mercado de trabalho e a educação**. Paraná: Editora Abril, 1979.

GÓMEZ, Á. P. 1995. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: A. NÓVOA (org.), **Os professores e sua formação**. Lisboa, Dom Quixote, p.93-114.

LÜDKE, M, e ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagem qualitativa**. São Paulo: EPU, 1986.

MAFUANI, F. **Estágio e sua importância para a formação do universitário**. São Paulo: Vozes, 2011.

MALGLAIVE, Gerard. Formação e saberes profissionais: entre a teoria e a prática. In: CANÁRIO, Rui (Org.). **Formação e situações de trabalho**. Porto-Pt: Porto, 1997, p. 52-60.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação & Realidade**. Porto Alegre-RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vol. 36, n. 2, maio-agosto/2011, p. 485-504.

MOLINA, Rosane Kreuzburg e MOLINA NETO, Vicente. Pesquisar a escola com narrativas docentes e grupo de discussão. **Educação**. Porto Alegre-RS: PUC-RS, v. 35, n. 3, p. 402-413, set./dez. 2012.

MARCELO, Carlos. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista brasileira de pesquisa sobre formação docente**. Belo Horizonte-MG: Autêntica, v. 01, n. 01, p. 109-131, ago./dez. 2009.

MOURÃO, Armanda Rachel Botelho. **Educação, Culturas e diversidades**. Manaus: Edua, 2011.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação do professor**. Campinas-SP: Papyrus, 2008.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation methods**. Beverly Hills, CA: Sage, 1980.

PICONEZ, C. Bertholo et al. **A prática de ensino e o estágio Supervisionado**. 2 ed, Campinas-SP: Papyrus, 1999

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2008.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. São Paulo Cortez, 2002.

SALES, Josete de Oliveira Castelo Branco. Identidade e fazer docente: dois movimentos que se cruzam. In: LIMA, Maria do Socorro Lucena; SALEA, Josete de Oliveira Castelo Branco (Orgs). **Aprendiz da Prática docente: a didática no exercício do magistério**. Fortaleza-Ce: Demócrito Rocha, 2002.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**. São Paulo: Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e a formação profissional**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE 1: Roteiro para análise de documentos

1. Identificação do documento:

1.1 Título:

1.2 Data:

1.3 Órgão responsável pela elaboração:

1.4 Quem assina o documento:

1.5 Contexto de origem:

1.6 Destinação:

1.7 Assunto:

2. Estrutura do documento:

(Fazer uma descrição esquemática do documento)

3. Principais ideias e orientações contidas no documento:

4. Referências a:

4.1 Concepções de estágio

4.2 Relações entre estágio e formação profissional / conhecimentos docentes

4.3 Orientações para o trabalho das universidades e das escolas

4.4 Condições físicas, materiais e humanas para o funcionamento do estágio

APÊNDICE 2: Questionário a ser aplicado aos concluintes do curso de Pedagogia/2023

Prezados alunos concluintes do Curso de Pedagogia

Este questionário tem a intenção de traçar o perfil dos alunos do último ano do curso de Pedagogia. As questões que você irá responder serão fundamentais para a minha pesquisa de Mestrado sobre o *estágio não obrigatório*.

É importante dizer que você não precisará se identificar e que os dados deste questionário serão utilizados exclusivamente para a pesquisa. Assim, esclareço que fica, desde já, garantido **total anonimato** dos alunos e da instituição universitária.

Fiquem, portanto, tranquilos para responder às questões.

Agradeço antecipadamente a sua preciosa colaboração.

NATAN MORAES DE CARVALHO – Pesquisador

Mestrando do programa de Pós-graduação em Educação: História, Política, Sociedade da PUC/SP.

Contato: natanfelipe15@hotmail.com

1. Vamos falar um pouco sobre você:

Idade: _____ **Sexo:** _____

Estado Civil: _____

Filhos: Não () Sim () – Quantos? _____

Mora em casa () ou apartamento ():

Própria/o () Alugada/o () Cedida/o ()

Quantas pessoas moram com você: _____

Renda familiar (em salários mínimos = R\$ 1200,00):

1 a 3 s.m. () 4 a 7 s.m. () 8 a 10 s.m. () () mais de 10 s.m.

Você trabalha? () Não () Sim.

2.2 Quais são suas **principais dificuldades?**

2.3 Você participa de **atividades extras** durante o Curso?

Eventos /Congressos / e similares – Não () Sim ()

Palestras – Não () Sim ()

Viagens de Estudo – Não () Sim ()

Projetos de Extensão de Serviços – Não () Sim ()
Qual ?

Atividades de Iniciação científica – Não () Sim ()
Qual ?

Grupos de Estudo – Não () Sim ()
Qual?

Movimento estudantil, grêmios ou ações políticas – Não () Sim ()
Qual?

Atividades culturais – Não () Sim ()
Qual ?

Órgão colegiado como representante de aluno – Não () Sim ()
Qual?

Você participa do **Estágio não obrigatório**? – Não () Sim ()

3. Então vamos falar adora sobre o Estágio não obrigatório

Se você não participa:

3.1 Já ouviu falar do Estágio não obrigatório que a Universidade oferece?
Sim () Não ()

3.2 O que sabe a respeito desse tipo de Estágio?

Se você participa:

3.3 O que significa o estágio não obrigatório para você?

3.4 Como e por quais motivos você decidiu participar do estágio não obrigatório?

3.5 Quais têm sido as suas **dificuldades no estágio não obrigatório**?

3.6 Você **tem obtido esclarecimentos suficientes** que auxiliem a sua prática docente no estágio não obrigatório? Tem encontrado **dificuldade de orientações** durante o estágio?

3.7 O estágio tem ajudado você **a se entender ou a se ver como professor**?
De que forma?

3.8 O que você diria **que aprendeu com ou no estágio não obrigatório?**
Você acha que **assimilou novos conhecimentos?** **Que tipos de conhecimentos** você **adquiriu?**

3.9 As **aulas, leituras e discussões realizadas na Universidade** vão ao encontro da **realidade de sala de aula** que você encontra no estágio?

3.10 Para encerrar: com base na vivência do estágio não obrigatório, **como você se identifica hoje?**

Aluno Professor Professor Aprendiz Auxiliar docente

Outros

Você **gostaria de participar da 2ª. etapa desta pesquisa?** (Essa segunda etapa consistirá na **elaboração de um breve memorial ou narrativa de formação** e de **uma entrevista coletiva** para discussão das narrativas).

Sim Não

Se **sim**, por favor, me deixe seu **contato**:

Primeiro Nome:

Telefone:

APÊNDICE 3: Orientações para elaboração das narrativas sobre a formação no estágio não obrigatório

Por favor, escreva neste espaço, algumas linhas sobre:

- 1. Como você vê suas vivências no estágio não obrigatório.**
- 2. Como organiza e realiza suas práticas na docência em sala de aula.**
- 3. Como percebe as relações com os alunos no estágio não obrigatório.**
- 4. Como avalia sua formação e desenvolvimento profissional até agora**

APÊNDICE 4: Roteiro para condução da entrevista

Olá

Estamos aqui para conversarmos sobre a sua narrativa escrita sobre:

- As **experiências que você viveu no estágio não obrigatório**
- As **práticas** que você organizou e realizou em **sala de aula**
- As **relações com os alunos** que você estabeleceu
- Seu processo de **formação e desenvolvimento profissional** decorrente dessas experiências no estágio

1. O que cada você apontou no memorial como **mais importante** em relação às **vivências/experiências** no estágio não obrigatório?

2. Quais **práticas** você indicou como:
 - as **mais marcantes e bem sucedidas**
 - as **mais difíceis e que não deram certo**

3. O que se mostrou **mais importante para você nas relações com os alunos?**

4. O que mais contribuiu para a **sua formação e desenvolvimento profissional?**

5. Quais os principais **conhecimentos sobre ensino que você tem construído no estágio?**

APÊNDICE 5: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa:

A sua participação não é obrigatória e a qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.

Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Os objetivos deste estudo são:

Sua participação nesta pesquisa consistirá em:

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos total sigilo sobre sua participação.

Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação e da instituição.

Você receberá uma cópia deste termo, onde constam o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação a qualquer momento.

DADOS DO PESQUISADOR PRINCIPAL (ORIENTANDO)

Nome

Assinatura

Endereço completo

Telefone

Declaro que entendi os objetivos de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

_____, ____ de _____ de 20__

Sujeito da pesquisa

APÊNDICE 6: Transcrição das entrevistas

Entrevista com sujeito 1.

Olá, estamos aqui para conversar um pouco sobre o memorial que você escreveu, as experiências que viveu no estágio não-obrigatório, as práticas que organizaram e realizaram em sala de aula, as relações com a com os alunos que estabeleceram, os processos de formação e desenvolvimento profissional decorrente da experiência do estágio. A primeira pergunta é: o que você aprontou no memorial com mais importância em relação as vivências?

Suj.1: Aquisição de conhecimentos na escola com profissionais que estão a mais tempo mercado.

Essas experiências, esses contatos com esses profissionais contribuíram na sua formação?

Suj. 1: Contribuíram muito, porque, por mais que a gente fosse pra escola com a teoria, nada com alguém que já está vivenciando na praça né, pra poder ensinar a gente de outra forma.

Você teve esse apoio desses profissionais?

Suj. 1: Sim, das escolas que eu passei eu tive esse apoio, essa acolhida dos profissionais da escola.

Quais práticas você indicou como as mais marcantes bem sucedidas?

Suj. 1: As práticas que mais tiveram sucesso, foram as que mais foram mais bem orientados, mais bem orientada pela gestão da escola, pela professora titular, a professora titular era minha aliada, então as práticas que ela orientou muito bem, então foram as mais bem sucedidas.

Como que por exemplo?

Suj. 1: Como eu ficava com um aluno específico, tudo que ela me dizia que era melhor pra ser feito com ele, claro com o que o já sabia também, ajudou, as práticas que ela me indicou a fazer pra lidar com um aluno, porque assim, eu tinha que fazer o trabalho mas, tudo baseado no planejamento dela, então, eu tinha que estar em consonância com tudo que eu ia fazer com ela pra poder melhorar.

E quais foram as mais difíceis nessas práticas?

Suj.1: A falta de orientação de alguns profissionais da gestão da escola, a gestão que não orientava como você fazer essa para essa prática.

E dentre essas práticas quais foram as que eu acho que não deram certo, assim você tentou fazer não conseguiu?

Suj. 1: Acho que não tem nenhuma que não deu certo, só essa dificuldade de dar certo de que deu no fim das contas.

O que se mostrou mais importante nas suas relações com os alunos?

Suj.1: A convivência com eles, e entender que aqueles seres são aprendizes e que eles precisam de alguém com mais conhecimento que eles pra eles poderem seguir em frente.

Então essa relação com os alunos você acredita que foi importante pra sua formação também né?

Suj. 1: Sim, porque a gente entende o perfil de cada um, entende que ninguém é igual e que cada um tem um ritmo, e que a gente é que tem que adaptar a prática para lidar com eles.

O que mais contribuiu para a formação e desenvolvimento profissional, essa sua prática no estágio não obrigatório, o que mais contribuiu pra você quanto sua formação de professor?

Suj.1: Eu acho que as relações com as pessoas, as relações com os demais profissionais, as relações com os professores e com os alunos contribuíram pra que se tornasse um profissional mais qualificado, porque a gente não vai trabalhar sozinho, em nenhuma instituição a gente vai trabalhar sozinho, então as relações são importantes, e também a gente entender que a escola não é um mar de rosas.

Então quando você chegou na escola através desse estágio você percebeu que a escola era outra realidade, como mesmo você disse, que não era um mar de rosas?

Suj.1: Sim, que as vezes tem muitos conflitos que a gente acha que não existe.

Na universidade pra você eles não apontam a existência desses conflitos, já na prática você percebe?

Suj.1: Até apontam, mas aí nada... quando a gente está lá (no estágio não-obrigatório) a gente percebe que realmente é diferente.

Quais os principais conhecimentos construídos, o que você aprendeu através do estágio não-obrigatório, e quais deles você considera mais importantes?

Suj. 1: O principal, eu acho que é de entender os alunos, de entender que cada um tem um ritmo, tem um jeito, aprende de uma forma, e essa forma de aprender conforme eles, conforme a música deles, eu acho que é uma das coisas principais, porque por mais que a gente na universidade aprenda as técnicas e tudo mais, mas pra lidar com criança, se referindo à escola, pra lidar com criança não é de qualquer jeito. Então, a vivência com as crianças faz a gente aprender isso.

Você acha que esse estágio não-obrigatório, esse estágio não-obrigatório você acha que ele contribui de forma significativa na sua formação como professor?

Suj.1: Contribui, contribui muito, porque você vai outra realidade, que geralmente os estágios não-obrigatórios são nas instituições privadas, então quando você vai fazer estágio obrigatório que nas instituições públicas, aí você se depara com uma

grande diferença, então ele serve também pra isso, pra você observar outra realidade, do seu campo.

Entrevista, sujeito 2

Olá! Estamos aqui para conversar sobre o memorial que você escreveu e as experiências que você viveu no estágio não obrigatório, as práticas que você organiza e realiza em sala de aula, as relações com os alunos que estabelecem e o processo de formação e desenvolvimento profissional decorrente dessas experiências no estágio.

Então, a primeira pergunta: O que você apontou no memorial como o mais importante em relação a suas vivências?

Suj. 2: Eu acredito que o aprendizado na prática, porque a teoria é muito diferente da prática e que tudo que eu sei, eu aprendi dentro de sala de aula. Porque às vezes a gente aprende uma coisa no campo teórico e a gente chega na sala de aula é totalmente diferente do que a gente vê, principalmente quando se trata de escolas públicas. Então acredito que seja isso, essas práticas pedagógicas que venho aprendendo dentro do estágio.

E quais práticas indicaram que você indicou como as mais marcantes e bem sucedidas e o que foi mais marcante nesse sentido para você?**Suj 2:** Eu acho que desses... Nesse tempo que eu estou no estágio, a minha relação com as crianças, com toda certeza para mim foi o que mais me marcou, porque independente das situações, fui muito bem recebida, muito acolhida e acredito também que agora com essa gestão com a pedagoga daqui da escola. A minha prática docente, assim, melhorou 100% tanto na minha preparação de aula, a preparação bimestral, a minha prática pedagógica dentro desse campo de organização, organizar esses documentos está muito bem agora. Então, acredito que essa prática pedagógica voltada para os documentos e a relação com as crianças.

E quais foram as práticas mais difíceis na sua experiência no estágio não obrigatório?

Suj 2: Aprender a lidar com as diferenças das crianças. Acredito que para mim tem sido bem... porque cada criança tem uma peculiaridade diferente. Então aprender a lidar com todos de forma equitativa e igualitária é muito difícil. Às vezes uma criança precisa de um suporte e outra precisa de outra. Eu acho que também demorei a entender que cada criança tem um tempo de aprender as coisas. Nem todas vão aprender da mesma forma, então acho que a maior dificuldade foi a de saber lidar com o tempo de cada criança em relação a aprender os conteúdos sistemáticos, no caso, porque os conteúdos, quando a gente fala os conteúdos sociais, é muito mais simples do que esse conteúdo sistemático.

E quais foram essas mudanças? Dentre essas práticas, quais foram as que não deram certo nessa experiência do estágio?

Eu acredito que essas práticas que não deram certo são as que foram as más relações, ou então as más que as más relações com outras escolas. Eu acredito que talvez. Eu sempre fui muito atencioso com as crianças e de certa forma me incomodo, porque querendo ou não, criança sempre tem preferência e aí quando é escutado, a tal criança fala que prefere o professor, a criança prefere... Aí acho que isso gera incômodo. Então, acredito que foi difícil lidar com algumas coordenações de escolas que eu passei.

Talvez por não entenderem, como eu lido com as crianças diferentes, ou com o favoritismo que existe dentro da escola pública.

No caso, vendo os professores.?

Suj. 2: Da própria direção, de alguns diretores, professores, caso assim, tudo muito maquiado, nunca diretamente.

Mas velado.

Aí chegava através da condenação, o professor A, professor B acha que é desnecessário esse afeto com as crianças, mas nunca eu soube quem era, o porquê desse tipo de comentário, se realmente existia, se partia de professores ou parte da própria coordenação.

É isso que você considera como algo que não foi ruim, que não deu certo?

Suj. 2: Não deu.

O que você mostrou mais importante é o que se mostra mais importante nas relações com seus alunos?

Suj. 2: O aprendizado. Com toda certeza eu aprendo muitas coisas que eu não fazia ideia que precisava aprender com as crianças. Eu acho que depois que eu comecei a estagiar, eu sou muito mais humano do que eu era antes, porque eu venho de escolas que, comparadas à renda familiar das crianças, enfim, o lugar que a escola está inserida, a periferia. Então, as realidades que eu vivi e que eu vi das crianças eram coisas que eu não tinha ideia do que eram.

Porque eu acho que eu estou tão preso em uma bolha que eu vejo que uma criança já não tem onde morar, que já morou em casa, que não tem o que comer, o que come por dia é o que tem na escola. Então acho que esse aprendizado com as crianças é o que mais me marca até hoje. Inclusive, apesar de eu estar numa escola socioeconômica melhor agora, com poder social econômico melhor. Mas outras experiências, esse aprendizado com as crianças, esse dever humanizador foi essencial pra mim.

Você vai conhecendo com mais afinco outras realidades diferente.

Suj. 2: Demais. E eu acho que, eu acho que eu me tornei mais humano quando eu comecei a ter a noção de que eu poderia ajudar externo à escola com lápis, borracha e caderno, tirando do meu próprio dinheiro pra dar pra uma criança que ele não tem condição de comprar.

Que acontece muito nas vezes a gente vê crianças que precisa do básico e não tem.

Suj. 2: Demais, e às vezes a escola até fornece estoque. E assim também existe essa preocupação de que será que a criança vai cuidar? Então, sempre é

preciso ficar atento e sempre conversar com ele sobre a importância de valorizar as coisas. Então eu acredito que isso foi algo que aprendi muito na avenida. Nossa, eu percebi o quanto que eu tenho uma vida boa e outras pessoas assim, outras crianças que nunca que eram pra passar por dificuldade, por fome, por não ter onde dormir ou por não ter onde morar, por morar de favor. Então acredito que seja isso.

Humaniza. E o que contribuiu para a formação e desenvolvimento profissional na sua atividade docente?

Suj. 2: Eu acredito que principalmente essa parte mais sistemática quando se trata dessas, desses planejamentos pedagógicos, dessas reuniões escolares, a Francisca que a pedagoga da escola, ela me orienta de uma forma que eu me sinto tão... Eu não sei explicar, porque eu aprendi a fazer plano de aula dentro do estágio (não obrigatório), apesar de já ter visto na teoria, na universidade, eu aprendi mesmo a fazer dentro do Estágio (não obrigatório). Com todo esse planejamento eu vim aperfeiçoar aqui na escola, apesar de eu já ter o conhecimento e saber como fazer.

Mas esse aperfeiçoamento dessas questões sistemáticas acontece dentro da escola, dentro do estágio. E eu acredito que quando se trata de planejamento pedagógico, foi fundamental para eu poder me organizar melhor, para eu fazer um plano de aula que não é aquele mirabolante, que é possível e existente e que eu posso contemplar em sala de aula.

Entendo. E assim, qual a diferença que você vê entre o estágio não obrigatório, que é isso que você faz aqui e o estágio supervisionado que você faz na universidade?

Suj. 2: É muito diferente, porque aqui dentro do estágio não obrigatório, eu atuo basicamente como professor, então eu não me vejo aqui como um estagiário. Inclusive, eu não sou respeitado como estagiário, sou respeitado como professor. No estágio obrigatório é algo muito mais simples, eu não tenho toda essa obrigação, essa responsabilidade que eu tenho dentro de sala de aula, no estágio obrigatório, eu não vou aplicar prova, eu não vou ser responsável por fazer uma prova, eu não vou ser responsável pela porcentagem de acertos ou de erros que esses alunos vão tirar. Dentro do estágio não obrigatório eu sou, se a disciplina de matemática, por exemplo, ela for ruim é responsabilidade minha. Então acredito que a diferença é essa, que é responsabilidade do estágio não obrigatório, é muito maior do que a do obrigatório.

E você vê isso como coisa positiva ou não. O estágio não é obrigatório para você e você vê como uma coisa positiva na sua formação acadêmica?

Hoje sim, hoje eu acredito que talvez eu não teria sido o profissional que eu sou hoje se eu não tivesse passado pelas experiências no estágio obrigatório. Porque querendo ou não, os estágios obrigatórios eles são muito simples, é muito objetivo as coisas, você chega, você tem que fazer um plano de aula, tem que fazer a sua observação, e aqui não, aqui vai para muito além de sala de aula. Aí eu faço parte da sala de aula, das reuniões, planejamento pedagógico, da vida dessas crianças. E o estágio obrigatório é uma forma muito mais simples de ter o ensino sistemático com o objetivo de contemplar as coisas que vem de dentro, lá do plano de curso, da matéria.

Então você acho que contribui muito para essa formação?

Suj,2: Com certeza.

Quais os principais conhecimentos que foram construídos durante a sua experiência do estágio não obrigatório? O que contribuiu assim, quais os principais conhecimentos que você construiu durante esse processo?

Suj.2: Acredito que para além desse perfil humanizador, esse conhecimento mediador que veio para mim, eu aprendi a estudar de fato esses conteúdos sistemáticos, matemática, português, que era uma coisa que eu não tinha experiência. Então foi algo que assim, que abriu os meus olhos, iluminou as minhas ideias para que eu estudasse, para eu poder preparar as minhas aulas. Porque antigamente, talvez no primeiro mês, o segundo mês de estágio, a minha ideia era dar aula, depois só depois fazer o planejamento. E eu acredito que um monte de estagiários fazem isso, para eles saberem como lidar com a sala, e hoje não, olhar para a minha aula fundamentada em livro e atividades na BNCC, apesar de eu sentir muito esse engessamento da BNCC e desses currículos, porque às vezes os currículos eles na maioria das vezes eles não contemplam a realidade da escola. Então é muito difícil você ser cobrado por algo que você sabe que essas crianças não vão conseguir realizar. Então, acredito que tenha sido isso que tenha contribuído. Essa questão de eu aprender a estudar esses ensinamentos sistemáticos, esses conteúdos, para que eu consiga dar uma aula de qualidade.

Então a experiência na prática do estágio, ela, digamos assim, ela foi muito mais, contribuiu de forma muito mais intensa do que só a teoria que você tinha da Universidade?

Suj.2: Com certeza. Eu acho que se eu tivesse ficado só naquela bolha da universidade, eu não saberia a realidade de uma escola pública, eu não saberia que existiam outras bolhas fora da minha. Porque teoricamente a gente sabe, mas é diferente quando a gente vê, e aí quando você escuta de um aluno que está todo o dia na sua sala: “professor, alguma coisa que eu vou comer hoje, é o almoço da escola, o lanche da escola”. Isso meche completamente na cabeça de quem está lá dentro. Então, acredito que vai para além desse aprendizado sistemático, vai para este aprendizado social, humanizador.

Que tipo? Mexe muito com os nossos sentimentos apesar verdade a gente precisar ser profissional, não gostar de estar demonstrando fraqueza e tal, mas sempre esse lado de ser, ser humano.

De ter sensibilidade também.

Até porque também acredito que o papel do professor é fundamental, é fazer com que o ambiente seja acolhedor para que o aluno se sinta bem e confortável. Queira estudar com professor, porque tem muitos alunos quando eu cheguei na escola, odiava matemática e hoje não vê a hora de ter aula de matemática ou não gostava de ciências porque achava muito difícil e hoje não veem a hora de ter aula de ciências. Talvez por gostar do professor, porque eu ouço muitas mães falando: “Meu Deus, meu filho não vê a hora de ter a sua aula”. Mas, talvez seja por esse afeto, carinho que as crianças acabam tendo por mim, por eu tentar fazer esse espaço acolhedor para ela

Isso é verdade. Essa afetividade desenvolve o interesse pela aula, pelo conteúdo. Então, acho que isso é bem, isso é bem real, de fato mesmo. Então é isso. Muito obrigada. Gratidão.

Entrevista, sujeito 3.

Olá, estamos aqui para conversarmos sobre material que você escreveu você fala um pouco de suas experiências que você viveu no estágio não obrigatório, as práticas que você organiza e realiza em sala de aula e também as relações com os alunos com você estabelece. O processo de formação e desenvolvimento profissional que são decorrentes dessa experiência que você tem através do estágio não obrigatório.

Então a primeira pergunta, o que por que é você apontou no memorial com mais como mais importante em relação a suas vivências no estágio não obrigatório?

Suj.3: O mais importante é parte do. Conhecimento na prática, porque eu relatei que na Universidade é totalmente diferente do que a gente vem pra escola. Na parte do diferencial que eu me coloco, quando eu cheguei e fui as crianças que tem algum tipo de deficiência, seja ela autismo, seja ela intelectual, seja ela com Down, então, eu me voltei mais pra essas criança, então, a parte que eu coloco dessa, do aprendizado, é de como eu posso ajudar essa criança se desenvolver melhor e tentar chegar numa equidade das outras crianças.

Então você se volta mais para essas crianças especiais? Isso foi o mais importante pra você, essa experiência, que na Universidade você não teria essa vivência se caso não fizesse o estágio não obrigatório?

Suj. 3: Isso, não teria tido essa experiência caso não fosse o estágio não obrigatório, isso é mais importante pra experiência com as crianças, que na universidade não teria.

Com relação às práticas como você falou quais você indicaria como as mais marcantes bem-sucedidos no estágio não obrigatório?

Suj. 3: As minhas tarefas diferenciadas. Essa que está aqui do nosso lado, ela não me larga por causa desse detalhe, então assim, quando a gente vem pra sala de aula porque a gente aprende que cada criança ela tem a sua forma de aprendizado, alguns conseguem aprendem mais lendo, outros ouvido, outros escrevendo, e eles já tem essa limitação no aprendizado, então eu quis trazer algo de diferente pra eles, então eu fui buscar, eu fui estudar como é que eu poderia colocar o meu conteúdo em atividades adaptadas pra ele, e isso foi o que trouxe eles a mais pra mim, essa parte afetiva da relação professor-aluno, eu percebi no meu fazer diferente pra eles

Então essa aproximação corroborou muito na sua formação com os alunos, e essas as atividades que você coloca como as que mais marcou.

Suj. 3: Nesse caso, as atividades diferenciadas, adaptadas pra eles. Nesse caso, por exemplo, vou citara a Helem, ela tem Down, então ela ler, mas ela não ler perfeitamente, ela escreve, mas não escreve perfeitamente, porém, se eu perguntar alguma coisa que eu relate na sala, que eu escreva, seu colocar perguntas pra ela expor o pensamento dela, ela não vai conseguir, então, as tarefas dela eu fazia adaptada pra que ela observasse em forma... tipo, uma que chama muita atenção animais invertebrados, então eu falava pra ela o que era um molusco, o que é um

artrópode, e ela foi visualizando então no visual ela conseguiu fazer ela respondeu a prova tirou 10 e ficou alegre como qualquer outro aluno ficaria por que ela conseguiu assimilar o conteúdo.

Então, graças a sua didática de acordo com a capacidade dela ?

Suj.3: Correto.

E quais foram as práticas mais difíceis no estágio não obrigatório?

Suj.3: A mais difícil ainda é conseguir, trazer eles pra esse pensamento da importância do estudo, eu acho que eles como são alunos de uma classe, de média pra baixa e a falta de incentivo muitas vezes da própria casa por país ou algum parente mais próximo que cuide, de ter essa preocupação esta observação, eles vem pra escola como se a escola só fosse pra vir passar a tarde, eles não tem mais essa questão do: “ o que que eu vou fazer pro meu futuro”, então eu tento colocar novamente, mas não sei se foi a pandemia, aí não sei se foi passar praticamente quase dois anos só em casa, mas, eu tento resgatar neles essa questão de que o estudo pode fazer uma transformação na vida deles.

E quais foram dentre essas práticas, quais delas que não deram certo?

Suj. 3: É, que eu ainda tentei fazer e não consegui, eu acho que aplicar algumas atividades que a gente chama de metodologias ativas, no caso a parte de ramificação, que eu tentei fazer e não consegui com eles, as quatro estações, apesar que as quatro estações não é nem algo muito... como é que eu posso colocar? Que necessitasse de tecnologia, mas a parte da ramificação foi a mais difícil, porque eles querem utilizar o celular, mas não querem utilizar o celular para aprender, querem utilizar para outras funções, massa porque que eu tentei e não consegui foi trazer metodologias ativas pra sala de aula como exceção da parte das apresentações que não chamar de apresentação, chamamos de seminários/ fóruns, eu consegui aplicar todos que eu desejei fazer, eles participaram muito bem, alguns até de forma bem é... Com muita dedicação, bem dedicados, porque eu explicava como é que seria o seminário, eles simplesmente não viriam pra ler, eles estudavam, eles explicavam o conteúdo daquilo, da forma que eles aprenderam, que é o intuito, não é que ele venha com algo decorado na cabeça, mas que ele consiga repassar pro colegas, falar né, e fazer uma discussão do conteúdo que ele aprendeu, isso aconteceu com muito sucesso

Bom, e o que se mostra mais importante nas suas relações com os alunos?

Suj.3: Essa questão de conquista, de afeto, de respeito, então assim, porque como eu disse, não sei se devido às mudanças que a gente teve, se foi pandemia, eu acho que eles são às vezes mais ríspidos, alguns ainda são mais que com o tempo você vai conversando, vai informando e aí você vai criando uma afetividade.

Afetividade é algo que você cita como algo que se desenvolveu bem, na sua prática docente?

Suj.3: sim, e aí com isso consegui com que eles me dessem uma forma sentir respeito na sala, porque uma das coisas que eu vejo mais e ouço dos outros professores é a insatisfação do comportamento dos alunos em sala de aula, que pra

mim não é um problema, eu consigo dar minhas aulas tranquilamente, claro, não 100% porque são alunos, nem sempre aquele que vai tá ali conversando, tendo uma conversa, puxando assunto, outro tirar um pouco da atenção, mas que na maioria das vezes pra mim não é algo que me atrapalha na minha didática, na minha aula.

Você coloca que a afetividade é o que traz essa facilidade de eles participarem mais?

Suj.3: Sim, não adianta eu chegar com uma autoridade dentro da sala e não demonstra que eu posso ser também uma amiga, claro que papel professor papel de orientador de certa forma mesmo que seja de algo particular, porque nesse meio a gente envolvida com muita criança com a crise de ansiedade, de depressão, problemas familiares e eles estão numa fase que às vezes eles não querem conversar com alguém de casa, mas com alguém de fora, então eu sempre quis mostrar que eu não estava aqui apenas como Professora, como educadora, como alguém somente para transmitir conhecimento, mas que eles podem sim relatar algo a mais, e isso foi construindo uma amizade, com respeito, papel professor/aluno, sem fugir o limite.

E o que que você acha que mais contribuiu para a sua formação e desenvolvimento profissional na sua prática do estágio não-obrigatório?

Suj.3: o que mais contribuiu foi realmente vivenciar o que eu sei que não vai ser diferente nenhuma outra escola que eu for passar, aqui está sendo algo passageiro, vou fazer concurso, eu já não vou ter o medo que eu tinha inicialmente, porque eu cheguei não aqui, mas antes do Simões, eu estagiei em outra escola e foi literalmente jogada, assim: “a sala é tua trabalhar com ela”, e não era diferente os alunos, há os alunos que são mais atenciosos, há os alunos que tem mais interesse, então é aprender como lidar com essa diversidade de formas de aluno, isso acho que foi o que mais me contribuiu na minha na minha parte profissional.

Você teve apoio da escola, da gestão esta obra da coordenação pedagógica pra desenvolver suas habilidades durante o estágio?

Suj. 3: Sim, no caso das meninas (equipe escolar) sempre foram muito prestativas, claro que é muita correria, muita coisa, tem muito detalhe, mas em qualquer dificuldade elas sempre auxiliam, como por exemplo: plano de aula, eu tinha uma dificuldade muito grande, então eu não tive uma orientação de outro professor, a gente já assumiu a sala, mesmo antes daqui como eu disse, relatei da outra escola, eu já assumiu a sala sem ter um professor que visse se eu estava fazendo de forma correta, eu até relatei alguma vez, eu não sei nem se eu dou a aula direito, mas, assim, elas sempre dão apoio, eu sempre fui dessa forma elogiada pela parte do diferencial, porque a minha maior preocupação, como falei, não é só fazer com que o aluno que não tem limitação aprenda, mas também trazer o que tem a limitação para aprender, elas (equipe escolar) sempre disseram que eu tinha essa liberdade, mas sempre mostrei antes da execução pra elas algumas atividades, e mostro pra coordenadora, às vezes ela fala pra diretora, já fui até a apontada em alguns encontros pedagógico pela questão do diferencial.

Quais são os principais conhecimentos que você construiu na sua prática de estágio não-obrigatório?

Suj. 3: A minha parte de lidar realmente com o que tem dentro da escola, acho que o que realmente contribuiu, é essa de saber o que sempre vai poder vim apesar de sempre serem formas diferentes, é um lidar com pessoas diversificadas de todas as formas, tanto por parte do aluno, por professores e os profissionais, pais, então, foi a questão do conviver com pessoas, e tentar poder e ajudar da melhor forma. A parte que me coloca como profissional, porque o que eu imagino que a função do professor é justamente criar essa vontade nos alunos de que ele tenham esse interesse pela educação, que a educação ela é transformadora, então, eu acho que eu faço, pelo menos tento fazer da melhor forma de demonstrar que eles podem através da educação ter um futuro diferente, eles podem transformar a vida deles, a vida da família deles, essa parte que realmente eu acho que pra mim não sai do meu propósito como educadora, formada depois, e permanecer dessa forma, Independente das dificuldades da vida de professor, salário, tempo, tirar isso de mim, eu não quero que a insatisfação por possuir dentro da sala de aula alunos desinteressado, que a gente sabe que sempre vai ter aquele aluno, por questão de dificuldade no aprendizado do aluno não eu não vir a dar importância, pra mim de tudo, de tudo, é essa parte que fica , que mais contribuiu.

Outra pergunta, o que você acha sobre estágio não obrigatório em que ele difere do estágio obrigatório? O que estágio não obrigatório de propiciou, te proporcionou na sua formação docente que o estágio supervisionado (Estágio Obrigatório) não proporcionou?

Suj. 3: Eu vou te dizer a diferença, eu acho que eu aprendi mais com o Não-obrigatório do que com o obrigatório, eu não sei se porque a gente tem que levar os dois ao mesmo tempo, como ano passado exerci o meu obrigatório e o não-obrigatório ao mesmo tempo, obrigatório pela manhã, não obrigado à tarde, porém, eu conseguia acho que pela questão do tempo que não é limitado, o obrigatória é limitado, você tem a sua carga horária então você chega, talvez a vez ou a carruagem já começou você pega um meio e não vai chegar ao final. Então aquele pequeno período você não consegue criar, como eu disse, a afetividade com os alunos, você dá aula por dar aula, por comprimento de carga horária da Universidade, o que é diferente do não-obrigatório, neste você consegue exercer o que você vai ter que fazer, você consegue iniciar, ter o meio e terminar o teu trabalho, então, pra mim essa foi a maior diferença, a diferença, pra mim o obrigatória é cumprimento de carga horária da Universidade, já o não-obrigatório seria mais entrar com prazer da execução da profissão, executar a profissão com mais afinco.

Entrevista sujeito 4.

Olá, nós estamos aqui pra conversar sobre memorial você escreveu, você escreveu sobre suas experiências que você viveu no seu estágio não-obrigatório, as práticas que você organiza e realiza em sala de aula, as relações com os alunos que você estabelece, e o processo de formação e desenvolvimento profissional, que é decorrente das experiências do estágio não-obrigado. Primeira pergunta, o que você apontou no seu memorial como o mais importante em relação as suas vivências no estágio não-obrigatório?

Suj.4: A questão de ser um ambiente bem dinâmico e bem enriquecedor, o ambiente de sala de aula, ele vai se mostrar bastante abrangente, do tipo de aluno que a gente vai encontrar, da questão de ser bem denso o trabalho ali que a gente vai desenvolver com os alunos, até mesmo pra mediar esse conhecimento pra eles, eu coloquei que essa vivência talvez ela se coloca como uma faca de dois gumes, porque as vezes ela é uma experiência muito boa, porque a gente entra em algumas turmas e consegue desenvolver um trabalho muito bom, e em outras turmas a gente sente que a turma em si dificulta, então a experiência em si, a vivência em si se torna um pouco ruim, então, o que me acaba de questionar um pouco se é isso mesmo que eu quero, porque sou novo, aí as vezes a gente fica naquela: “Será se o ambiente de sala de aula é pra mim?”, então acho que essas vivências elas estão mais atreladas a essa linha que pode as vezes ser muito boa, da gente ter esse contato com o aluno, só que as vezes muito ruim, e eu acho que além disso, essa vivência propicia eu poder sentir que eu estou fazendo algo que tem uma funcionalidade, que como a gente passa mais tempo na Universidade, a gente não tem essa noção de como é está inserido dentro de uma sala de aula e o que é justamente o que esse estágio não obrigatório oferta pra gente, essa ideia de saber realmente como funciona as coisas.

Então, na sua experiência com o estágio não- obrigatório você teve esse choque?

Suj. 4: É, porque assim, a partir do momento que eu entrei, eu ainda nem tinha pago a disciplina de didática na Universidade, então eu não tinha pago nenhuma disciplina de estágio não obrigatório, então foi realmente o meu primeiro contato, tanto que eu enfatizei que em relação ao momento de estar entrando em sala de aula, se a escola dava direcionamento e orientação, pra mim isso não aconteceu, porque eu acho que a ideia que surge na escola é de que a gente já chega preparado pra dar aula, sendo que em muitas vezes como é o meu caso que entrei no estágio não-obrigatório no 4º período, eu não tinha um direcionamento de como dar aula, eu nunca tinha visto alguém dar aula, eu somente tinha visto com os olhos de aluno, o que é uma visão totalmente diferente de você entrar com um olhar de está a frente de uma turma, e não ter alguém ali pra te direcionar, te dizer mais ou menos quais estratégias trabalhar, é um choque inicial .

Quais práticas você indicaria como as mais marcantes e bem sucedidas no seu estágio não – obrigatório?

Suj.4: Eu acho que as práticas mas de nível de gramática mesmo, o conteúdo, eu falo isso porque eu sei muito captar os assuntos como estudante, mas não sei se sabia se eu ia ter essa possibilidade de repassar esse conteúdo pra outras pessoas, que é o conjunto de alunos, então as práticas que eu senti que foram mais interessantes foram os trabalhos que a gente desenvolve com eles, tipo: as reportagens, tudo isso vai fazendo a gente ter uma visão bem mais ampla, vendo eles desenvolverem trabalhos mais diferenciados, porque uma coisa é quando a gente elabora isso na teoria, em casa isso é muito perfeito, mas quando a gente traz isso pra sala de aula a gente tem que saber a forma como a gente vai trazer, porque cada turma as vezes tem umas que gostam de fazer a atividade, já outras não gostam, então a gente tem que fazer com que eles sigam ali o nosso roteiro, embora a gente faça as modificações dentro de sala de aula.

E quais dessas práticas você considera as mais difíceis?

Suj.4: são as que envolve o material didático, eu sinto que os materiais didáticos que são repassados pela prefeitura, as vezes não são tão bons pra o professor, são materiais que acabam dificultando o nosso exercício da profissão, a desenvolver práticas, pois esse material é muito conteudista, muito preso. Eu como professor estagiário de língua portuguesa, a gente recebe uma matéria, e todo mês é direcionado pra gente, o conteúdo que deve ser trabalhado, de qual página a qual página a gente tem que a gente perde um pouco do senso de ser uma pessoa que está construindo algo, é como a gente tivesse replicando um trabalho já vem pronto, já vem tudo amarrado, as vezes não dá pra fazer algo novo, a gente tenta trazer, mas a gente tem que seguir aquela linha.

E nessas práticas, quais que você considera não ter dado certo, quais você considera não ter conseguido ter êxito?

Suj. 4: Eu acho que principalmente as práticas que envolvem leitura, porque as vezes é muito difícil eles terem esse olhar de parar e saber analisar, práticas de leituras foram as mais complicadas de se trabalhar em sala de aula.

O que se mostrou mais importante nas relações com os alunos durante o seu estágio não- obrigatório?

Suj.4: Eu acho que a questão da afetividade, que a gente desenvolve por eles e eles desenvolvem pela gente, também a questão de estarmos lidando com múltiplos perfis em sala de aula, então, a gente encontra diversos alunos de diferentes tipos, então a gente tem que ir fazendo aquele joguinho de tentar se encaixar, de tentar entender, compreender de onde vem cada um, acho que mais nesse sentido, obviamente a afetividade contribui para o aprendizado do aluno, quando o aluno, uma turma te aceita bem, eles sentem o prazer em está tendo a sua aula, e aí você consegue trazer bem mais coisas e você sente um profissional mais valorizado, e uma vez que a gente sente valorizado naquilo que a gente está se promovendo a fazer, a gente tende a sempre querer fazer mais, diversificar, agora, em uma turma em que a gente não é tão bem recebido, acaba que a gente fica mais limitado, não que a gente não queira, mas a gente percebe que a turma não vai querer, então as vezes trazer um conteúdo por trazer, sem dar em nada, a gente fica meio ali com o pé atrás.

E você acha que mais contribui para sua formação e desenvolvimento profissional na sua prática no estágio não- obrigatório?

Suj.4: Eu acho que mais contribuiu foi, me dar um parâmetro de como funciona uma sala de aula, porque o conteúdo pelo conteúdo é algo que eles podem explorar até fora de sala de aula, é algo que eles podem acessar na internet, so que eu acho que esse contato com o aluno esse contato com o ambiente escolar, com a coordenação, tudo isso é bem amplo, porque eu não estou aqui apenas pra passar um conhecimento, jogar pra eles, isso tudo vai está atrelado, a forma como eu me posiciona em sala de aula, a forma como eu me posiciono fora da sala de aula com a coordenação, tudo isso vai está arraigado, e acho que constrói esse profissional em mim, como a gente pode se dar bem dentro e fora de sala de aula, a gente vê que tem casos e casos, não tanto de conteúdo, como eu coloquei no questionário, querendo ou não eu tive um aprofundamento em nível de conteúdo, os conteúdos que eu trabalho de gramática, os conteúdos que eu vejo na Universidade , existe essa

disparidade, na gramática a gente estuda quatro gramática menos a tradicional, já no ambiente escolar, é exigido a tradicional, então acaba que a gente perde um pouco esse senso de gramática, aí a gente a gente volta a estudar, só que não mais com o olhar de aluno que precisa aprender aquele conteúdo pra fazer uma prova, mas que precisa prender, reforçar o conteúdo pra poder passar o conteúdo pro aluno, pra trazer o máximo que eu posso pra eles.

Quais for os principais conhecimentos que você construiu durante o seu estágio não- obrigatório?

Suj.4: Contribui mais pro meu conhecimento, como elenquei aqui de pessoa, conhecimento pessoal, nesse parâmetro de entender as relações, entender ser mais paciente, porque eu sou meio impaciente, então, entender que ali não sou só eu, entender que tem uma pessoa não que está dependendo de mim, mas que está ali, que eu tenho que auxiliar a chegar ao máximo dele, eu acho que o conhecimento que se estabelece pra nós em relação ao estágio não-obrigatório é esse conhecimento humano, esse conhecimento humano olhando pessoas bem mais novas que a gente, porque eu não estou falando de uma pessoa de igual pra igual, eu estou falando com um aluno, então a gente tem que ter saber trabalhas a nossa comunicação, o que a gente fala em sala de aula tem que ser muitas vezes controlado, minimizado, porque é uma pessoa que não tem a carga emocional que eu já tenho, não tem a bagagem que eu já tenho, e que eu tenho que fomentar um conhecimento critico pela parte dele.

Você colocou essa questão do senso crítico, você acha que nas suas aulas você consegue desenvolver essa questão do senso crítico também?

Suj.4: Olha, eu não posso dizer com certeza, porque a gente acaba lidando muitas vezes com formas de avaliar muito complexas, porque querendo ou não na Universidade gente sai com uma noção de que o ambiente da sala de aula é uma coisa, sendo que na realidade é outra, e aqui a gente acaba tendo que ir de volta, retornar as raízes do modelo tradicional, que é aquele modelo que o aluno faz uma prova, que questiona, então muitas vezes a gente não tem esse parâmetro tão definido se eles tem uma capacidade crítica ou não, só que as vezes a gente traz algo pra ser explorado, debatido, e a gente ver eles fomentando comentários de: “não, eu me oponho a isso, eu me oponho a aquilo, você percebe que nitidamente, não só eu como os outros profissionais, eu sou professor de língua portuguesa, mas dependo também dos professores das outras disciplinas, porque querendo ou não o conhecimento é interdisciplinar, não cabe a mim dizer que isso é um trabalho desenvolvido só por mim, mas por um conjunto de professores, e agente ver que os alunos vão se aprimorando, alguns com mais facilidades, outros com mais dificuldades, porque eles querem ficar mais afincado a aprender o conteúdo, porém, isso é o mais exigido ne?!

O que você diferencia do estágio supervisionado para o estágio não-obrigatório, e o que o estágio não- obrigatório propicia para você quanto professor estagiário que o estágio supervisionado não conseguiu te propiciar?

Suj. 4: Olha, do ponto que eu estou agora, eu ainda não fiz os dois estágios supervisionados, que é o de ensino fundamental e do estágio do ensino médio , eu só fiz o estágio do EJA, então eu não vou saber te dizer se tem alguma diferença muito gritante desse estágio, o que eu faço com os meninos do fundamental no estágio

supervisionado para o que eu faço com a mesma turma/ série no estágio não – obrigatório, mas o que eu percebi já de antemão é que nesse estágio não-obrigatório, eu tenho uma certa autonomia, enquanto no estágio obrigatório eu não tenho uma autonomia, eu dependo de uma figura ali, eu dependo de um professor que vai está meio que supervisionando durante esse processo, mas, acaba que tem esse olhar, porém, esse olhar do supervisor fomenta na gente um olhar que a gente não tem, porque como eu entro aqui na sala de aula pra ministrar disciplina, não tem ninguém comigo, então, é aquela coisa, se eu fizer errado não tem ninguém nesse primeiro momento pra falar assim: “Olha, ta errando nisso, pode modificar e fazer dessa forma, pode adaptar assim...”, eu acho que é isso, esse não olhar que a gente não tem. No estágio obrigatório a gente não tem esse contato a longo prazo, é um período de tempo, é um ou dois meses que você fica, entao acaba que você não tem uma finidade com a turma, não tem tempo pra desenvolver aquele afeto, aquele senso de grupo, você acaba ficando mais num nível superficial, tento que fazer determinadas coisas pra preencher tabelas que o estágio obrigatório exige. Já no estágio não-obrigatório, acredito que eu tenha mais liberdade, mais chance de conhecer a turma, embora também no estágio não-obrigatório a gente muda muito de turma, e as vezes a gente tem dificuldade de ver a conclusão do trabalho a longo prazo, mas nesse estágio (não obrigatório), a gente consegue ter mais liberdade, desenvolver melhor as habilidades docentes, um cronograma desenvolver a criticidade com alunos, coisa que não é possível no estágio supervisionado (obrigatório da Universidade), pois esse estágio é apenas um recorte rápido, pra preencher o requisito básico da Universidade.

Com relação ao apoio da escola, gestão, coordenação pedagógica, você tem esse apoio pra desenvolver as suas atividades docentes, seu plano de aula, ou alguma outra dificuldade que você venha a ter na sua prática docente?

Suj. 4: Eu sinto uma liberdade extrema de desenvolver o que tem de ser desenvolvido e também de desenvolver meu plano de aula, de trazer coisas, implementar coisas, eu não tenho muita restrição, o que mais me pega, ser o que você entra, assustar um pouco, quando chega o material da secretaria de educação , você acha que é uma coisa , mas quando você ver é outra, você acaba tendo esse choque inicial, mas acho que a partir do momento que você vai passando o tempo, você vai desenvolvendo isso com mais naturalidade, e eu sinto que a coordenação tem confiança na gente, no trabalho que a gente desempenha, e qualquer coisa que aconteça, eles apontam, eles ajudam, eles auxiliam, eles estão sempre a sua disposição também pra auxiliar, tenho muito apoio da escola, mas do que tenho da Secretária de Educação do Municio

Com relação ao seu estágio não-obrigatório você acha que ele é importante na sua formação, você acha que faz diferença na sua formação docente? E como você definiria o estágio não-obrigatório na sua formação?

Suj. 4: Eu acho que o estágio não-obrigatório é de extrema importância, porque assim, eu tenho uma irmã que é formada em geografia, fez o mestrado, só que como ela trabalha em hospital ela não largou o emprego dela para poder estagiar, apesar de ele hoje ter uma formação boa, mas com a ausência dos estágio não-obrigatório, ela não tem a didática, ela tem poucas horas de sala de aula, então eu vejo que ela mão acabou indo pra área da educação porque as escola já esperam que a gente tenha o contato, a experiência, o que ela não tem, o que pra mim, essa

experiência foi de extrema necessidade, pois foi esse um dos motivos que fizeram com que eu quisesse tanto o estágio não-obrigatório, principalmente na minha área, eu sei que quando eu sair da Universidade, o mercado vai exigir de certo modo, que eu já tenha essa noção, vai exigir que eu tenha pelo menos um norte, uma experiência, e também eu não tinha tido até então um experiência trabalhista, então a experiência do estágio não-obrigatório foi muito boa pra mim